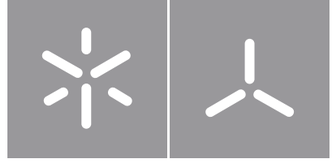
Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Clara Cruz Silva

Redes de Coabitação:
As Cooperativas de Habitação Económica (C.H.E.'s) como Modelo de Habitar

junho de 2026

Redes de Coabitação: As Cooperativas de Habitação Económica (C.H.E.'s) como Modelo de Habitar
Clara Cruz Silva
UMinho | 2026



Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Clara Cruz Silva

Redes de Coabitação:
As Cooperativas de Habitação Económica (C.H.E.'s) como Modelo de Habitar

Trabalho de Projeto
Mestrado Integrado em Arquitetura
Cidade e Território

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Rute Carlos

junho de 2026

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.
Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.
Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-SemDerivações
CC BY-ND

https://creativecommons.org/licenses/by-nd/4.0/

Agradecimentos

Obrigada,

À Professora Rute, pela orientação, disponibilidade e apoio constante, não só ao longo da elaboração desta tese, mas também, durante outros semestres do meu percurso académico, que contribuíram significativamente para a minha formação.

À minha mãe, pelo apoio incondicional e paciência durante todo o meu percurso académico, e à minha família, por toda a ajuda e interesse.

Aos meus amigos e colegas, especialmente, Anabela e Maria, por toda a ajuda, motivação e disponibilidade, que me acompanharam desde o primeiro ano até ao último trabalho académico.

À Câmara Municipal de Águeda pelo apoio financeiro.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.
Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Ética e Conduta da Universidade do Minho.

DECLARAÇÃO DE USOS DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (AI)

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri a qualquer forma de utilização indevida de ferramentas de Inteligência Artificial (IA), nem à falsificação ou omissão de informações, fontes, dados, resultados ou processos em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração.
Declaro ainda que qualquer utilização de ferramentas de IA foi feita de forma transparente e responsável, encontrando-se devidamente assinalada/descrita no trabalho, e que procedi à verificação crítica da exatidão do conteúdo produzido com o seu apoio, assumindo integralmente a responsabilidade pelo que submeto.
Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Ética e Conduta da Universidade do Minho, bem como as normas aplicáveis de integridade académica e de proteção de dados.

Redes de Coabitação: As Cooperativas de Habitação Económica (C.H.E.'s) como modelo de habitar

Resumo

As Cooperativas de Habitação Económica (C.H.E.'s) surgem em Portugal como resposta à necessidade de acesso à habitação digna e a custos controlados, enquadradas pelo movimento cooperativista e reforçadas, sobretudo após 1974, por políticas públicas de promoção habitacional. Baseadas em lógicas de cooperação e participação dos moradores, estas estruturas assumiram um papel relevante na produção coletiva do espaço habitacional.

O presente trabalho, "Redes de Coabitação: As Cooperativas de Habitação Económica (C.H.E's) como modelo de habitar", desenvolve-se no âmbito da unidade curricular de Atelier Integrado, centrado no tema do Decrescimento, estruturando-se a partir da análise do território, do suporte à vida quotidiana e da materialidade. O objetivo é compreender as C.H.E.'s enquanto sistemas habitacionais e sociais e o seu potencial enquanto modelo alternativo de habitar.

O estudo incide sobre três cooperativas na Senhora da Hora, Matosinhos — Juntos Venceremos, Gente do Amanhã e A Telha — através de trabalho de campo, observação direta e análise documental. A investigação evidencia diferentes formas de organização espacial e social, bem como distintos níveis de apropriação coletiva do espaço.

A análise territorial revela um contexto fortemente marcado pela presença do automóvel, pela fragmentação dos percursos e pela descontinuidade dos espaços exteriores, fatores que influenciam a vivência quotidiana. Paralelamente, observa-se uma transição do modelo cooperativo inicial, de forte vida comunitária, para formas de habitar mais individualizadas e funcionalmente condicionadas.

Com base nesta leitura crítica, o projeto propõe a reativação das C.H.E.'s enquanto redes de coabitação, atuando sobre o rés do chão, os percursos, os espaços verdes e os vazios entre edifícios. A estratégia privilegia a mobilidade pedonal, a criação de espaços intermédios, a reprogramação dos espaços comuns e a continuidade entre cooperativas, promovendo novas formas de convivência e apropriação coletiva.

A proposta integra ainda uma dimensão de sustentabilidade material, através da demolição seletiva e reutilização de elementos construtivos, reforçando uma lógica circular alinhada com o decrescimento. Deste modo, o trabalho explora o potencial das C.H.E.'s enquanto ferramenta projetual para a reconfiguração do habitar contemporâneo, promovendo maior cooperação, proximidade e sustentabilidade.

Coabitação; Cooperativas de Habitação Económica; Decrescimento; Redes; Rés do Chão

Cohabitation networks: Affordable Housing Cooperatives (C.H.E.'s) as model of dwelling

Abstract

Affordable housing cooperatives (C.H.E.'s), emerged in Portugal in response to the need for access to decent housing at affordable prices, within the framework of the cooperative movement and bolstered, particularly after 1974, by public housing promotion policies. Based on principles of cooperation and resident participation, these structures played a significant role in the collective creation of housing.

This work "Cohabitation networks: Affordable Housing Cooperatives (C.H.E.'s) as a model of dwelling", is part of the Atelier Integrado course, which focuses on the Degrowth as main theme and is structured around an analysis of the territory, support for daily life, and materiality. The goal is to understand the C.H.E.s as housing and social systems and their potential as an alternative model of living.

The study focuses on three cooperatives in Senhora da Hora, Matosinhos, C.H.E. Juntos Venceremos, Gente do Amanhã, and A Telha, site visits, direct observation, and documentary analysis. The research highlights different forms of spatial and social organization, as well as distinct levels of collective appropriation of space.

The territorial analysis reveals a context strongly marked by the presence of the automobile, the fragmentation of pathways, and the discontinuity of outdoor space, factors that influence quotidian life. At the same time, there is a shift from the initial cooperative model, characterized by a strong sense of community, toward more individualized and functionally constrained ways of living in the contemporary context.

Based on this critical analysis, the project proposes the revitalization of the C.H.E.s as networks of cohabitation, focusing on the ground floor, pathways, green spaces, and the voids between buildings. The strategy prioritizes pedestrian mobility, the creation of intermediate spaces, the reprogramming of common areas, and continuity between cooperatives, promoting new forms of coexistence and collective appropriation.

The proposal also incorporates a dimension of material sustainability through selective demolition and the reuse of building elements, reinforcing a circular logic aligned with degrowth. In this way, the work explores the potential of the C.H.E.s as a design tool for reconfiguring contemporary living, promoting greater cooperation, proximity, and sustainability.

Cohabitation; Housing cooperatives; Degrowth; Networks; Ground Floor

Índice

Índice de Figuras

Introdução 1

Capítulo I **As C.H.E's com modelo de habitar**

1.1. Breve história das cooperativas de habitação em Portugal 5

1.2. As Cooperativas de Habitação Económica (C.H.E) 9

1.3. As C.H.E.'s de Senhora da Hora 11

1.3.1. C.H.E. Juntos Venceremos 15

1.3.2. C.H.E. Gente do Amanhã 23

1.3.3. C.H.E. A Telha 31

1.4. Síntese crítica 43

Capítulo II **Redes de Coabitação**

1.1. Da fragmentação à continuidade 49

1.2. Novas redes de coabitação 61

1.2.1. C.H.E. Juntos Venceremos: Continuidade espacial 63

1.2.2. C.H.E. Gente do Amanhã: Reprogramação dos percursos 73

1.2.3. C.H.E. A Telha: Libertação do rés do chão 81

1.3. Transformação de materiais: Demolição seletiva e reutilização 87

Conclusão 95

Créditos das Figuras 101

Bibliografia 103

Anexos

Anexo I – Investigação de grupo de Atelier Integrado 107

Anexo II – Base documental – Arquivo 117

Anexo III – Maquete 133

Índice de Figuras

Figura 1: Sociedade Cooperativa “Tenho uma Casa” 5

Figura 2: Plenário de moradores – SAAL 5

Figura 3: Plenário de moradores – Interesse na participação 7

Figura 4: 1º Congresso Nacional das Cooperativas de Habitação Económica 9

Figura 5: Enquadramento da área de estudo em Matosinhos 11

Figura 6: Localização das C.H.E.’s em Senhora da Hora 13

Figura 7: Planta rés do chão da C.H.E. Juntos Venceremos 15

Figura 8: Esquema axonométrico da análise da C.H.E. Juntos Venceremos 16

Figura 9: Cortes transversais, AA’ e BB’, com fotografias ilustrativas 17

Figura 10: Foto 1 da C.H.E. Juntos Venceremos 19

Figura 11: Foto 2 da C.H.E. Juntos Venceremos 21

Figura 12: Ilustração axonométrica extrudida da C.H.E. Juntos Venceremos 22

Figura 13: Planta rés do chão e da C.H.E. Gente do Amanhã 23

Figura 14: Esquema axonométrico da análise da C.H.E. Gente do Amanhã 24

Figura 15: Corte transversal CC’ com fotografias ilustrativas 25

Figura 16: Foto 1 da C.H.E. Gente do Amanhã 27

Figura 17: Foto 2 da C.H.E. Gente do Amanhã 29

Figura 18: Ilustração axonométrica extrudida da C.H.E. Gente do Amanhã 30

Figura 19: Planta rés do chão da C.H.E. A Telha 31

Figura 20: Esquema axonométrico da análise da C.H.E. A Telha 32

Figura 21: Planta rés do chão da C.H.E. A Telha, a construir, antes da segunda fase de construção 33

Figura 22: Fotos da C.H.E. A Telha atuais 34

Figura 23: Fotos da C.H.E. A Telha antes da segunda fase de construção 34

Figura 24: Corte transversal DD’ com fotografias ilustrativas 35

Figura 25: Foto 1 da C.H.E. A Telha 37

Figura 26: Foto 2 da C.H.E. A Telha 39

Figura 27: Ilustração axonométrica extrudida da C.H.E. A Telha 40

Figura 28: Ortofotmapa de 2023, da SMOS, com indicação da localização das antigas lagoas e montes da extração de caulino 41

Figura 29: Esquema axonométrico da análise da envolvente próxima das C.H.E.'s 41

Figura 30: Conjunto de fotos das atividades feitas nas cooperativas, documentadas até 2003 43

Figura 31: Cortes longitudinais, EE' e FF ', com a localização das antigas atividades 43

Figura 32: Esquema das rotinas atuais nas C.H.E.'s 45

Figura 33: Antiga coabitação na C.H.E. Gente do Amanhã 49

Figura 34: Ilustrações críticas 51

Figura 35: Ilustrações estratégicas 55

Figura 36: Esquema axonométrico extrudido com ilustrações da crítica 59

Figura 37: Esquema axonométrico extrudido com ilustrações da estratégia 60

Figura 38: Ilustração axonométrica extrudida do conjunto das C.H.E.'s com os princípios base da estratégia 61

Figura 39: Planta do rés do chão da C.H.E. Juntos Venceremos com a proposta de intervenção 63

Figura 40: Ampliação de zonas de intervenção tipo de acessos 64

Figura 41: Secção da planta do rés do chão do parque de estacionamento subterrâneo 65

Figura 42: Corte longitudinal AA' do parque de estacionamento subterrâneo 65

Figura 43: Corte transversal BB' do parque de estacionamento subterrâneo e pormenores da cobertura e floreira 67

Figura 44: Planta do rés do chão da C.H.E. Juntos Venceremos com a proposta de intervenção (repetição) 69

Figura 45: Ampliação de zonas de intervenção em: passeios e caminhos; espaços sociais – zona de brincar e zona comunitária 70

Figura 46: Foto 3 da C.H.E. Juntos Venceremos 71

Figura 47: Planta do rés do chão e secção da planta de cobertura da C.H.E. Gente do Amanhã com a proposta de intervenção 73

Figura 48: Ampliação de zonas de intervenção: pontes de atravessamento e vias 74

Figura 49: Ampliação de zonas de intervenção: passeios e caminhos 75

Figura 50: Ampliação de zonas de intervenção: planta de cobertura com mesas de cultivo 76

Figura 51: Ampliação de zonas de intervenção: corte transversal CC' 76

Figura 52: Desenhos técnicos do novo bloco de apoio desportivo: planta, corte transversal, longitudinal e alçado Sul 77

Figura 53: Foto 3 da C.H.E. Gente do Amanhã 79

Figura 54: Planta do rés do chão da C.H.E. A Telha com a proposta de intervenção 81

Figura 55: Ampliação dos lotes tipo: planta e corte 82

Figura 56: Ampliação da zona de intervenção dos passeios e caminhos 83

Figura 57: Desenhos técnicos do novo bloco de cafetaria: planta do rés do chão e corte transversal e longitudinal 84

Figura 58: Foto 3 da C.H.E. A Telha 85

Figura 59: Planta do rés do chão das C.H.E.'s com a proposta de intervenção e esquema axonométrico a demolir e a construir 87

Figura 60: Esquema com as contagens e identificação das áreas a demolir e a construir nas C.H.E.'s 89

Figura 61: Esquema da identificação e quantidades dos elementos a retirar e a reutilizar nas C.H.E.'s 91

Figura 61.1: Portão 91

Figura 61.2: Mesa de cultivo 92

Figura 62: Fotomontagem com a materialidade e elementos a reutilizar na C.H.E. Juntos Vencermos no núcleo a contruir 93

Figura 63: Fotomontagem com a materialidade e elementos a reutilizar na C.H.E. Gente do Amanhã no bloco de apoio desportivo 93

Figura 64: Fotomontagem com a materialidade e elementos a reutilizar na C.H.E. A Telha na cafetaria 93

Figura 65: Fotomontagens de uma secção com a demonstração da coabitação na C.H.E. Juntos Venceremos e Gente do Amanhã 95

Figura 66: Planta de rés do chão da intervenção proposta 97



© Alexandre Alves Costa

Introdução

O presente trabalho, intitulado "Redes de Coabitação: As C.H.E's como modelo de habitar", insere-se numa linha de investigação iniciada no primeiro semestre, no âmbito da cadeira de Atelier Integrado, centrada no tema do Decrescimento e estruturada a partir de três eixos de análise: o território, o suporte à vida quotidiana e a materialidade. Esta investigação surge do desafio lançado em Atelier Integrado, e da necessidade de refletir sobre a evolução das formas de habitar num contexto marcado por profundas transformações sociais, económicas e ambientais. A crescente crise da habitação, o aumento dos custos de acesso à casa e a intensificação da pressão urbana evidenciam a urgência de repensar os modelos habitacionais dominantes, enquadrando esta reflexão numa perspetiva crítica associada ao decrescimento e à reconfiguração dos modos de produção, ocupação e uso do espaço.

Partindo da premissa de que um modo de habitar mais sustentável se relaciona com a criação de comunidades participativas e redes de apoio no contexto habitacional, esta investigação procura aprofundar modelos alternativos de habitar, em específico as Cooperativas de Habitação Económica (C.H.E.'s), o tema central. Estas cooperativas marcaram a evolução habitacional em Portugal no contexto do movimento cooperativista, através de lógicas de partilha, cooperação e acessibilidade, assumindo-se como um modelo coletivo de produção e gestão da habitação.

O modelo de habitar é, assim, entendido como uma construção dinâmica, influenciada por fatores culturais, políticos e económicos, que moldam a forma como indivíduos e comunidades ocupam e organizam o espaço. Neste sentido, as C.H.E.'s representam uma forma de organização habitacional baseada na cooperação entre membros, permitindo reduzir custos, democratizar o acesso à habitação e promover uma relação mais equilibrada entre o indivíduo e a comunidade.

Para além da sua dimensão económica e social, estas cooperativas introduzem também uma reflexão espacial e urbana sobre novas formas de densificação, partilha de recursos e organização do território, alinhadas com uma leitura crítica das práticas contemporâneas de produção do espaço.

Deste modo, o principal objetivo deste trabalho é analisar três C.H.E.'s, em Matosinhos, a C.H.E. Juntos Venceremos, Gente do Amanhã e A Telha, como modelo alternativo de habitar, avaliando o seu potencial enquanto resposta às atuais problemáticas de acesso à habitação e enquanto contributo para formas de vida mais sustentáveis e colaborativas, culminado no desenvolvimento de uma proposta projetual de intervenção.

Neste sentido, pretende-se não apenas estudar estes modelos urbanos enquanto solução técnica ou económica, mas também compreender, **no tema do decrescimento**, de que forma podem contribuir para a redefinição das lógicas de habitação, nomeadamente ao nível do uso, gestão e reuso do espaço. A partir desta leitura crítica, o trabalho procura desenvolver soluções de projeto orientadas pelos princípios do decrescimento, promovendo formas de habitar mais colaborativas, acessíveis e equilibradas, com impacto na melhoria da qualidade de vida dos moradores.

Este trabalho divide-se em dois capítulos, estruturados em três fases metodológicas complementares, análise, estratégia e projeto, que articulam investigação teórica, leitura empírica e desenvolvimento projetual.

O primeiro capítulo, **"As C.H.E's com modelo de habitar"**, corresponde à fase de análise e leitura crítica, sustentada por uma abordagem qualitativa que integra revisão bibliográfica, análise documental e consulta do Arquivo da cidade de Matosinhos, e trabalho de campo. Neste capítulo, desenvolve-se o enquadramento teórico das C.H.E.'s enquanto modelo de habitar, iniciando com uma breve contextualização histórica das cooperativas de habitação em Portugal. Seguidamente, procede-se à definição e caracterização das C.H.E.'s, bem como à sua análise enquanto sistema habitacional, compreendendo a relação entre o suporte físico do território e a organização coletiva do habitar, evidenciando padrões de uso, acessibilidade e apropriação do espaço.

De forma complementar, este capítulo inclui uma componente empírica baseada no estudo das C.H.E.'s da Senhora da Hora, através de visitas ao local, observação direta e registo fotográfico consulta de documentação de arquivo, incluindo plantas e elementos técnicos. permitindo uma leitura mais precisa das suas dinâmicas espaciais, sociais e organizativas. Esta análise é aprofundada através do estudo individual de três casos, C.H.E. Juntos Venceremos, Gente do Amanhã e A Telha, a partir da topografia; vias, estacionamento e garagens; passeios e caminhos; espaços verdes; espaços comuns e serviços, culminando numa síntese crítica do modelo cooperativo na sociedade atual.

O segundo capítulo, **"Redes de Coabitação"**, corresponde à fase de estratégia e projeto, na qual os resultados da análise são interpretados e transformados em princípios orientadores de intervenção. Esta etapa traduz uma leitura crítica do modelo cooperativo à luz do decrescimento, permitindo definir diretrizes para a reconfiguração das lógicas de habitar, nomeadamente ao nível do uso, gestão e reuso do espaço.

A partir desta base estratégica, pretende-se criar redes de coabitação que conduzem a uma proposta projetual, que procura materializar soluções espaciais e programáticas capazes de responder às problemáticas identificadas, promovendo formas de habitar mais colaborativas, sustentáveis e acessíveis, através da articulação entre espaço, comunidade e modos de vida.

Para finalizar, este trabalho de projeto procura afirmar-se como uma reflexão crítica e projetual sobre o futuro do habitar, questionando os modelos habitacionais contemporâneos e explorando alternativas que promovam maior equidade, sustentabilidade e cooperação. Ao articular análise, estratégia e projeto, pretende-se contribuir para o debate sobre novas formas de organização do espaço habitacional, onde a dimensão coletiva assume um papel central na construção de redes de coabitação mais resilientes. Neste sentido, a investigação desenvolvida não se limita à compreensão do modelo cooperativo, mas procura também projetar possibilidades de transformação, alinhadas com os princípios do decrescimento, reforçando a importância de repensar a relação entre indivíduo, comunidade e território na produção do espaço habitado.

Capítulo I
As C.H.E.'s como Modelo de Habitar



Figura 1: Sociedade Cooperativa "Tenho uma Casa"



Figura 2: Plenário de moradores – SAAL

1.1. Breve história das cooperativas de habitação em Portugal

As cooperativas de habitação surgem pela falta de habitação e condições dignas para viver. Para a construção destas era preciso, primeiro, adquirir terrenos e depois investimento para construir fogos, sendo estas uma forma de promover habitação de custos controlados, para as classes mais desfavorecidas.

A primeira cooperativa habitacional aparece em Portugal em 1894, Cooperativa Popular de Construção Predial, com sede em Lisboa, e que tinha como objetivo adquirir um terreno para construir alojamento com melhores condições na cidade de Lisboa.[1]

Em 1910, o número de cooperativas em Portugal ainda era baixo, mas foi aumentando nos anos seguintes.

Desta forma, em 1945, surge a lei n°2007, [2] sobre «casas de rendas económicas» realizadas em «centros urbanos e industriais», mas para usufruir dos benefícios era preciso «requerer aprovação dos seus estatutos ao Ministério das Finanças». Desta forma, o Estado conseguia controlar as entidades que queriam construir e as suas estratégias futuras, tal como, o que aconteceria aos fogos, poderiam ser vendidos, como podiam ser para arrendamento.

No fim da Segunda Guerra Mundial (1945), há um impulso nas cooperativas de habitação. No entanto, estas foram sendo alvo de críticas, incluindo na ditadura, onde surpreendentemente, a sua construção continuou a aumentar, mas eram acusadas de ganhar dinheiro com o processo. Na verdade, havia outras dificuldades, tais como financeiras e falta de formação de membros de órgãos sociais.

Além disto, Manuel Guimarães, presidente da Direção da Sociedade Cooperativa *Tenho uma Casa*, (Figura 1), refere "vícios" que o movimento cooperativista tinha, tal como "a dispersão, a falta de recursos e o que chama de «certa desconfiança do público»". E assim, propõe as seguintes soluções, "uma coordenação dentro do cooperativismo, o «auxílio» através de empréstimos e baixo rendimento ou nenhum juro e finalmente, a fiscalização. Mas, reforça igualmente, que "só o Estado poderia ter este papel de modo eficiente".[3]

Após o 25 de abril de 1974, havia imensa gente sem casa, "um em cada quatro portugueses não tinham uma casa digna para viver".[4]

Nesta altura, o SAAL foi um programa de habitação bastante importante, e é neste que politicamente se definem algumas estratégias que vão influenciar uma nova fase do movimento cooperativista (Figura 2). Com este programa, perceberam que era possível juntar grupos de moradores e formar orga-

1 Matos, F.L. (1994). Habitação cooperativa no Grande Porto (1974/94). *Revista da Faculdade de Letras-Geografia, n°95*, pp. 45-60, p.45.

2 Referência de referência: Pedrosa, P.S. (2018). As cooperativas de habitação portuguesa: o jogo dos possíveis. In A. Agarez (Ed.), *Habitação:100 anos de políticas públicas em Portugal, 1918-2018* (pp.280-315). Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, pp. 280-315, p.286.

3 Referência de referência: Pedrosa, P.S. (2018). As cooperativas de habitação portuguesa: o jogo dos possíveis. In A. Agarez (Ed.), *Habitação:100 anos de políticas públicas em Portugal, 1918-2018* (pp.280-315). Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, pp. 280-315, p.295.

4 Referência de referência: Pedrosa, P.S. (2018). As cooperativas de habitação portuguesa: o jogo dos possíveis. In A. Agarez (Ed.), *Habitação:100 anos de políticas públicas em Portugal, 1918-2018* (pp.280-315). Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, pp. 280-315, p.296.



Figura 3: Plenário de moradores – Interesse na participação

nizações e associações.[5]

O arquiteto, Nuno Portas, refere no *The SAAL Process* :

> "portanto, quando chegou o 25 de abril, em 74. E que eu tive a oportunidade de ir para o governo, durante um ano. Também não foi mais que isso. Pusemos em prática uma série de coisas que nós pensávamos que eram experiências a fazer.
>
> E esta mudança, no fundo era uma oportunidade de fazer uma experiência. Podíamos chegar até à conclusão que era um disparate. Que se deviam ir fazendo outras coisas. É verdade que serviu para isto. O dito SAAL, serviu para as pessoas irem para lá (Figura 3), mas também serviu para nós fazermos uma avaliação comparando de coisas que estavam, se tenham feito antes. [...]
>
> A cooperativa é praticamente ao mesmo tempo, isso é importante. [...] A questão das cooperativas foi muito importante, porque, quantitativamente foi muito mais importante que o SAAL. [...] Matosinhos, por exemplo, nunca teve o SAAL, mas teve cooperativas de habitação muito boas."[6]

Assim, a construção destas novas cooperativas seria da responsabilidade dos municípios com a cedência dos terrenos, e as cooperativas lideravam com os processos e punham em prática a sua construção.

Em dezembro de 1974, é publicado o Regime Jurídico da Cooperativa Habitacional, que refere «cooperativismo habitacional, convenientemente estruturado e com apoio do Estado»,[7] reforçando a importância do cooperativismo habitacional como forma de expandir a oferta de habitação digna.

5 Referência de referência: Pedrosa, P.S. (2018). As cooperativas de habitação portuguesa: o jogo dos possíveis. In A. Agarez (Ed.), *Habitação:100 anos de políticas públicas em Portugal, 1918-2018* (pp.280-315). Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, pp. 280-315, p.297.

6 CCAchannel. (2015, 21 de agosto). *The SAAL Process / Le processus du SAAL: Nuno Portas.* [Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=NPQ7b8fUbqY

7 Referência de referência: Pedrosa, P.S. (2018). As cooperativas de habitação portuguesa: o jogo dos possíveis. In A. Agarez (Ed.), *Habitação:100 anos de políticas públicas em Portugal, 1918-2018* (pp.280-315). Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, pp. 280-315, p.297



Figura 4: 1° Congresso Nacional das Cooperativas de Habitação Económica

1.2. As Cooperativas de Habitação Económica (C.H.E)

Assim, a partir de 1974, as cooperativas fundadas são denominadas como Cooperativas de Habitação Económica, C.H.E.

Foi uma fase que começou lentamente por causa dos processos e complicações pós-revolução, mas que depois foi crescendo ano após ano, com a ajuda do Fundo Fomento de Habitação (FFH), criado pelo Estado Novo em 1969, até à sua extinção em 1982, que tentava ao máximo perceber e verificar a condição habitacional de cada sócio, de forma a apoiar pessoas realmente desfavorecidas, isto é, da classe baixa. Mais tarde, é substituído pelo Instituto Nacional de Habitação (INH) em 1984, que tornou ainda mais complicado o processo de formação de uma cooperativa, (consultar entrevista no anexo I, Como nasceu uma cooperativa).

Estas cooperativas organizavam-se através da associação de moradores que, em conjunto, promoviam a aquisição de terrenos, o desenvolvimento dos projetos e a construção das habitações, frequentemente com apoio técnico e financiamento público. Para além da resposta funcional à necessidade de habitação, as C.H.E's integravam uma dimensão social e política significativa, funcionando como estruturas de proximidade onde se desenvolviam relações de vizinhança, entreajuda e participação ativa (Figura 4).

A partir de 1976, o modelo sueco de cooperativismo inspira um novo funcionamento em alguns projetos piloto.[8] Neste modelo há um regime de propriedade coletiva, onde o edifício e os respetivos espaços exteriores pertencem à cooperativa, e os moradores são locatários. Pagam a sua quota de entrada, passando a ter direito a viver num apartamento, depois, pagam um valor de entrada inicial e mensalmente contribuíam para a manutenção do edifício, criando assim um movimento mais participativo. Contudo, a sua aplicação no contexto português foi parcial e adaptada, verificando-se que a maioria dos projetos evoluiu para regimes de propriedade horizontal, com a subsequente atribuição das frações autónomas aos cooperadores.

No entanto, com o passar das décadas, e à medida que as cooperativas se consolidaram enquanto conjuntos habitacionais estáveis, verificou-se uma progressiva transformação do seu funcionamento. A lógica coletiva inicial foi sendo substituída por uma apropriação mais individualizada dos espaços, acompanhando mudanças mais amplas nos modos de vida urbanos. A gestão cooperativa tornou-se, em muitos casos, mais administrativa do que comunitária, e os espaços comuns perderam parte da sua centralidade enquanto lugares de encontro.

O movimento cooperativista vai-se desenvolvendo por todo o país, mas com mais enfase em Lisboa e no Porto, sendo que em junho de 1996, havia 399 cooperativas ativas, mais de metade localizada em Lisboa, com 148 cooperativas, e 73 cooperativas no Porto.[9]

8 Referência de referência: Pedrosa, P.S. (2018). As cooperativas de habitação portuguesa: o jogo dos possíveis. In A. Agarez (Ed.), *Habitação:100 anos de políticas públicas em Portugal, 1918-2018* (pp.280-315). Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, pp. 280-315, p.299.

9 INSCOOP - Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo. (1997). *As cooperativas de habitação em Portugal.* INSCOOP - Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo, p.85



Figura 5: Enquadramento da área de estudo em Matosinhos

1.3. As C.H.E.'s da Senhora da Hora

Na área metropolitana do Porto destaca-se a cidade de Matosinhos, pela grande oferta e diversidade da zona, conseguindo abranger vários empreendimentos. **A área de Senhora da Hora**, no concelho de Matosinhos (Figura 5), caracteriza-se por um tecido urbano consolidado, resultante de processos de expansão associados à proximidade da cidade do Porto.

Neste contexto, as **C.H.E's implantam-se como conjuntos autónomos** (Figura 6), mas próximos entre si, articulando-se com a malha urbana envolvente.

As três C.H.E. têm a sua base filiada na FENACHE, Federação Nacional de Cooperativas de Habitação Económica, uma entidade que representa as cooperativas de habitação económica em Portugal. Foi criada em 1980 para defender e representar o Movimento Cooperativo Habitacional. A FENACHE não constrói fogos diretamente, mas organiza, representa e apoia quem constrói.

Localizada mais a Norte, a C.H.E. Juntos Venceremos, financiada pelo ex-FFH, com 204 fogos, projetada pelo arquiteto João Santos, concluída em 1986. No meio, a C.H.E. Gente Do Amanhã, financiada pela C.G.D (Caixa Geral de Depósitos), com 200 fogos, projetada pelo Arquiteto José Pulido Valente, concluída em 1985. E por último, a C.H.E. A Telha, que foi concluída mais tarde, apenas em 1991, financiada pelo INH, com 210 fogos, projetada pelos arquitetos Jorge Canto Moniz e José Figueiredo, no entanto, também foi fundada em 1978. Esta foi a única que voltou a investir e construiu mais dois edifícios, que saem do registo arquitetónico inicial.

Das três, a mais conhecida e referenciada em documentos é a C.H.E. Gente do Amanhã, referida na história cooperativista por ter sido projetada por um arquiteto de renome e, por inicialmente, participar em outro projeto cooperativista, Cidade Cooperativa da Prelada, CCP, inaugurado em 1993, que juntou 7 (8) cooperativas de habitação da cidade do Porto, que reponderam à falta de alojamento da cidade e juntas iam criar um novo empreendimento, que atualmente (2026) tem 9 blocos de edificado numa área de aproximadamente 3 hectares. No entanto, a C.H.E. Gente do Amanhã acabou por desistir por dificuldades financeiras, e os blocos destinados a esta foram assumidos por outras duas cooperativas do projeto.[10]

Neste sentido, estas C.H.E's contemporâneas apresentam-se como **estruturas híbridas**, onde coexiste a memória de um projeto coletivo e a realidade de um habitar cada vez mais individualizado. Esta tensão constitui um ponto de partida fundamental para a presente investigação.

Atualmente, nenhuma destas C.H.E. está ativa, sendo consideradas condomínios.

10 Moreira, J. A. R. P. (2016). *Projeto de reformulação da estrutura verde dos espaços exteriores da cidade cooperativa da Prelada* (Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto), p.21-26.

C.H.E. Juntos Venceremos

Arq. João Santo, 1986 - 204 fogos e 65 lugares de garagens

C.H.E. Gente do Amanhã

Arq. José Pulido Valente, 1985 – 200 fogos e 200 garagens

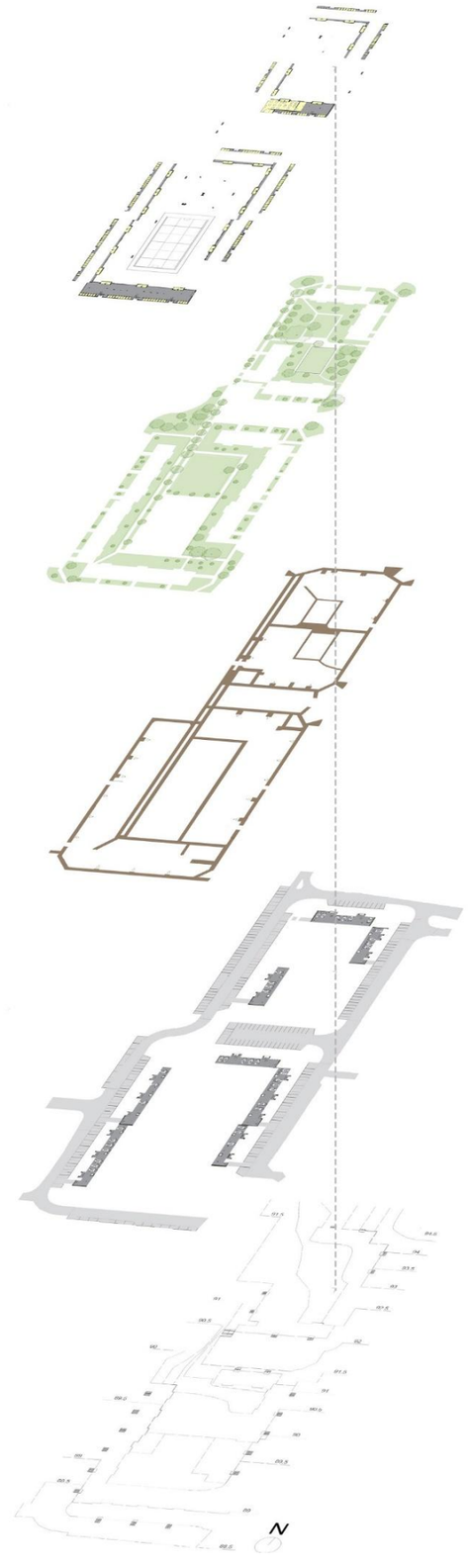
C.H.E. A Telha

Arq. Jorge Canto Moniz e Arq. José Figueiredo, 1991 – 210 fogos e 210 garagens

Figura 6: Localização das C.H.E.'s em Senhora da Hora



Figura 7: Planta rés do chão da C.H.E. Juntos Venceremos



Espaços comuns e serviços

Área cinza – 1730 m² livres
Área amarela - 781 m²

Espaço verde

Área permeável - 9885 m²

Passeios e caminhos

Lajetas de betão – 3664 m²

Vias, estacionamentos e garagens

Vias – 6902 m² de granito
73 m² de asfalto
Estacionamento – 3663 m² → 257 lugares
Garagens - 813 m² → 65 lugares

.

Topografia do terreno

Figura 8: Esquema axonométrico da análise da C.H.E. Juntos Venceremos











Corte tranversal AA’



Corte tranversal BB’

Figura 9: Cortes transversais, AA’ e BB’, com fotografias ilustrativas



Figura 10: Foto 1 da C.H.E. Juntos Venceremos

1.3.1. C.H.E. Juntos Venceremos

A C.H.E. Juntos Venceremos (Figura 7), é constituída por dez blocos habitacionais com alturas entre quatro e seis pisos, **organizados** através de blocos longitudinais e transversais que assumem configurações em "L". A implantação dos edifícios define um conjunto de espaços exteriores interiores de carácter coletivo, **estruturados em torno de zonas centrais ajardinadas** e articulados por percursos pedonais. A composição do conjunto evidencia uma organização clara entre áreas de circulação, espaços verdes e volumes edificados, estabelecendo uma distinção entre o espaço público da rua e o espaço interior semiprivado. Na Figura 8, o esquema de análise organiza-se em camadas.

A implantação do conjunto acompanha a topografia existente através de diferentes plataformas e meios pisos, permitindo adaptar os edifícios ao desnível do terreno. Os acessos aos blocos realizam-se a partir da rua, através de um meio piso que estabelece a ligação à circulação vertical. No interior dos edifícios, o acesso aos fogos faz-se através de caixas de escadas e elevadores. O acesso ao rés do chão difere dependendo da tipologia dos edifícios. Os blocos transversais são servidos exclusivamente por escadas, enquanto os blocos longitudinais incluem elevador e caixa de escadas até ao rés do chão.

Este conjunto é servido por uma estrutura viária periférica que assegura o acesso automóvel aos diferentes blocos habitacionais e às zonas de estacionamento. As vias organizam a circulação em torno dos edifícios e articulam-se com os acessos pedonais ao interior do conjunto, sendo utilizadas tanto por moradores como por utilizadores exteriores, pontos de convivência bastante reduzida.

Ao nível do rés do chão, o programa interior é maioritariamente ocupado por áreas de garagem e espaços de arrumos, existindo cerca de 65 lugares de estacionamento distribuídos pelo conjunto. Este nível apresenta uma organização predominantemente funcional, associada ao suporte infraestrutural dos edifícios.

Os passeios e caminhos estruturam a circulação no interior do conjunto, estabelecendo ligações entre os diferentes blocos, os espaços verdes e os equipamentos coletivos. Estes caminhos organizam os acessos aos edifícios e acompanham os espaços exteriores interiores, contribuindo para a articulação entre as diferentes áreas exteriores do conjunto habitacional. Acompanham também as vias dando acesso às entradas dos blocos, feitas pela rua.

Os espaços verdes assumem um papel central na organização do conjunto, estruturando os pátios interiores e os espaços de permanência coletiva. Estes espaços incluem áreas ajardinadas, árvores e suportam os equipamentos exteriores.

Ao nível dos espaços comuns e serviços, o conjunto dispõe de um café/snack-bar Juntos Venceremos, localizado junto a uma praceta exterior que funciona como ponto de encontro entre moradores. Para além deste espaço, os restantes programas do rés do chão destinam-se essencialmente a zonas técnicas e arrumos. Os espaços comuns distribuem-se sobretudo pelo exterior do conjunto, através dos pátios, zonas verdes através dos equipamentos coletivos, bancos, máquinas de exercício exteriores e um campo desportivo.



Figura 11: Foto 2 da C.H.E. Juntos Venceremos

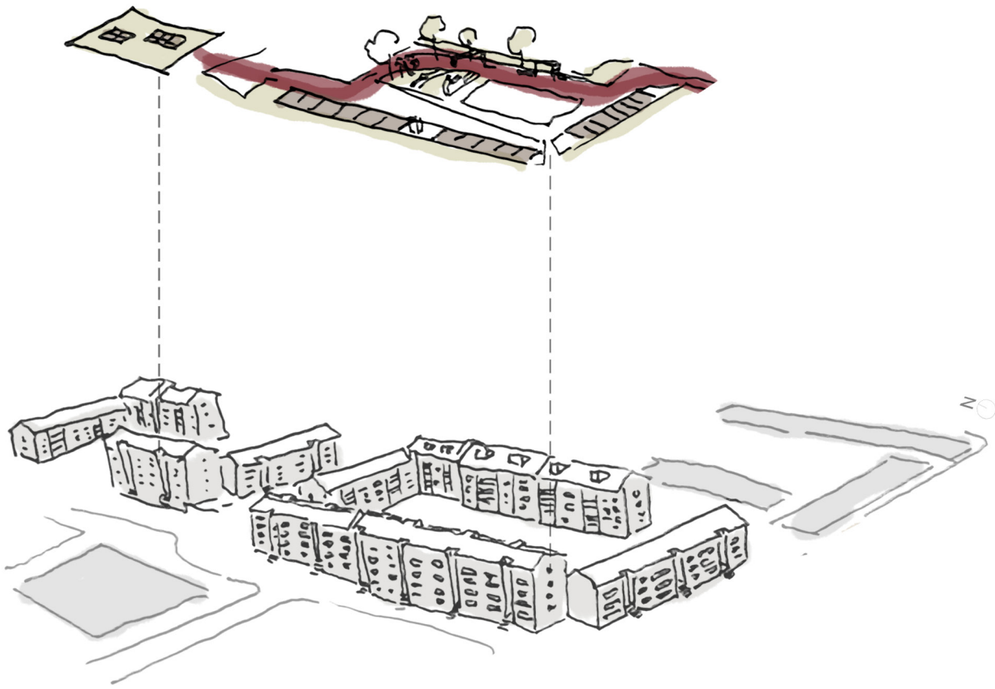


Figura 12: Ilustração axonométrica extrudida da C.H.E. Juntos Venceremos

O ambiente desta cooperativa, tal como se pode perceber nas fotos e nos cortes transversais (Figura 9), caracteriza-se por uma **escala de proximidade** e por uma vivência quotidiana marcada pela circulação constante entre os blocos, os percursos pedonais e os espaços exteriores coletivos. Apesar da presença do automóvel na periferia do conjunto, os pátios interiores e as zonas verdes mantêm um ambiente relativamente calmo, associado sobretudo à permanência breve, ao atravessamento e aos encontros ocasionais entre moradores. A presença de bancos, equipamentos de exercício e do campo desportivo contribui para a utilização informal destes espaços, particularmente por crianças e população mais idosa. A relação visual próxima entre habitação, percursos e espaços coletivos reforça uma sensação de comunidade e vigilância natural, enquanto a organização aberta do conjunto permite uma continuidade com o território envolvente, tornando a cooperativa permeável tanto física como socialmente (Figura 12).



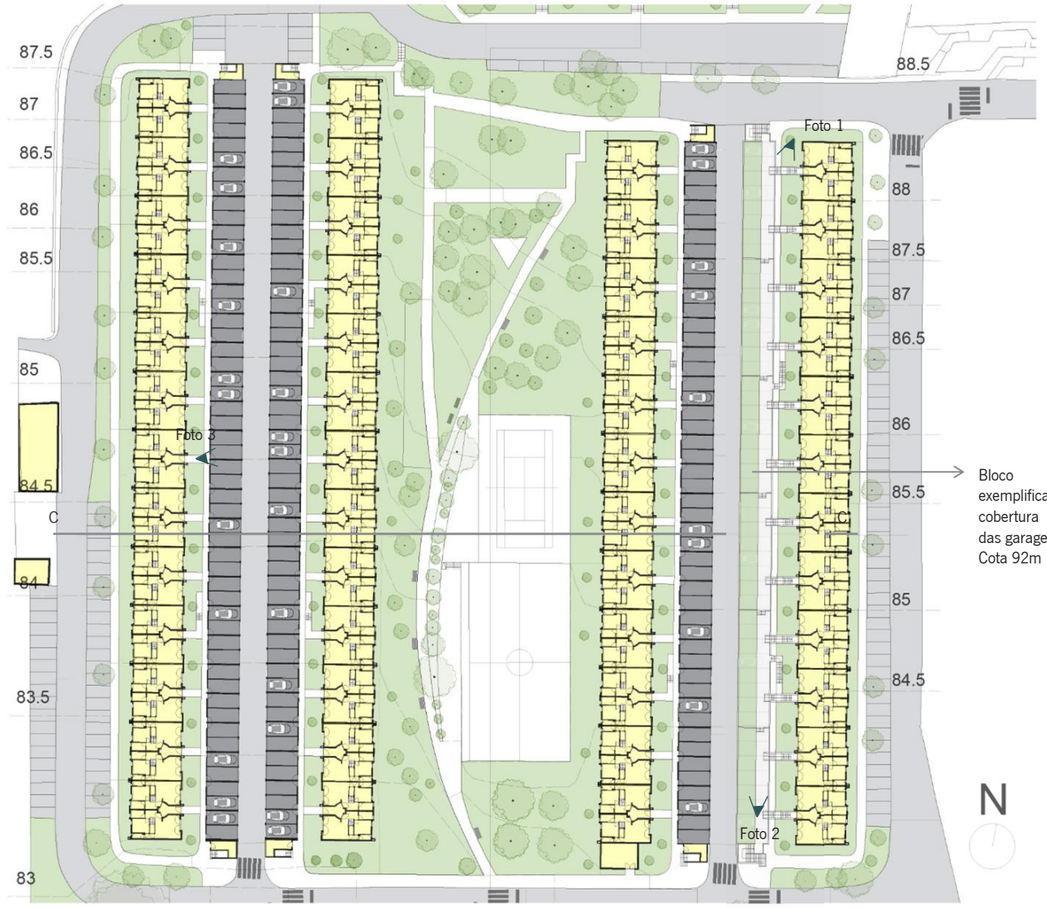
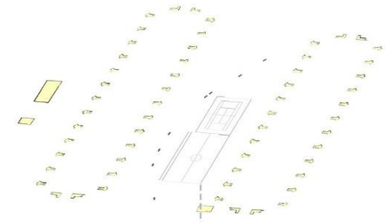
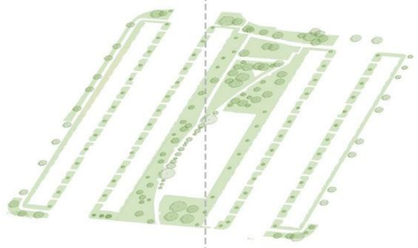


Figura 13: Planta rés do chão e da C.H.E. Gente do Amanhã



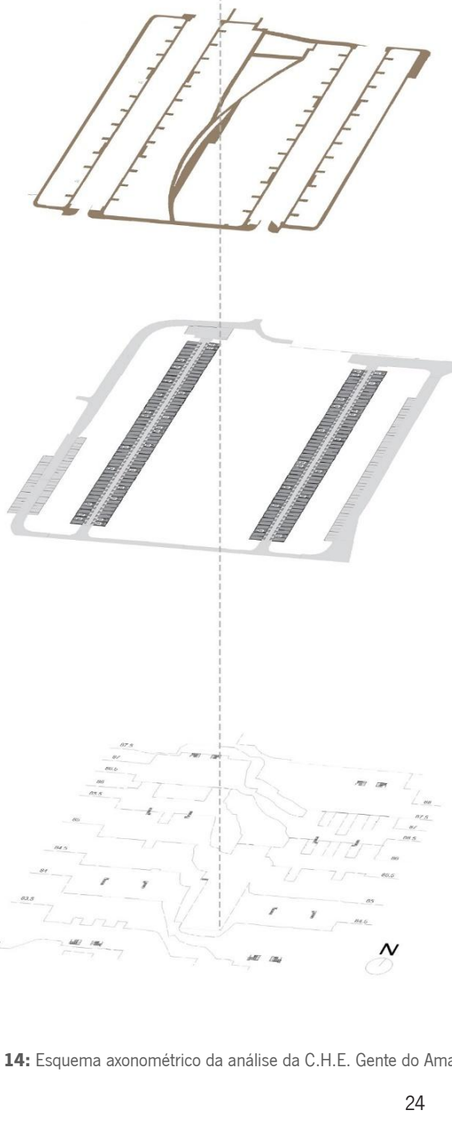
Espaços comuns e serviços

Área amarela - 417 m²



Espaço verde

Área permeável - 8956 m²



Passeios e caminhos

Lajetas de betão – 3102 m²

Vias, estacionamentos e garagens

Vias – 5924 m² de asfalto
Estacionamento – 1445 m² de granito → 104 lugares
Garagens - 3923 m² → 200 lugares

Topografia do terreno

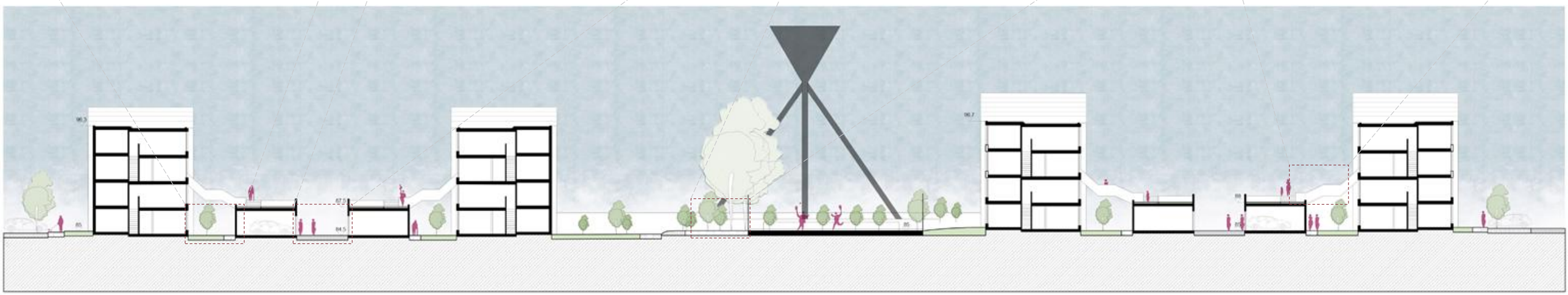
Figura 14: Esquema axonométrico da análise da C.H.E. Gente do Amanhã











Corte tranversal CC'

Figura 15: Corte transversal CC' com fotografias ilustrativas



Figura 16: Foto 1 da C.H.E. Gente do Amanhã

1.3.2. C.H.E. Gente do Amanhã

A C.H.E. Gente do Amanhã (Figura 13), apresenta uma organização distinta das restantes intervenções analisadas, assente numa **separação mais marcada entre habitação, estacionamento e circulação**. O conjunto é composto por quatro blocos habitacionais de quatro pisos organizados através de duplexes com esquema esquerdo/direito, e por quatro blocos térreos destinados a garagens e arrumos, com capacidade para 200 lugares de estacionamento. Sobre estes volumes desenvolve-se uma cobertura verde habitável, que funciona como elemento estruturador da circulação pedonal e da articulação entre os diferentes edifícios**.** Segundo Pulido Valente, em *18 Obras*, esta solução resulta de limitações financeiras associadas à construção das garagens, referindo que "os mais pobres não tinham carros", condicionando assim a lógica programática do conjunto. Em março de 2026 encontravam-se em curso obras de reabilitação das coberturas das garagens e dos acessos exteriores superiores, incluindo a substituição de lajetas de betão, o reforço da impermeabilização e a eliminação de pequenas zonas ajardinadas, bem como a reparação das escadas com patologias associadas ao uso e degradação. Na Figura 14, o esquema de análise organiza-se em camadas.

O conjunto apresenta uma implantação relativamente regular, permitindo a organização clara entre os diferentes níveis funcionais. A separação entre os volumes habitacionais e os blocos de garagens cria uma distinção física entre os espaços de circulação automóvel e os percursos pedonais superiores. A cobertura das garagens serve de acesso às habitações superiores. Existindo assim, 4 caixas de escadas que permitem o acesso a esta cobertura.

O conjunto organiza-se através de duas vias principais destinadas ao acesso automóvel às garagens, complementadas por ruas periféricas que delimitam a cooperativa. As áreas de estacionamento distribuem-se pelos blocos térreos de garagens e arrumos, reforçando a separação funcional entre automóvel e habitação. As ruas periféricas apresentam uma utilização predominantemente associada ao automóvel e ao estacionamento, enquanto as vias de acesso às garagens, pela sua menor intensidade de utilização, permitem ocasionalmente momentos de convívio informal entre moradores, nomeadamente através da permanência junto das garagens com os portões abertos.

A cobertura habitável sobre os blocos de garagens funciona como uma galeria contínua de circulação pedonal, estabelecendo ligação entre os diferentes acessos habitacionais através de escadas. A organização dos volumes define ainda quatro percursos interiores que estruturam o acesso às entradas no rés do chão. Já no interior do espaço verde, os caminhos permitem percorrer este espaço e ligar aos equipamentos de lazer.

Ao nível do espaço verde exterior interior, assume um carácter aberto e contínuo entre os dois blocos habitacionais, tipo corredor, com bastante arborização, tornando-o agradável. Já as coberturas de garagens ficam como canteiros.

Relativamente aos espaços comuns e serviços, o conjunto contém dois campos desportivos (um de ténis e um polidesportivo) e equipamentos de exercício exterior, sendo o campo de ténis aquele que



Figura 17: Foto 2 da C.H.E. Gente do Amanhã

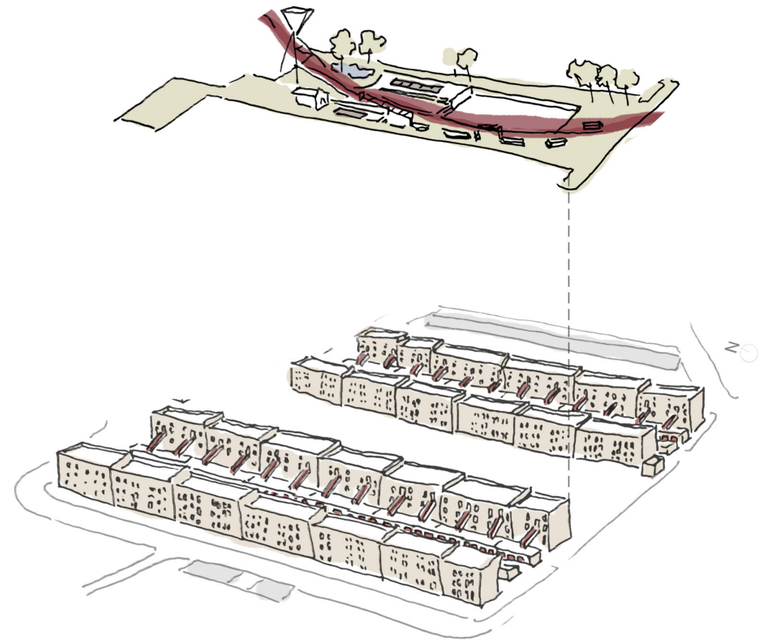


Figura 18: Ilustração axonométrica extrudida da C.H.E. Gente do Amanhã

apresenta maior utilização por parte dos moradores, sobretudo por casais, jovens e crianças. Os bancos distribuídos pelo espaço central funcionam igualmente como pontos de permanência e encontro informal. As coberturas habitáveis assumem também um papel relevante enquanto espaços de convivência, particularmente entre residentes mais velhos, funcionando como locais de socialização associados aos acessos verticais e às galerias de circulação. Nestes espaços verifica-se não apenas a interação entre vizinhos diretos, mas também entre moradores de diferentes cooperativas, reforçando uma utilização coletiva dos percursos e espaços exteriores do conjunto. Já o edifício da sede encontra-se fechado, e serve como arquivo da própria cooperativa.

O ambiente da cooperativa, como se pode ver nas fotos e no corte transversal (Figura 15), caracteriza-se por uma forte separação entre os espaços destinados ao automóvel e os percursos pedonais, permitindo que as áreas superiores e os espaços verdes interiores assumam uma utilização mais calma e comunitária. A cobertura habitável das garagens funciona não apenas como elemento de circulação, mas também como espaço de encontro e permanência, particularmente utilizado pela população mais idosa. A relação próxima entre galerias, acessos verticais e entradas das habitações favorece o contacto quotidiano entre moradores, criando momentos de convivência informal ao longo dos percursos. No interior do conjunto, a **presença abundante de arborização** contribui para um **ambiente protegido e agradável**, contrastando com o carácter mais funcional das vias periféricas e das zonas de garagem. Os equipamentos desportivos e os bancos distribuídos pelo espaço central reforçam igualmente a utilização coletiva do conjunto, sendo frequente a apropriação dos espaços exteriores por diferentes faixas etárias e até por moradores de cooperativas vizinhas, evidenciando uma dinâmica social relativamente ativa e aberta ao território envolvente (Figura 18).



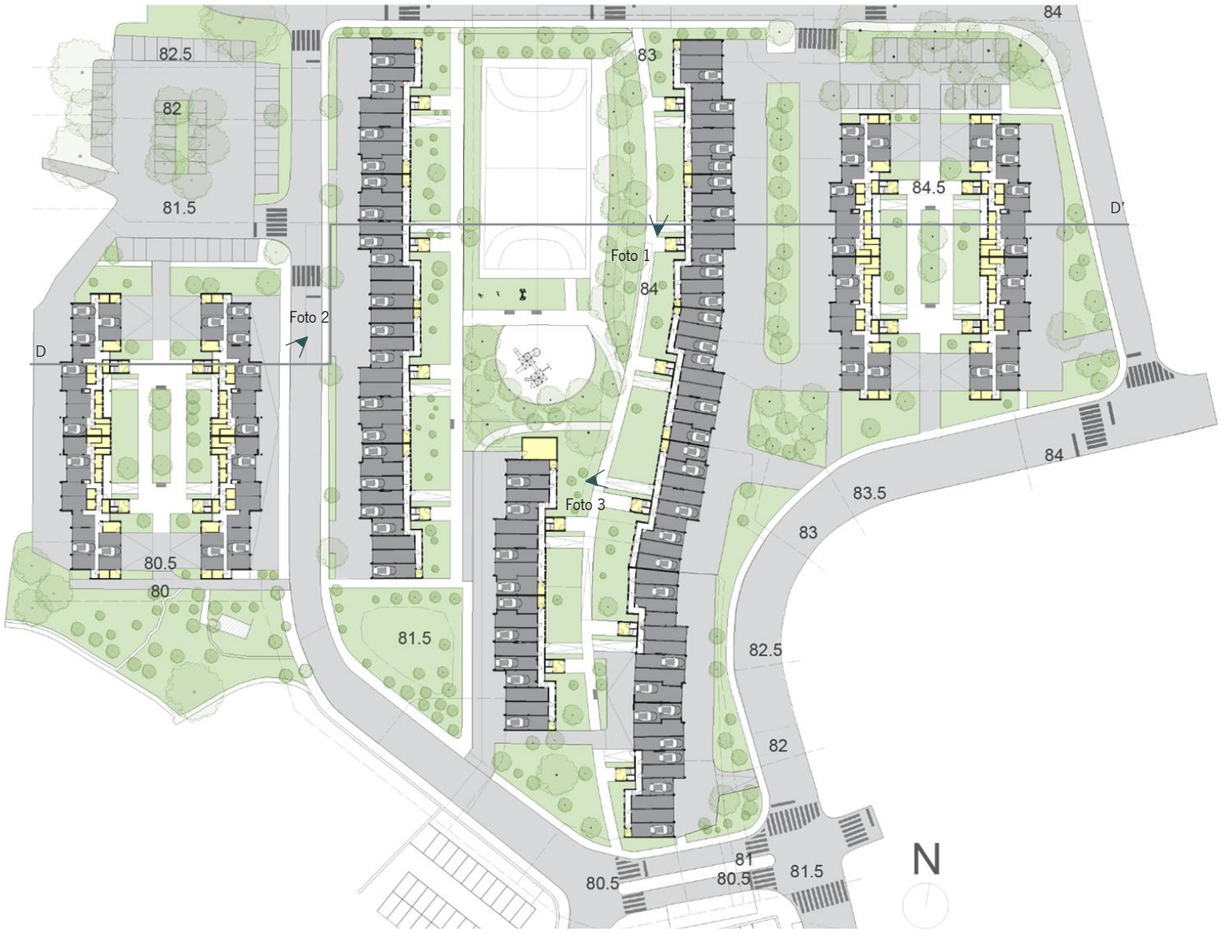
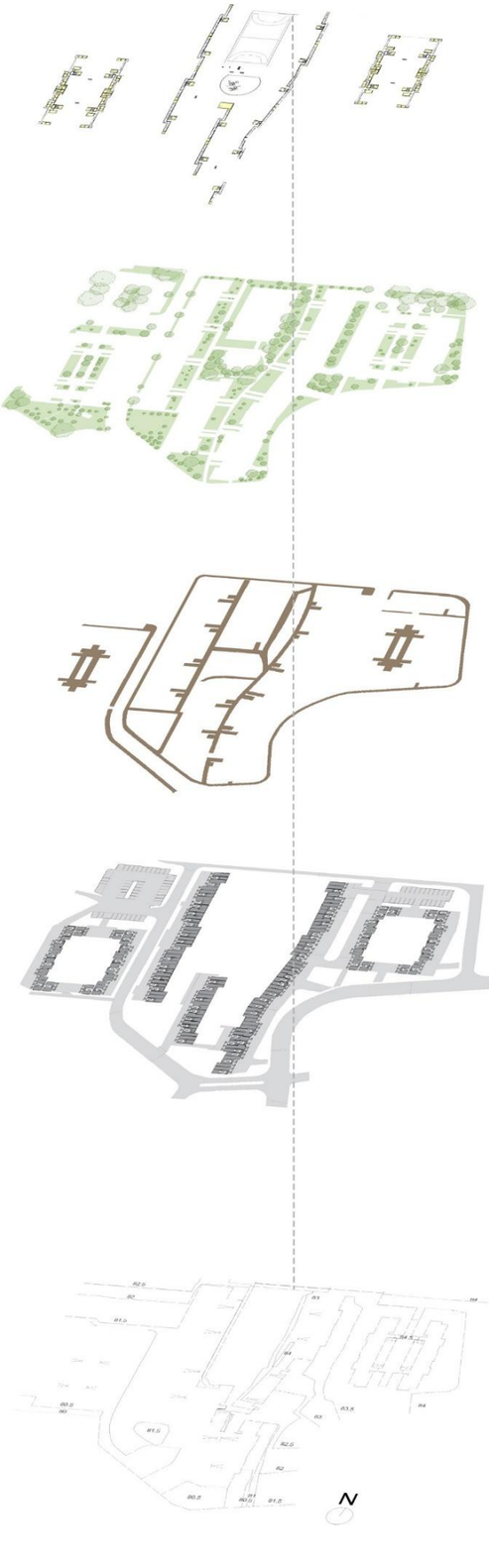


Figura 19: Planta rés do chão da C.H.E. A Telha



Espaços comuns e serviços

Área amarela - 515 m²
Área de corredores - 683 m²

Espaço verde

Área permeável - 7159 m²

Passeios e caminhos

Lajetas de betão – 2566 m²
Pavê drenante – 663 m²

Vias, estacionamentos e garagens

Vias – 8123 m² de asfalto
- 775 m² de pavê drenante
Estacionamento – 1631 m² de granito → 72 lugares
Garagens - 3749 m² → 210 lugares

Topografia do terreno

Figura 20: Esquema axonométrico da análise da C.H.E. A Telha





Anexo III – Planta Tipo T2 e T3
Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Matosinhos

Figura 21: Planta rés do chão da C.H.E. A Telha, a construir, antes da segunda fase de construção





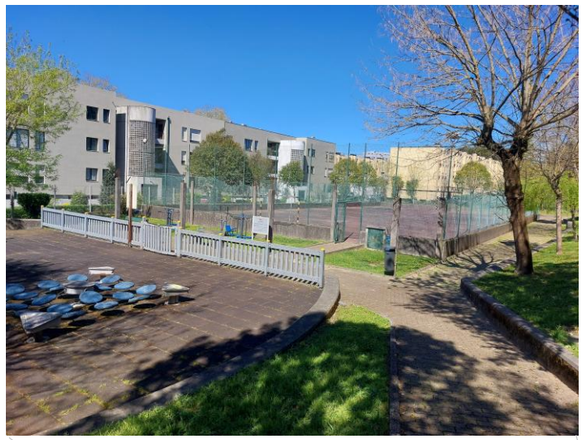
Figura 22: Fotos da C.H.E. A Telha atuais





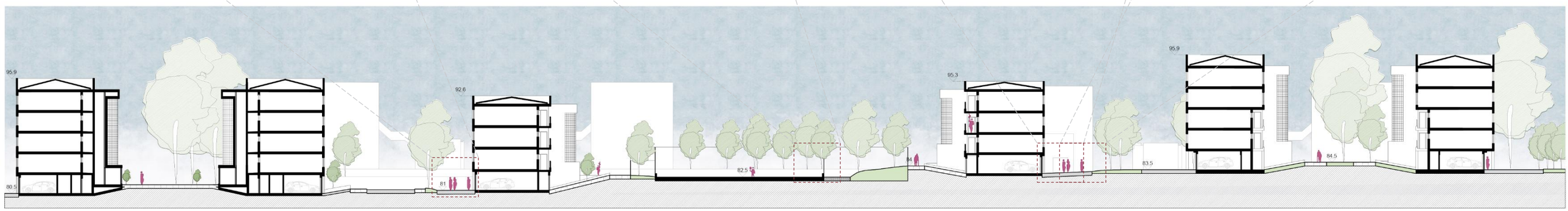
Figura 23: Fotos da C.H.E. A Telha antes da segunda fase de construção











Corte tranversal DD'

Figura 24: Corte transversal DD' com fotografias ilustrativas



Figura 25: Foto 1 da C.H.E. A Telha

1.3.3. C.H.E. A Telha

A C.H.E. A Telha (Figura 19), apresenta uma **organização dispersa** em 3 conjuntos e adaptada à geometria do terreno, estruturando-se em 20 lotes distribuídos por três conjuntos edificados, com alturas entre três e cinco pisos. A disposição dos volumes, embora assente numa lógica de paralelismo, introduz inflexões e descontinuidades que acompanham o traçado viário, que se ramifica para os interiores, resultando numa composição mais rígida e impermeável. A implantação estabelece uma relação próxima entre edificado e espaço verde, definindo múltiplos pátios e áreas verdes intersticiais articuladas por percursos pedonais. O acesso às habitações faz-se exclusivamente pelo exterior através da saída do rés do chão, ou seja, dos blocos de garagens, e depois através de entradas ligadas aos núcleos de circulação vertical, compostos por escadas e elevador. A distribuição vertical dos acessos realiza-se através de pequenas galerias em cada com organização esquerda/frente/direita, constituindo os principais pontos de contacto entre vizinhos. Porém, esta C.H.E. passou por uma segunda fase de construção, em 2005, onde foram construídas paredes e divisórias, fechado o rés do chão (Figura 21), que antes estava elevado em pilotis (Figura 22 e 23), permitindo uma maior relação com o espaço exterior. Na Figura 20, o esquema de análise organiza-se em camadas.

O conjunto adapta-se à topografia através da implantação dos edifícios e da organização dos espaços exteriores. As variações de cota tornam o desenho do conjunto dinâmico, contribuindo para a criação de rampas dentro dos próprios caminhos, como as de acesso destes ao rés do chão. O corte evidencia (Figura 24), uma relativa homogeneidade volumétrica, apesar da complexidade espacial gerada pelas rampas, plataformas e descontinuidades entre os diferentes lotes.

O conjunto apresenta uma relação relativamente direta com o sistema viário, embora os edifícios se orientem preferencialmente para o interior dos espaços coletivos. Ao nível do rés do chão, atualmente ocupado por garagens, arrumos e espaços técnicos, existem cerca de 210 lugares de estacionamento. Este piso resulta de uma adaptação posterior, uma vez que o projeto inicial previa um espaço livre em pilotis que foi posteriormente encerrado. As vias de acesso às garagens articulam-se com rampas e corredores internos, funcionando como espaços predominantemente associados à circulação automóvel e ao acesso técnico. Em alguns casos, estas áreas tornam-se locais de permanência informal, nomeadamente junto às garagens utilizadas pelos moradores.

Os percursos pedonais assumem um papel estruturante na organização do conjunto, funcionando como os principais elementos de ligação entre os diferentes lotes e espaços exteriores. Em vez de um espaço central único, o conjunto organiza-se através de uma sequência de vazios e pátios de menor escala, articulados por caminhos que acompanham as áreas verdes e os acessos aos edifícios.

O conjunto integra várias áreas ajardinadas e espaços relvados distribuídos entre os diferentes volumes edificados, complementada com arborização. Estes espaços exteriores funcionam como elementos intermédios entre os percursos pedonais e os edifícios

Os espaços coletivos principais estão na área central, e os bancos associadas aos percursos pedonais



Figura 26: Foto 2 da C.H.E. A Telha

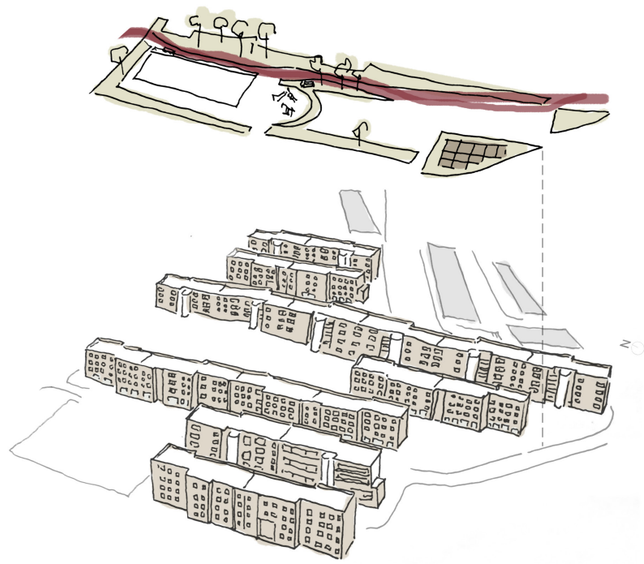


Figura 27: Ilustração axonométrica extrudida da C.H.E. A Telha

distribuem-se pelos diferentes pátios. No entanto, estes espaços apresentam uma utilização maioritariamente associada à circulação e ao atravessamento do conjunto. A zona de equipamentos desportivos inclui um campo e um parque infantil, encontrando-se totalmente vedada por uma cerca metálica com três pontos de acesso. As galerias de acesso às habitações constituem igualmente espaços de contacto entre moradores, embora a sua dimensão reduzida mantenha uma utilização sobretudo funcional e de permanência breve. Encontra-se aqui também os corredores e arrumos interiores, no rés do chão do edifício.

O ambiente da C.H.E. A Telha, como se pode ver no corte transversal e nas fotos (Figura 24), é marcado por uma leitura mais fragmentada e complexa do espaço, onde a sucessão de pátios, desníveis e percursos pedonais cria uma experiência de deslocação contínua entre vazios de diferentes escalas. Esta organização menos centralizada resulta numa **vivência mais dispersa**, em que os espaços coletivos não se concentram num único ponto, mas surgem ao longo dos percursos e entre os volumes edificados. Apesar da presença de áreas ajardinadas e arborizadas, o conjunto transmite frequentemente uma sensação de atravessamento, com uma utilização dos espaços exteriores mais ligada à circulação do que à permanência prolongada. As galerias e pequenos espaços de acesso às habitações constituem os principais pontos de contacto entre moradores, embora a sua escala reduzida contribua para uma sociabilidade mais pontual e funcional. Os equipamentos desportivos e o parque infantil introduzem momentos de maior apropriação coletiva, ainda que a sua utilização seja relativamente delimitada pela sua localização e pelo carácter vedado do espaço. No conjunto, verifica-se uma convivência entre áreas mais abertas e espaços de passagem, resultando num ambiente onde a relação comunitária existe, mas de forma mais fragmentada e distribuída no território (Figura 27).

Estes três conjuntos habitacionais encaixam-se no território sem se constituírem como unidades totalmente fechadas, permitindo que as rotinas e o quotidiano dos seus habitantes se estendam para lá dos seus limites físicos, estabelecendo uma relação contínua com o tecido urbano envolvente (Figura 29).

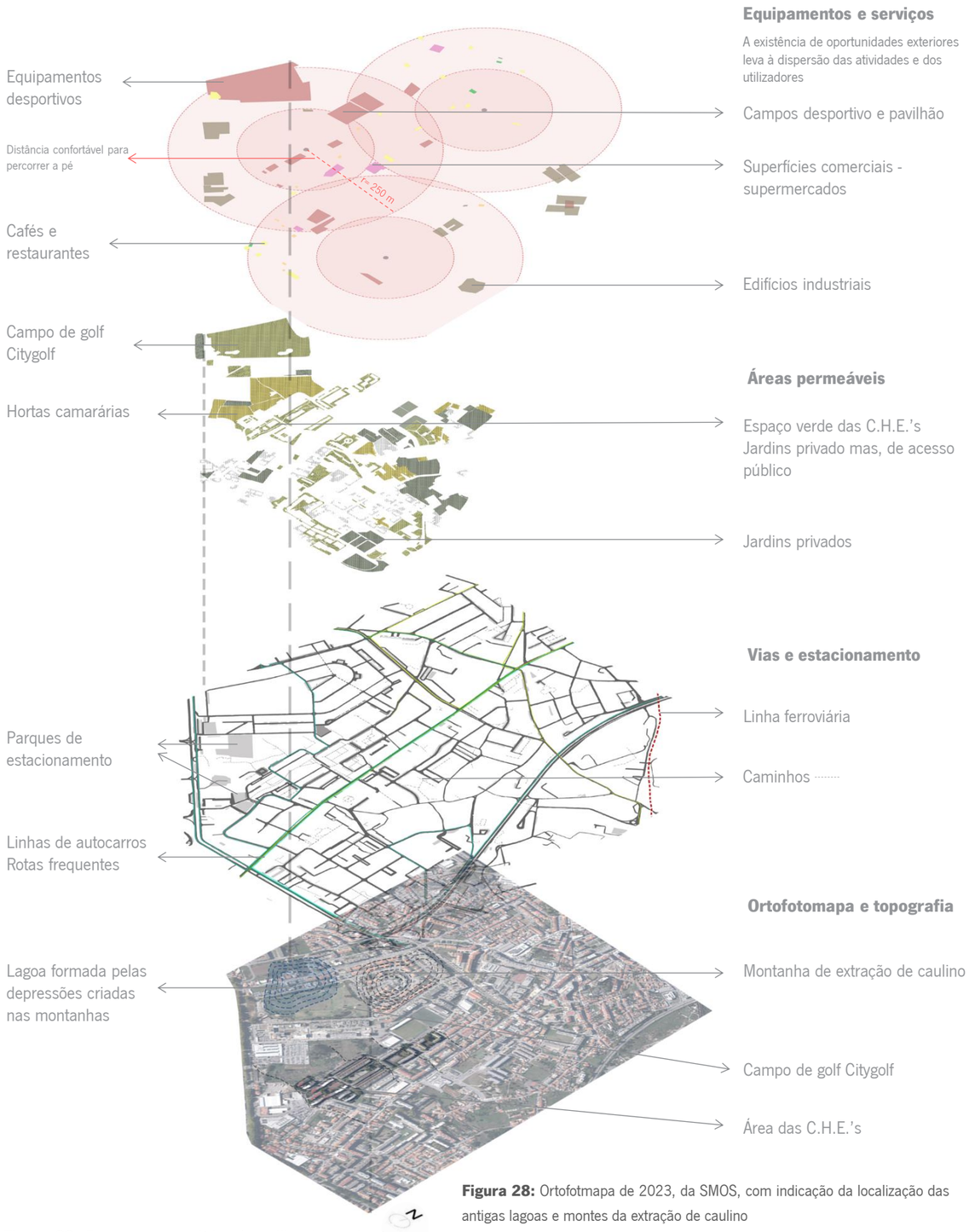


Figura 29: Esquema axonométrico da análise da envolvente próxima das C.H.E.'s

Figura 28: Ortofotmapa de 2023, da SMOS, com indicação da localização das antigas lagoas e montes da extração de caulino

O território das C.H.E.'s, inicialmente, em 1983, era composto por 'montes brancos', tal como foi descrito por moradores das cooperativas (Figura 28).. Na verdade, aquela zona de Senhora da Hora foi explorada para a extração de caulino, formando lagoas, nas depressões das montanhas, havendo uma transformação topográfica especialmente, na área do campo de golf atual, o resto manteve a ligeira inclinação.[11] Desde 2003 até 2025, não houve grandes mudanças no território, consultar a cartografia do Anexo II.

Esta coexistência territorial reflete-se na forma como a habitação, serviços e atividades económicas geram uma forte necessidade de estacionamento, que se estende ao longo das vias, e por vezes ocupando bermas e zonas vazias, ou seja, espaços informais. Até a própria circunvalação contem estacionamento e, as fábricas que nela se localizam, pela facilidade de acesso, atribuem parte da sua área de implantação para parques de estacionamento. Apesar das linhas de transportes públicos serem frequentes, inclusive comboio e autocarros que percorrem os eixos principais com várias rotas, continua a ser bastante presente o espaço para o carro.

No que diz respeito ao espaço livre e permeável, o território envolvente das C.H.E.'s contém áreas permeáveis, que variam consoante a sua função e o seu proprietário. No entanto, alguns dos jardins acessíveis publicamente têm, na realidade, proprietários privados. Exemplo dos jardins no interior das cooperativas que se podem percorrer, mas são cuidados/tratados pelos moradores. Além disso, as hortas camarárias ocupam uma grande parte permeável, mesmo não sendo um projeto financiando pela Câmara Municipal, alguns dos morados mais velhos das cooperativas usam-nas.

Para além desta predominância do automóvel e zonas verdes, o território é igualmente marcado pela presença de equipamentos e serviços, tal como os equipamentos desportivos: parques, campos de jogos, máquinas de exercício exteriores e o campo de golf (Citygolf – Senhora da Hora), fábricas, supermercados e restaurantes, entre outros, que influenciam e promovem a economia local. A sua distribuição e distância entre estes elementos ajudam a compreender a estrutura social e funcional do território. Sendo relativamente fácil e confortável ir a um supermercado e equipamento desportivo, no entanto, o mesmo não acontece com lares, centros de estudos, bibliotecas e creches.

Esta leitura do território, marcada pela coexistência entre diferentes usos, pela presença dominante do automóvel, pela distribuição desigual de equipamentos e pela complexidade das áreas permeáveis e de uso coletivo, permite compreender de forma mais ampla o contexto em que as C.H.E.'s se inserem. Neste sentido, torna-se possível sintetizar os principais princípios e diferenças entre os três conjuntos habitacionais analisados, articulando a sua organização espacial com a lógica territorial envolvente. Para além desta dimensão morfológica e funcional, importa agora enquadrar a forma como estas estruturas evoluíram enquanto modos de habitar, refletindo transformações sociais e alterações nas dinâmicas de vida coletiva ao longo do tempo.

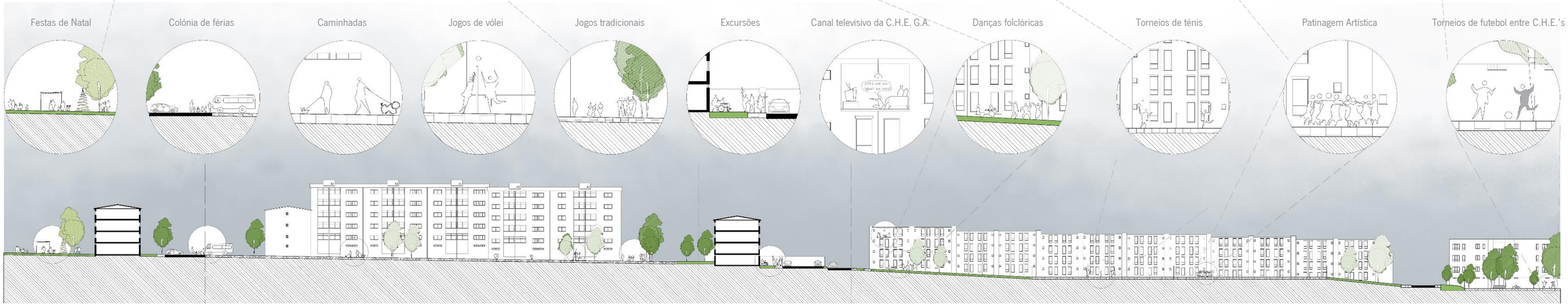
11 O planeamento da atual área do Porto de Leixões, obra começada em 1883, visava a utilização de pedra granítica na sua construção. O monte de São Gens, localizado em Custóias, começou a ser intensamente explorado como pedreira para responder a esta necessidade. Esta área era, antes da sua exploração, um dos pontos mais altos da região. Com a extração do granito (também utilizado para a produção de caulino).





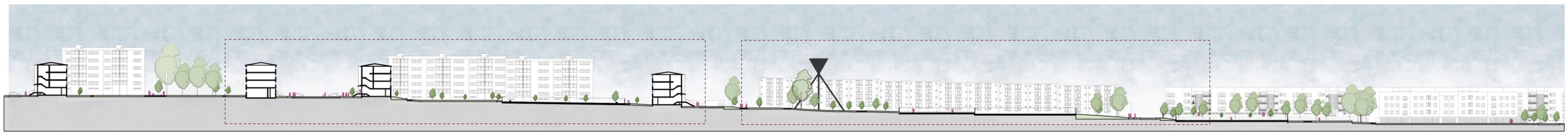



Figura 30: Conjunto de fotos das atividades feitas nas cooperativas, documentadas até 2003



Corte longitudinal EE' com as atividades identificadas

0 5 10 15



Corte longitudinal FF' atual de referência, mas as atividades já não são as mesmas

0 15 30 45

Figura 31: Cortes longitudinais, EE' e FF ', com a localização das antigas atividades

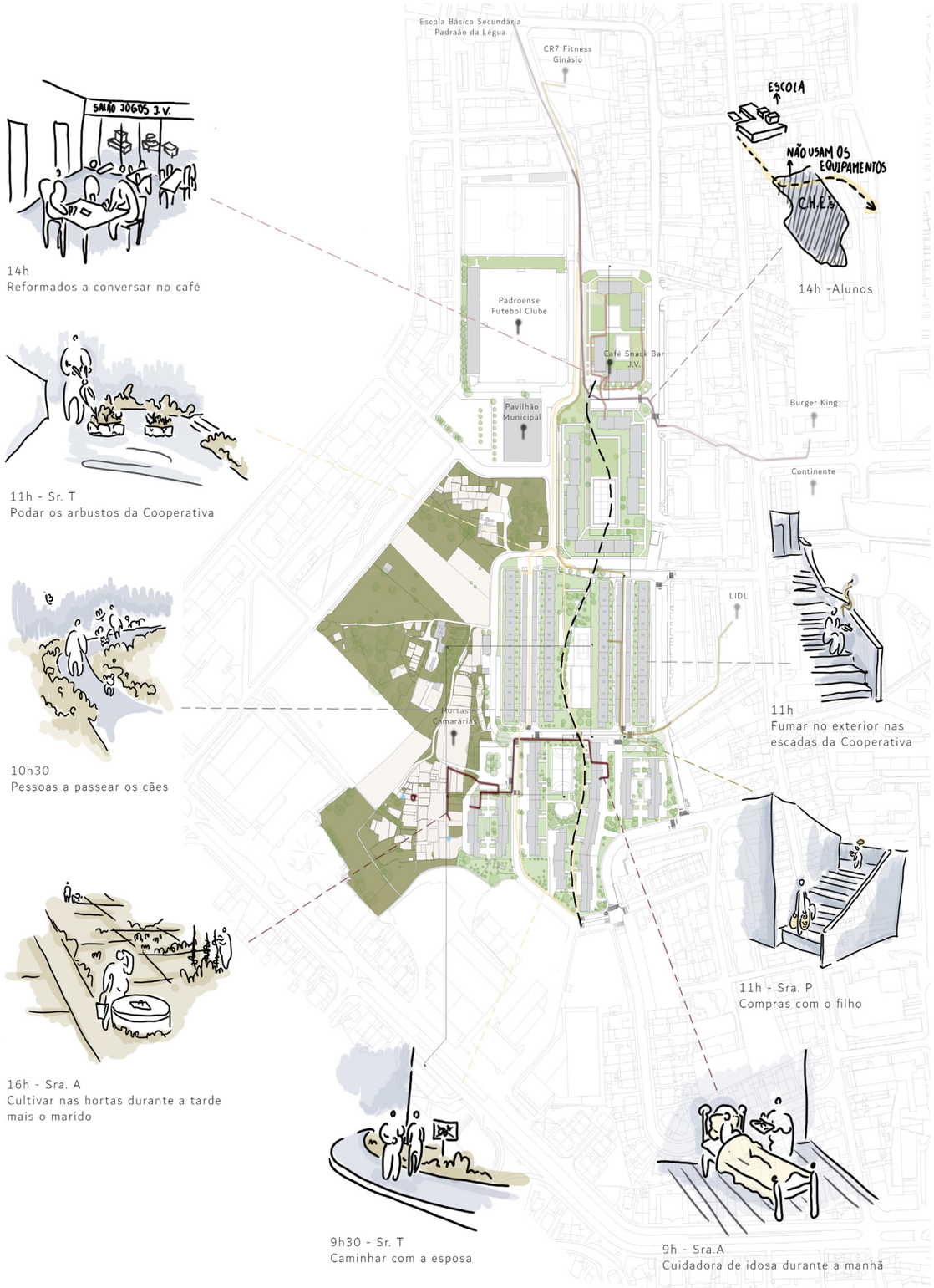


Figura 32: Esquema das rotinas atuais nas C.H.E.'s

1.4. Síntese crítica

Estas cooperativas, outrora, foram marcadas por uma forte dinâmica de coabitação, como se pode observar nos cortes longitudinais (Figura 31) evidenciando um espírito de comunidade mais ativo e uma ocupação do espaço exterior mais frequente. Os moradores conheciam-se entre si, existia maior confiança e participação coletiva na organização de atividades desportivas e de lazer (Figura 30) tais como torneios de futebol entre cooperativas — sendo cada C.H.E. representada pela sua própria equipa — jogos de ténis, jogos tradicionais (como a corrida do saco), patinagem artística e danças folclóricas. Para além disso, organizavam-se festas de Natal e excursões, reforçando uma vivência comunitária mais intensa e transversal às diferentes gerações. Já a C.H.E Gente do Amanhã tinha ainda dois canais televisivos que passavam em todas as televisões da sua cooperativa, onde eram transmitidas filmagens das Festas de Natal e informações.

Porém, as rotinas atuais não demonstram esta mesma realidade sendo a população idosa aquela que mais se observa no quotidiano do espaço. A partir das entrevistas e conversas realizadas, foi possível construir um esquema de utilização diária que evidencia estas dinâmicas (Figura 32), por exemplo, o Sr. T, de manhã, realiza caminhadas com a esposa e posteriormente ocupa-se com atividades de jardinagem no exterior da cooperativa; já a Sra. A, durante a manhã, cuida de uma senhora idosa e, no período da tarde, junta-se ao marido e cultivam nas hortas camarárias. Durante as manhãs, vários moradores das C.H.E.'s e de fora, utilizam o espaço para passear cães ou deslocar-se às superfícies comerciais próximas, enquanto ao início da tarde o café snack-bar "Juntos Venceremos" regista maior afluência, funcionando como ponto de encontro informal entre residentes reformados.

No entanto, esta apropriação atual do espaço revela uma transformação significativa do modelo de coabitação inicial. A dimensão coletiva, antes estruturada em atividades organizadas e numa forte vida associativa, dá lugar a uma utilização mais individualizada, fragmentada e dependente de rotinas envelhecidas. As gerações mais novas, como estudantes de uma escola próxima, atravessam o conjunto sobretudo como percurso de passagem, sem apropriação efetiva dos equipamentos ou dos espaços exteriores. Neste sentido, o espaço mantém fisicamente as condições para a convivência, mas a sua apropriação social encontra-se progressivamente reduzida, revelando um desfasamento entre o desenho cooperativo original e os modos de vida contemporâneos.

Capítulo II
Redes de Coabitação

Figura 33: Antiga coabitação na C.H.E. Gente do Amanhã



a)



b)

Figura 34: Ilustrações críticas

1.1. Da fragmentação à continuidade

As Cooperativas de Habitação Económica em Senhora da Hora, apesar de constituírem um importante legado de uma abordagem coletiva à habitação, encontram-se hoje marcadas por dinâmicas de normalização e individualização do habitar. As lógicas de circulação pedonal e automóvel contribuem para que cada C.H.E. funcione de forma relativamente autónoma, com reduzida interação entre os diferentes conjuntos e entre os seus moradores, o que é igualmente confirmado pelas rotinas quotidianas observadas. Em contraste, as cooperativas foram originalmente associadas a uma forte vida comunitária, sustentada por atividades coletivas e pela apropriação dos espaços exteriores (Figura 33), traduzindo um modelo de coabitação mais intenso e participativo. Com o tempo, os antigos jovens casais, estão agora reformados, os seus filhos foram viver para os centros das cidades e a realidade não é a mesma.

Assim, apresentam-se as seguintes críticas ao local (Figura 34):

a) Rutura entre escalas: da rua ao interior

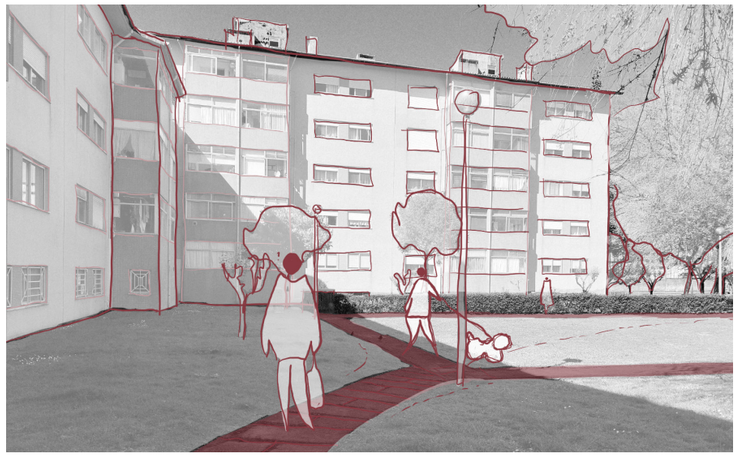
Nos três conjuntos habitacionais observa-se uma separação marcada entre o espaço público da rua e os espaços interiores coletivos. A transição entre estas duas escalas realiza-se frequentemente através de acessos pontuais, meios pisos, galerias ou percursos interiores que limitam a continuidade espacial e visual entre o exterior urbano e o interior dos conjuntos, entradas abruptas nas cooperativas, sem espaços intermédios de mediação. Embora esta estratégia contribua para uma maior proteção e delimitação do espaço habitacional, acaba também por reduzir a integração do conjunto na dinâmica da rua e limitar a apropriação gradual dos espaços intermédios.

b) Hierarquização excessiva da mobilidade automóvel

Apesar da intenção de separação entre circulação automóvel e pedonal, os três conjuntos evidenciam uma forte presença das infraestruturas associadas ao automóvel, nomeadamente garagens, vias e acessos. Em muitos casos, o rés do chão é predominantemente ocupado por estacionamento, assumindo um carácter funcional que condiciona a relação entre habitação e solo, sem áreas de permanência nem espaços de transição que incentivem o encontro. Esta organização atribui uma importância significativa ao automóvel na estruturação do conjunto, influenciando os percursos, os acessos e a própria configuração dos espaços exteriores. Consequentemente, os espaços pedonais surgem frequentemente subordinados à lógica infraestrutural do estacionamento e da circulação automóvel.

Esta condição gera vários efeitos:

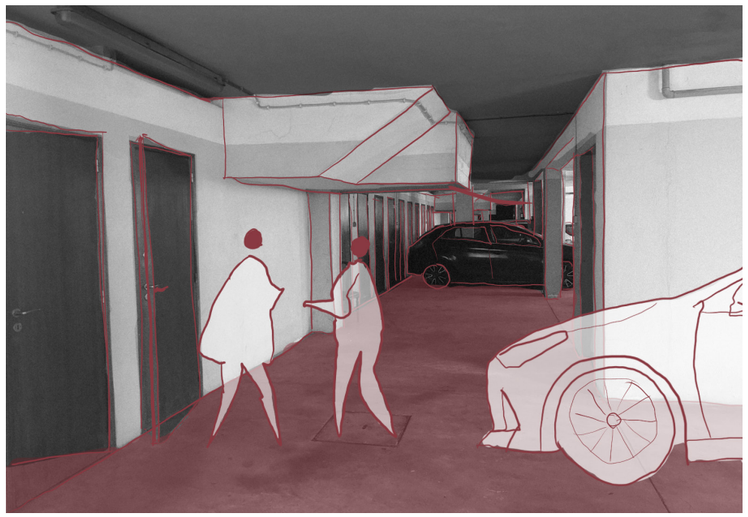
- Redução da segurança e conforto do peão;
- Interrupção de percursos contínuos entre cooperativas;
- Desqualificação dos espaços exteriores, que passam a ser dominados por infraestruturas técnicas.



c)



d)



e)

Figura 34: Ilustrações críticas

Como consequência, os espaços exteriores deixam de funcionar como suportes de sociabilidade, tornando-se essencialmente espaços de circulação ou armazenamento de veículos.

c) Neutralidade dos espaços de circulação

Os percursos pedonais desempenham um papel central na organização dos conjuntos, mas apresentam frequentemente um carácter neutro e funcional. Estes espaços são desenhados sobretudo para garantir circulação e distribuição, oferecendo poucas condições para permanência, apropriação ou convivência informal. A ausência de zonas intermédias, alargamentos ou elementos que incentivem o uso prolongado, reduz o potencial de interação entre moradores, tornando os espaços de circulação essencialmente transitórios e por vezes repetitivos.

d) Descontinuidade ecológica

Embora os três conjuntos integrem áreas verdes, pátios e zonas ajardinadas, observa-se frequentemente uma fragmentação dos espaços exteriores e uma reduzida continuidade ecológica entre os diferentes elementos naturais. As áreas verdes surgem muitas vezes compartimentadas por vias, estacionamentos, cercas e caminhos, dificultando a criação de sistemas contínuos de vegetação e de percursos ambientais integrados. Em alguns casos, a presença significativa de superfícies impermeabilizadas e infraestruturas técnicas reduz a capacidade de articulação entre solo, vegetação e espaços de permanência, limitando a integração ecológica do conjunto na envolvente urbana, limitando também a possibilidade de desenvolver práticas coletivas associadas à natureza — como hortas, jardins ou espaços de lazer intergeracionais.

e) Especialização e subutilização dos espaços comuns

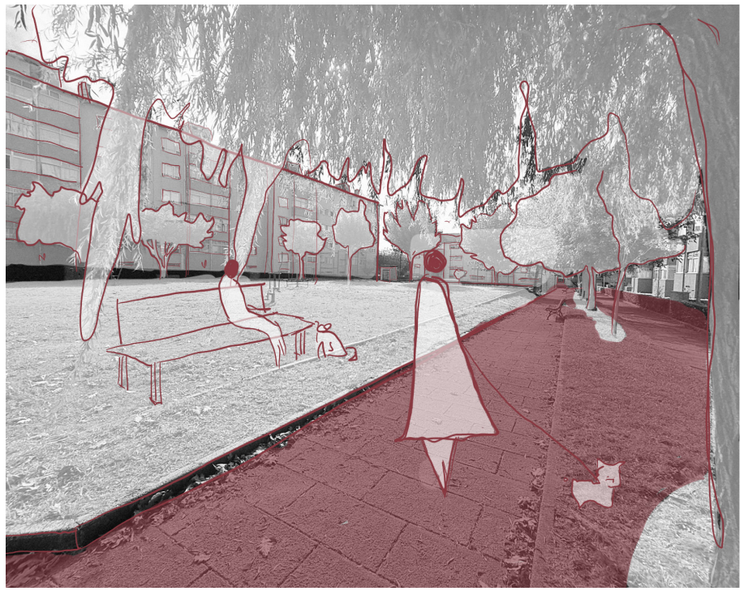
Os espaços comuns existentes, como corredores, arrumos, campos desportivos, zonas de exercício e bancos, apresentam frequentemente uma utilização especializada e pontual. Muitos destes espaços foram concebidos com funções específicas e pouco flexíveis, o que condiciona a diversidade de usos e a apropriação quotidiana pelos moradores. Em consequência, verifica-se uma utilização desigual dos equipamentos coletivos, com alguns espaços a concentrarem atividade enquanto outros permanecem subutilizados ou associados apenas à circulação e passagem. A ausência de espaços híbridos, capazes de acomodar diferentes atividades ao longo do tempo, impede o surgimento de dinâmicas coletivas espontâneas. Paralelamente, muitos destes espaços apresentam condições físicas pouco convidativas (iluminação reduzida, falta de relação com o exterior, materiais pouco acolhedores), reforçando a sua subutilização. Com isto, a configuração espacial existente não suporta a construção de rotinas partilhadas. A inexistência de espaços intermédios, de permanência e de uso coletivo contribui para a redução das interações quotidianas, enfraquecendo os laços sociais. Esta condição é particularmente evidente na dificuldade de promover relações intergeracionais, uma vez que não existem espaços que acomodem simultaneamente diferentes usos — brincar, descansar, cultivar, conviver.



a)



b)



c)

Figura 35: Ilustrações estratégicas

A crítica evidencia uma desconexão entre a estrutura física existente e as dinâmicas sociais desejáveis, particularmente no que diz respeito à promoção da convivência, da partilha e da vida comunitária. Revela que a perda de intensidade comunitária não decorre apenas de transformações sociais, mas está profundamente enraizada na própria **configuração espacial e infraestrutural** dos conjuntos (Figura 36).

Contudo, longe de representar uma condição estática, esta realidade revela um **campo de oportunidade**, onde a reconfiguração dos sistemas de circulação, a ativação dos espaços comuns e a construção de continuidade entre diferentes escalas podem contribuir para a reativação da coabitação enquanto modelo de habitar.

A estratégia pretende valorizar o espaço do rés do chão das cooperativas, transformando as C.H.E's numa **rede contínua de coabitação**, reconfigurando os sistemas existentes através de intervenções espaciais que promovam a permeabilidade, a proximidade e a ativação programática a partir de novas formas de o habitar, transformando a área de intervenção numa zona de coabitação ativa, intergeracional e de hábitos quotidianos sustentáveis, renovando o modelo cooperativista de habitar aqui presente (Figura 35 e 37).

a) Espaços intermédios como mediadores

A estratégia propõe a inversão da hierarquia existente, privilegiando a mobilidade pedonal, introduzindo e valorizando de espaços intermédios capazes de funcionar como elementos de transição e mediação entre as diferentes escalas do conjunto. Estes espaços poderão assumir a forma de pequenas praças, alargamentos dos percursos, associadas aos acessos principais. A criação de transições mais graduais entre espaço público, semipúblico e privado permitirá reforçar a integração das cooperativas na envolvente urbana, promovendo simultaneamente uma maior apropriação quotidiana dos espaços coletivos e uma relação mais contínua entre os edifícios e o exterior.

b) Reestruturação da mobilidade: prioridade ao peão

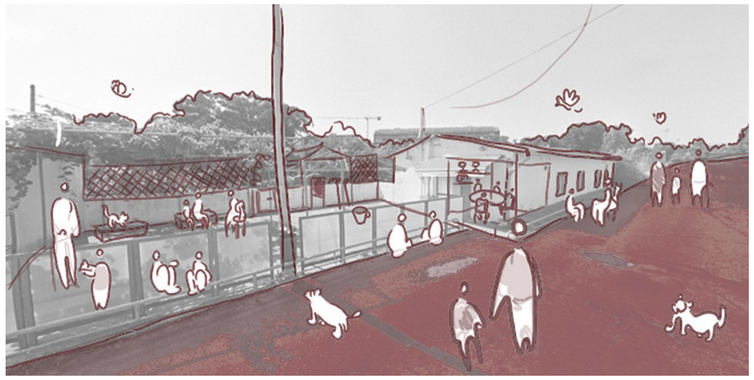
Esta estratégia passa pela reorganização dos acessos e áreas de estacionamento, pela redução da dominância visual e funcional do automóvel e pela qualificação dos percursos pedonais. A criação de espaços mais seguros, confortáveis e acessíveis para circulação a pé contribuirá para reforçar a utilização quotidiana do espaço exterior e favorecer uma maior permanência e interação entre moradores.

c) Reforçar a permeabilidade e continuidade dos percursos

Pretende-se reforçar a continuidade espacial e a permeabilidade entre os diferentes espaços exteriores, promovendo ligações mais claras e fluidas entre edifícios, zonas verdes, equipamentos coletivos e envolvente urbana. A qualificação dos percursos pedonais através de alargamentos, zonas de pausa e novos pontos de atravessamento poderá transformar os espaços de circulação em elementos ativos da vivência coletiva, deixando de funcionar apenas como áreas de passagem.



d)



e)

Figura 35: Ilustrações estratégicas

d) Revitalização dos espaços verdes

A estratégia propõe revitalizar estas áreas através da criação de sistemas verdes mais contínuos, diversificados e integrados na vivência quotidiana dos moradores. A introdução de novos espaços de brincar, áreas de descanso e encontro, zonas de sombra, áreas de lazer e convívio, espaços multifuncionais e de cultivo permitirá reforçar o conforto ambiental e a apropriação coletiva dos espaços exteriores. Simultaneamente, a melhoria da continuidade ecológica contribuirá para uma relação mais equilibrada entre solo, vegetação e espaços habitacionais.

e) Reprogramação dos espaços comuns

Pretende-se uma reprogramação destes espaços através da introdução de usos mais diversificados, informais e intergeracionais, capazes de incentivar diferentes formas de permanência, encontro e convivência. A transformação de áreas subutilizadas em plataformas abertas com espaços multifuncionais, associados ao lazer, descanso, trabalho informal ou atividades comunitárias, oficinas e salas de estudo, permitirá reforçar o papel dos espaços comuns enquanto elementos ativos da vida coletiva das cooperativas.

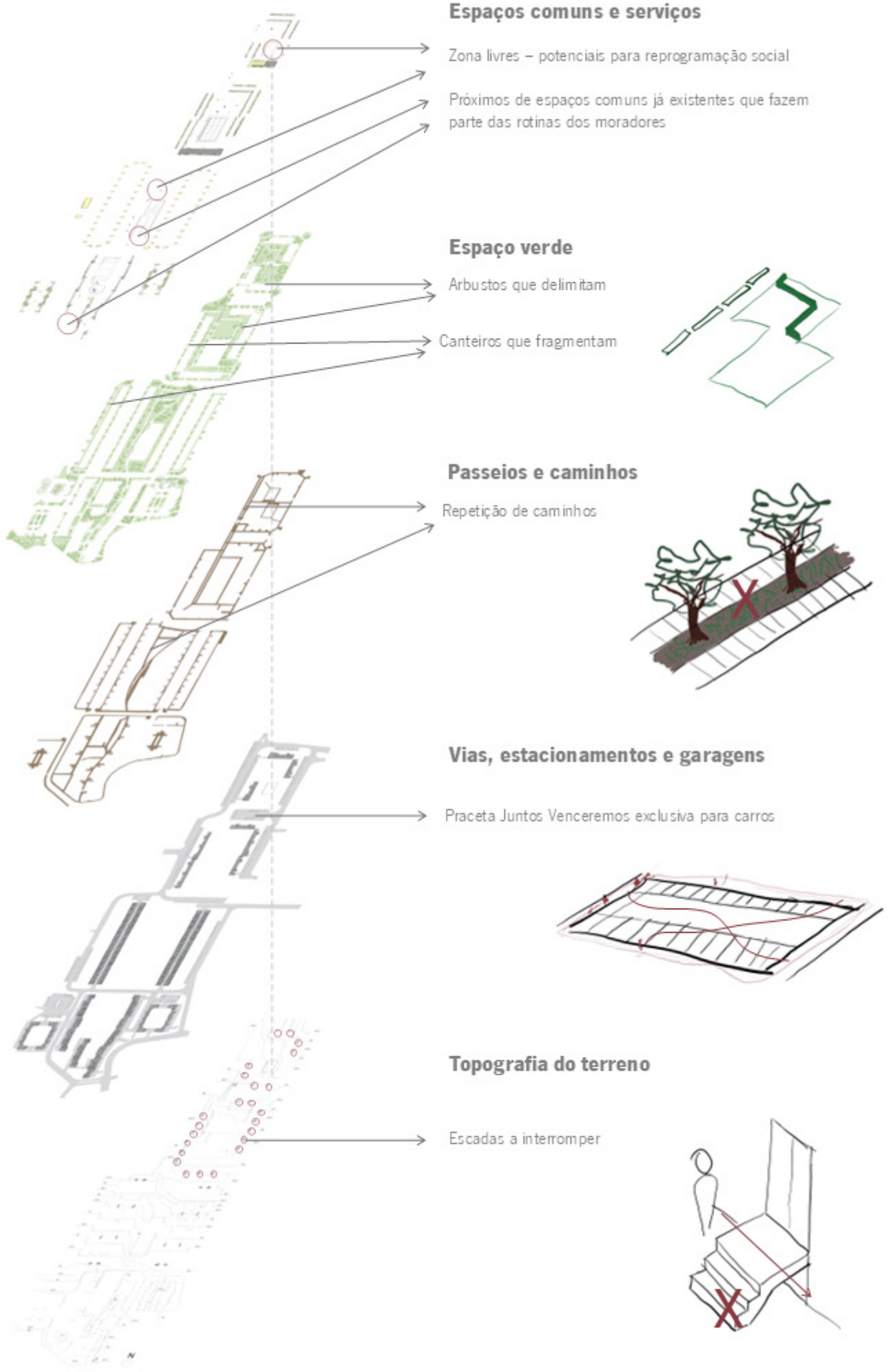


Figura 36: Esquema axonométrico extrudido com ilustrações da crítica

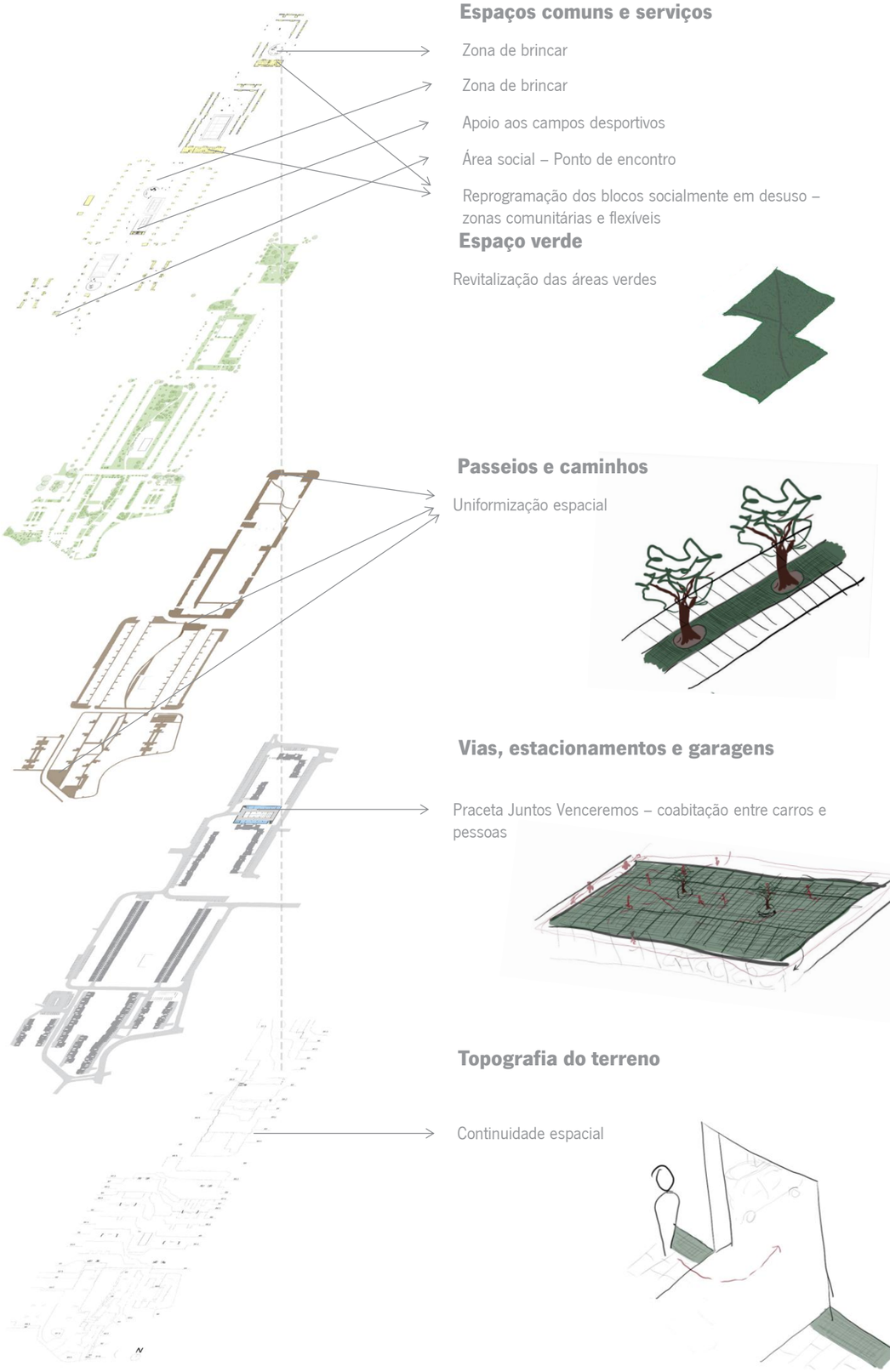


Figura 37: Esquema axonométrico extrudido com ilustrações da estratégia

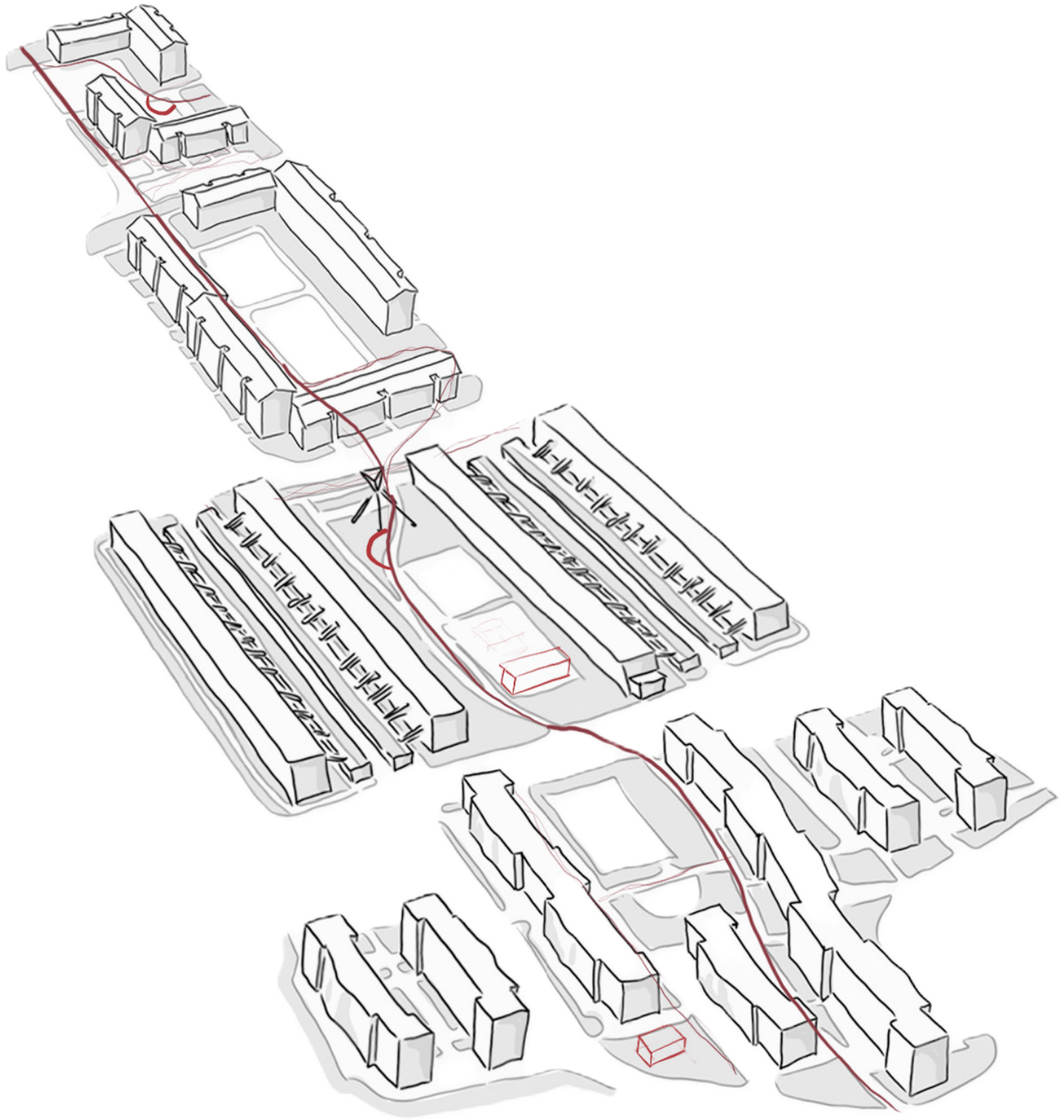


Figura 38: Ilustração axonométrica extrudida do conjunto das C.H.E.'s com os princípios base da estratégia

1.2. Novas redes de coabitação

O projeto desenvolvido para as cooperativas C.H.E. Juntos Venceremos, C.H.E. Gente do Amanhã e C.H.E. A Telha parte da observação das transformações sociais e espaciais ocorridas ao longo do tempo nestes conjuntos habitacionais. Se anteriormente estes espaços eram marcados por fortes relações de vizinhança, utilização intensa do exterior e formas de coabitação quotidiana, atualmente verifica-se uma ocupação mais fragmentada, associada sobretudo à circulação, ao estacionamento e a utilizações pontuais dos espaços comuns.

A intervenção procura, assim, reinterpretar o espaço coletivo enquanto suporte de **novas redes de coabitação**, atuando sobre os elementos que hoje limitam a convivência entre moradores. O projeto não pretende alterar radicalmente a estrutura das cooperativas, mas antes trabalhar a partir das suas qualidades existentes, os percursos, os espaços verdes, os rés do chão, as coberturas e os vazios entre edifícios, reforçando as relações entre habitação, circulação e permanência (Figura 38).

As diferentes operações propostas introduzem uma maior continuidade entre cooperativas, reduzem barreiras físicas e aproximam os espaços do quotidiano dos moradores. O rés do chão deixa de funcionar exclusivamente como suporte infraestrutural e passa a integrar espaços de trabalho, encontro e utilização flexível. Os percursos pedonais tornam-se espaços habitados, articulando zonas de estar, brincar, cultivo e estudo, enquanto os espaços verdes passam a assumir um papel mais contínuo e coletivo dentro dos conjuntos.

Desta forma, o projeto entende a coabitação não apenas como partilha do espaço habitacional, mas como construção de novas rotinas e relações quotidianas através do uso coletivo do exterior. A intervenção procura criar condições para encontros informais, permanência e convivência intergeracional, reconstruindo progressivamente redes de proximidade e coabitação entre moradores e entre diferentes cooperativas. Paralelamente, a proposta integra princípios associados ao decrescimento, privilegiando uma intervenção adaptativa e baseada na valorização do existente. As novas construções introduzem novos programas que procuram responder às necessidades atuais. E através da reutilização e transformação de materiais já presentes no território, reduz-se o consumo de recursos, reforçando uma lógica de continuidade material e social. Neste sentido, a materialidade do projeto torna-se também um instrumento de coabitação e sustentabilidade, refletindo uma abordagem mais circular, coletiva e consciente do habitar contemporâneo.

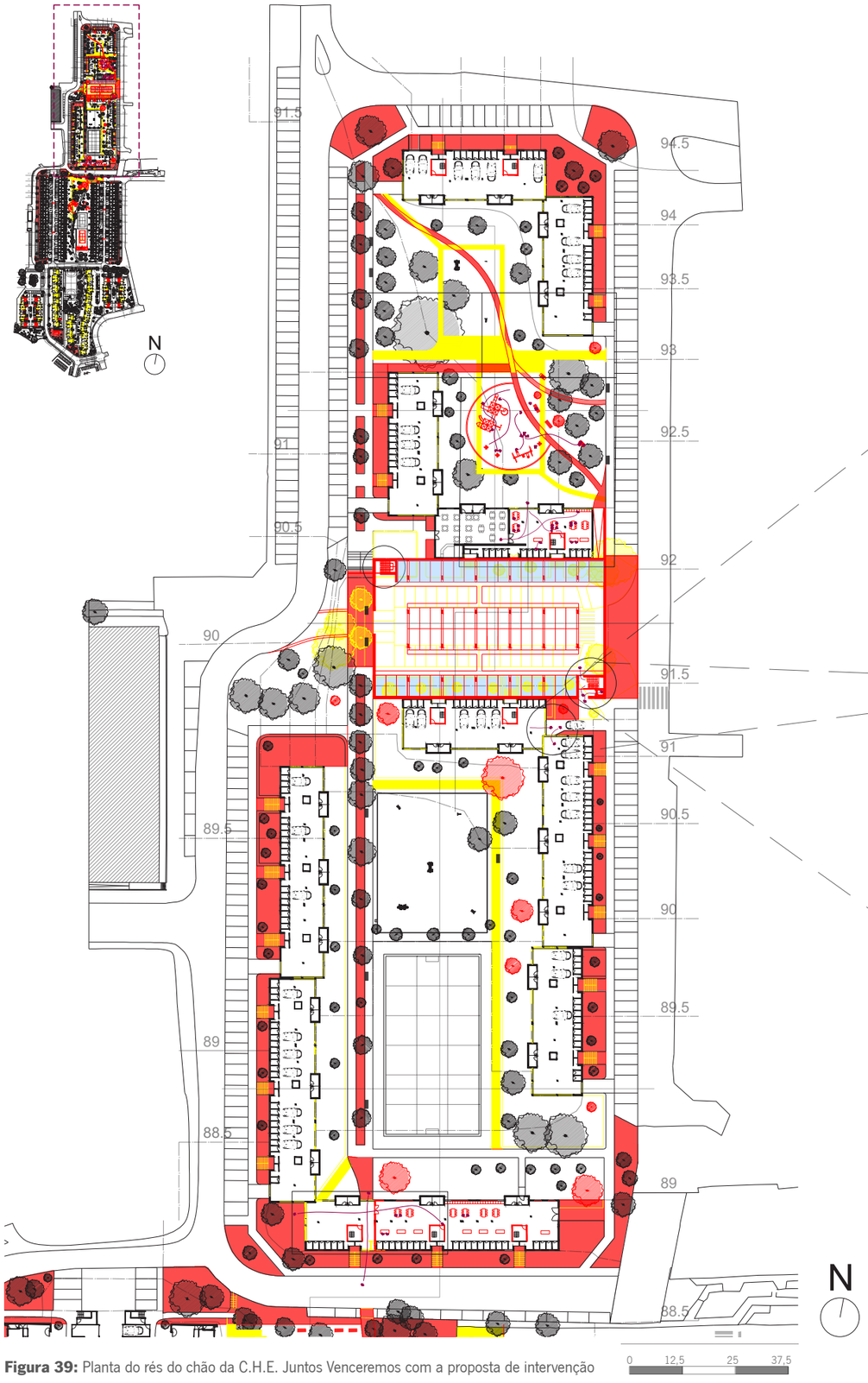


Figura 39: Planta do rés do chão da C.H.E. Juntos Venceremos com a proposta de intervenção

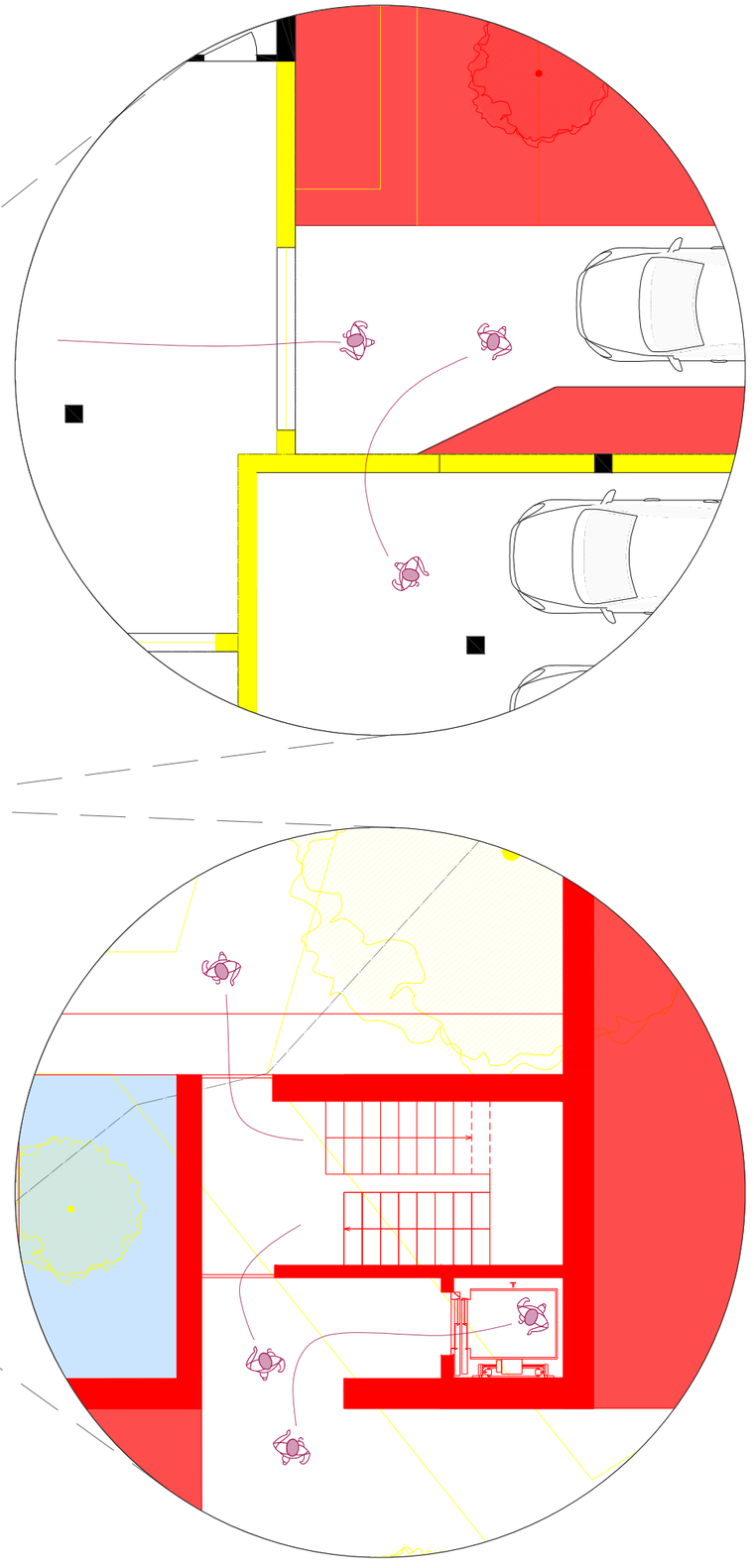


Figura 40: Ampliação de zonas de intervenção tipo de acessos



Figura 42: Corte longitudinal AA' do parque de estacionamento subterrâneo

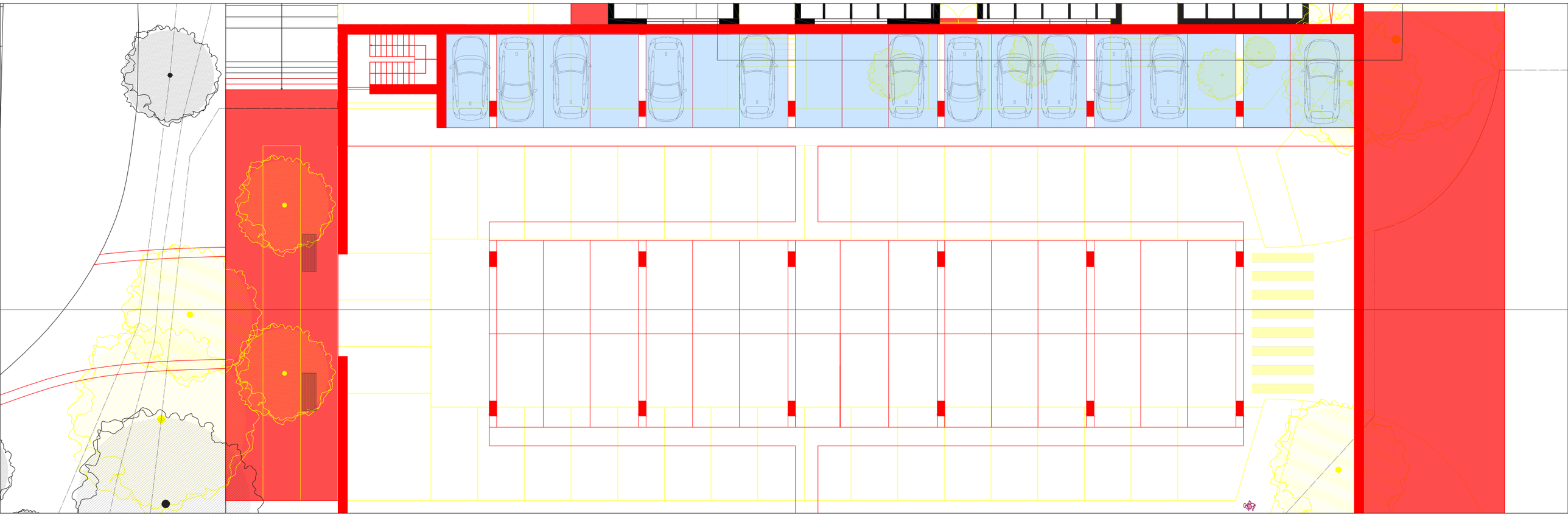
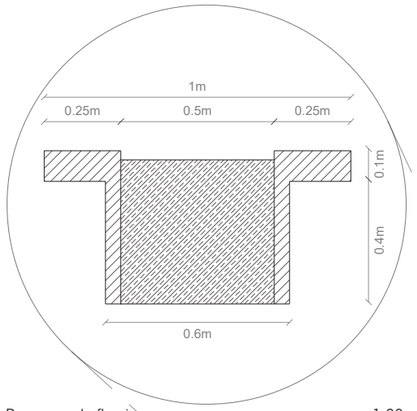
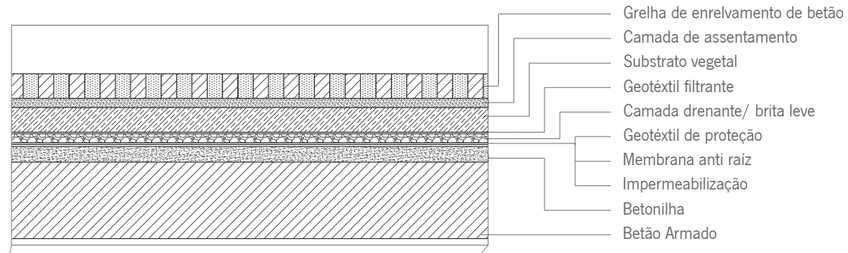


Figura 41: Secção da planta do rés do chão do parque de estacionamento subterrâneo



Pormenor da floreira 1:20



Pormenor da Cobertura Habitável 1:20

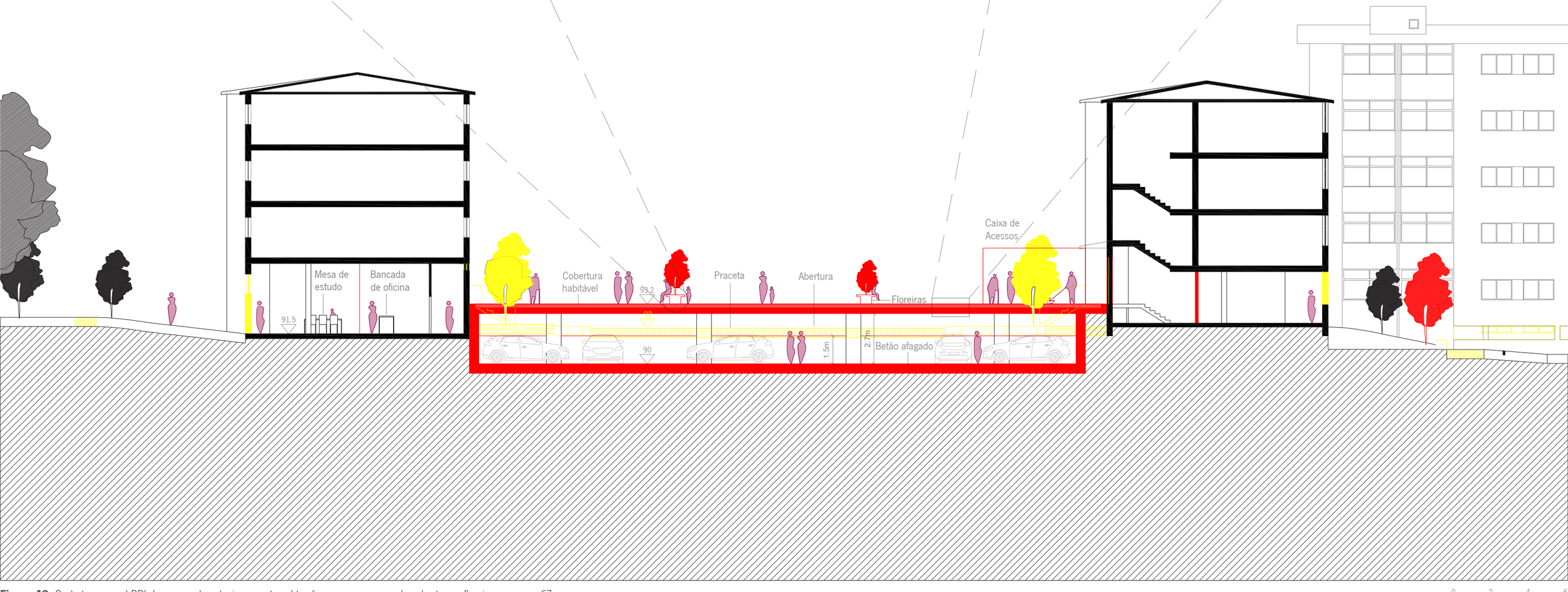


Figura 43: Corte transversal BB' do parque de estacionamento subterrâneo e pormenores da cobertura e floreira 67

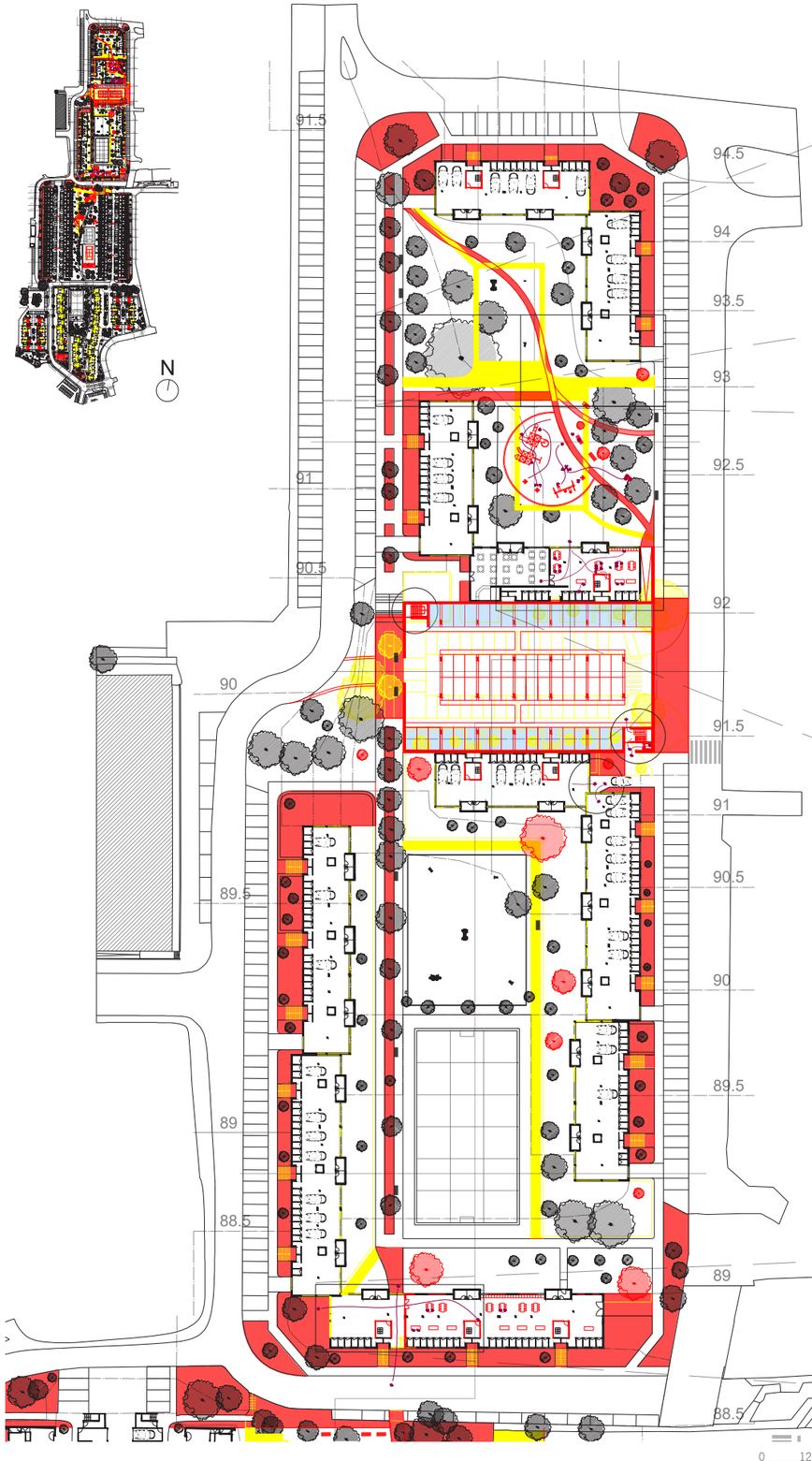
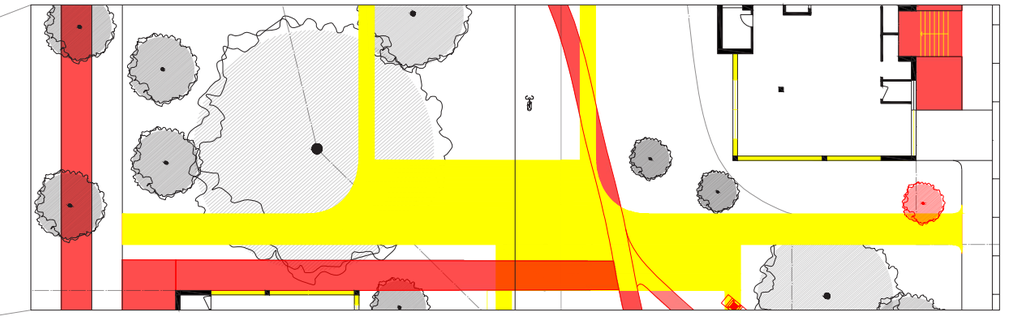
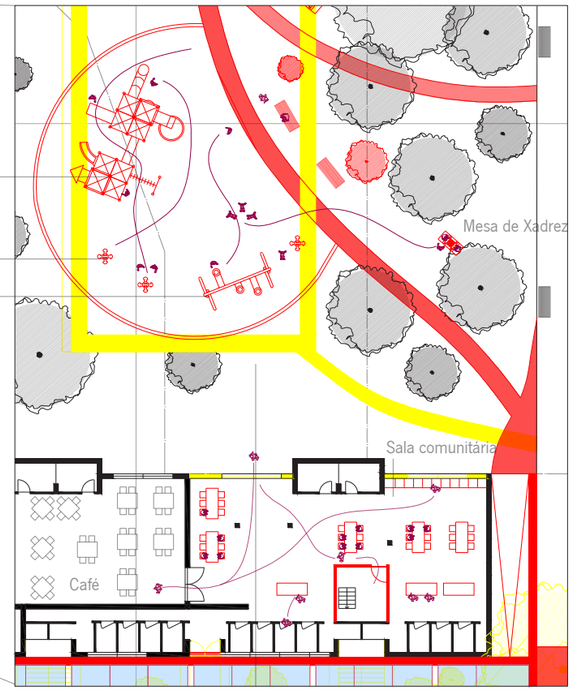


Figura 44: Planta do rés do chão da C.H.E. Juntos Venceremos com a proposta de intervenção (repetição)



Passeios e caminhos



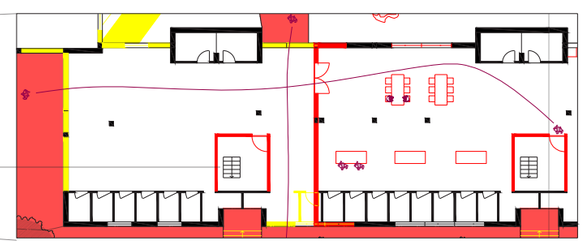


Figura 45: Ampliação de zonas de intervenção em: passeios e caminhos; espaços sociais – zona de brincar e zona comunitária



Figura 46: Foto 3 da C.H.E. Juntos Venceremos

1.2.1. **C.H.E. Juntos Venceremos:** Continuidade espacial

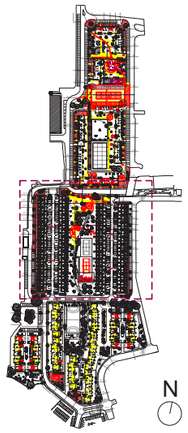
A intervenção proposta para a C.H.E. Juntos Venceremos (Figura 46) procura reforçar a **continuidade espacial** entre os diferentes níveis do conjunto, reativando as dinâmicas de convivência entre moradores e cooperativas vizinhas (Figura 39).

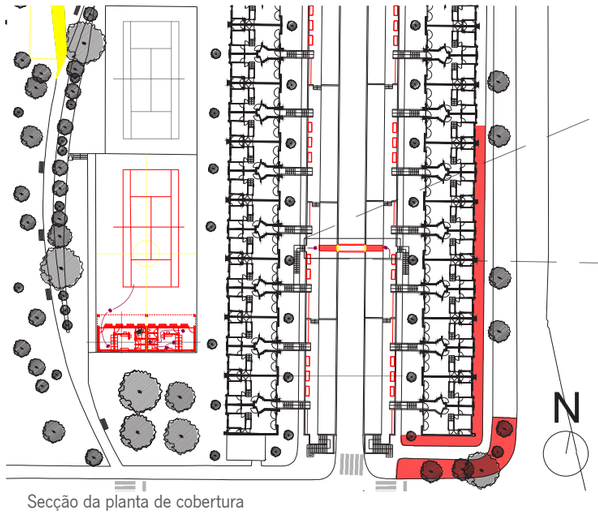
Assim, foram feitas alterações significativas na relação entre a rua, os edifícios e os espaços exteriores interiores. Foram eliminados os lanços de escadas existentes nos acessos aos blocos, permitindo que a entrada nos edifícios passe a realizar-se diretamente a partir da cota da rua e das zonas de garagem e foram demolidas algumas partes de paredes nos alçados virados para os interiores (Figura 40). Esta alteração procura **facilitar os percursos quotidianos** e aumentar as possibilidades de cruzamento entre moradores no rés do chão. Simultaneamente, a praceta Juntos Venceremos foi elevada da cota 92 m para a cota 93.20 m, estando de nível com a entrada desses blocos transversais, criando uma **nova praça central contínua e acessível**, **uma cobertura habitável com estacionamento subterrâneo**. Com isto, foram criados novos acessos verticais (Figura 40), escadas e elevadores, para aceder da cota da rua à cota do estacionamento ou da praça. Foi criada também uma ligação viária à cota 90 m, para o parque de estacionamento subterrâneo como se vê no corte AA' (Figura 42). A construção deste parque surge como compensação da remoção de 36 lugares de estacionamento à superfície, permitindo aumentar a capacidade total para 68 lugares subterrâneos, adicionando lugares para carregamento de carros elétricos (Figura 41), e libertando espaço exterior para uso pedonal e coletivo. Foram retiradas algumas árvores devido à diferença de cotas, mas na praça foram adicionadas floreiras para árvores com raízes pequenas, que funcionam com zona de estar também, como se pode ver no corte BB', com a pormenorização da floreira e um primeira estudo da composição da laje de cobertura (Figura 43).

Ao nível das ruas envolventes**,** uniformizou-se canteiros, alargando a zona pedonal e eliminado a fragmentação, e nas zonas verdes foram replantadas árvores (Figura 44).

Alguns caminhos no interior verde foram demolidos para tornar o percorrer do espaço mais intuitivo e menos fragmentado, mas ao mesmo tempo, foram criadas **novas opções pedonais** mais diretas conectando novas zonas programáticas, tal como, o parque infantil e ao redor, foram colocados bancos de estar e mesas de xadrez exteriores, promovendo aqui a permanência de várias idades e criando novas proximidades. Já no interior do edifício, no rés do chão, ao lado do café, foram adicionadas bancadas e mesas de estudo, transformando aquele lugar em desuso, numa troca de conhecimento. O mesmo foi feito em um segundo bloco transversal que era apenas destinado a arrumos. Mas, aqui pretende-se fechar uma parte desta área para tornar o espaço mais climatizado e acolhedor para dias mais frios e nublados, e assim ser mais flexível e ter diferentes usos sociais, como workshops, eventos, festas. (Figura 45).

Para garantir a segurança e privacidade dos moradores dos blocos transversais, onde o acesso aos pisos superiores continua a realizar-se exclusivamente por escadas, foram criados pequenos **núcleos fechados** junto a cada lanço de escadas, acessíveis apenas aos residentes. (Figura 45).

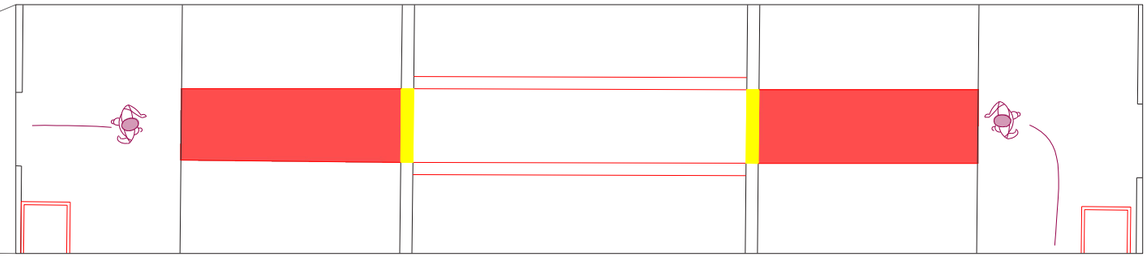




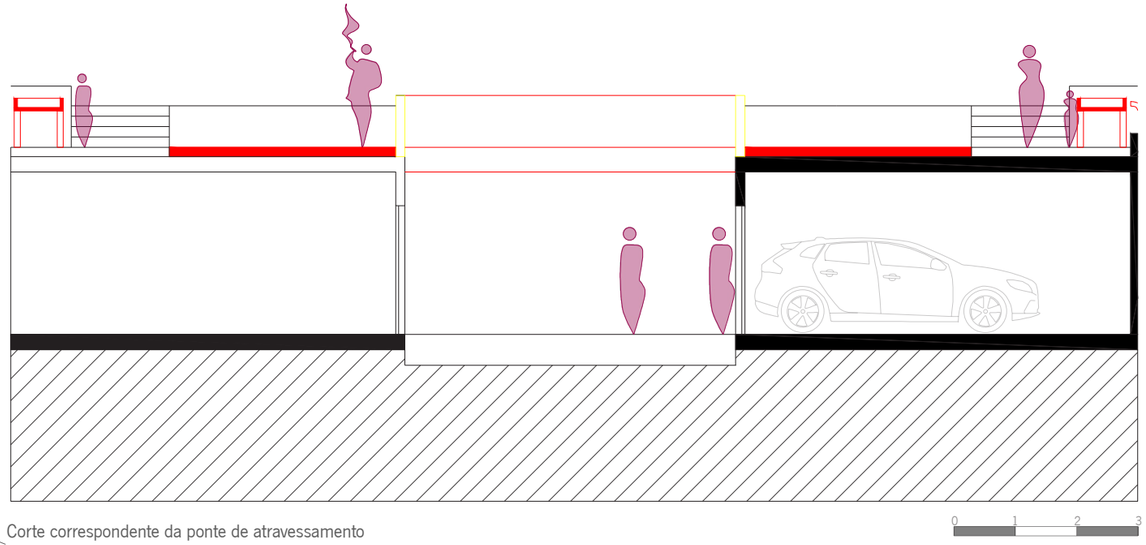
Secção da planta de cobertura



Figura 47: Planta do rés do chão e secção da planta de cobertura da C.H.E. Gente do Amanhã com a proposta de intervenção



Ampliação da ponte de atravessamento



Corte correspondente da ponte de atravessamento

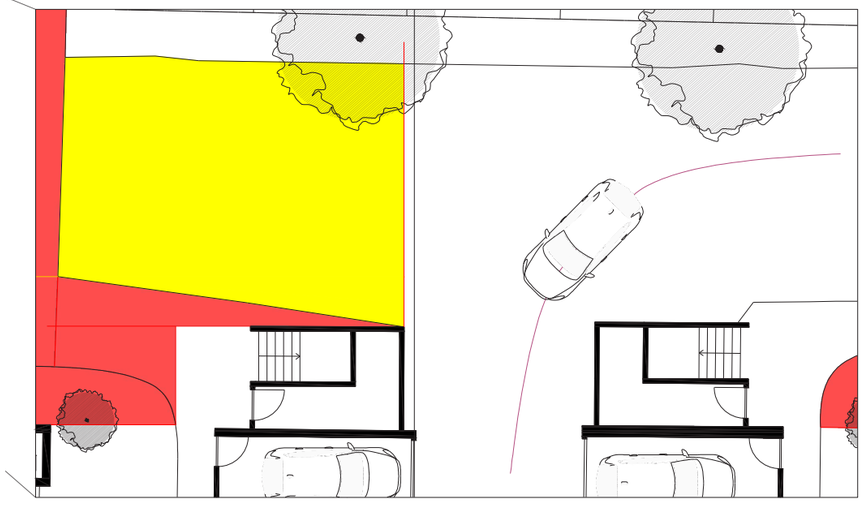
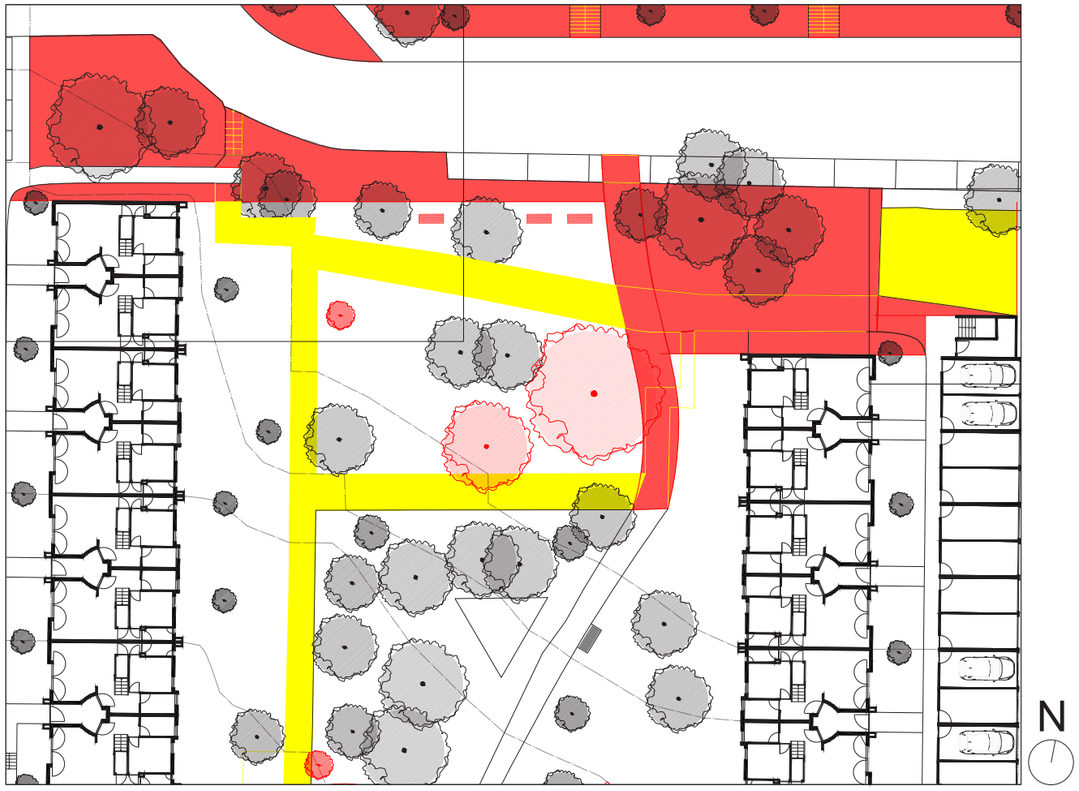


Figura 48: Ampliação de zonas de intervenção: pontes de atravessamento e vias



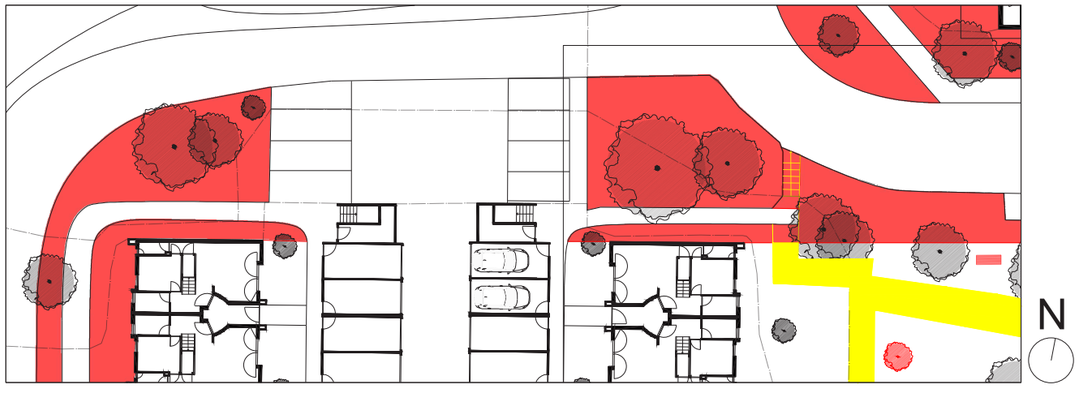


Figura 49: Ampliação de zonas de intervenção: passeios e caminhos

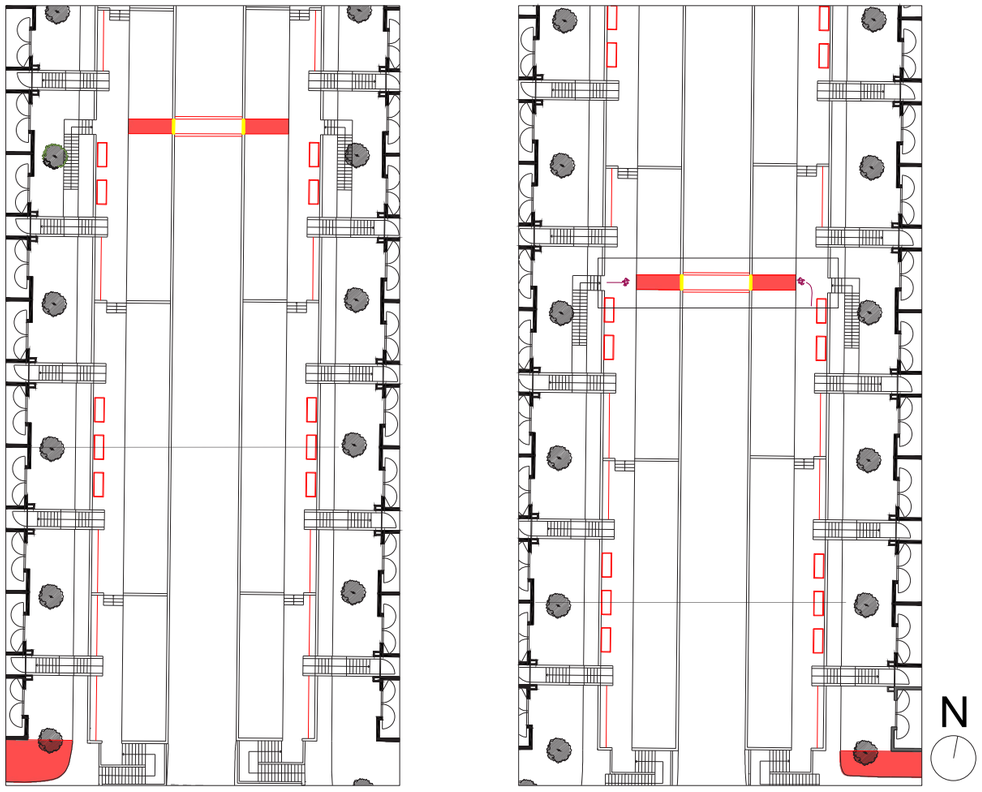
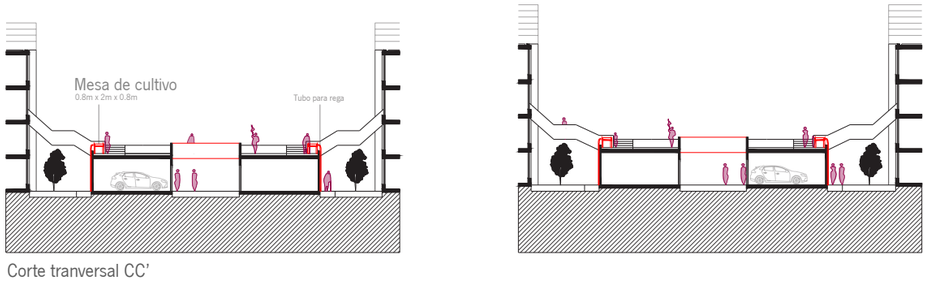
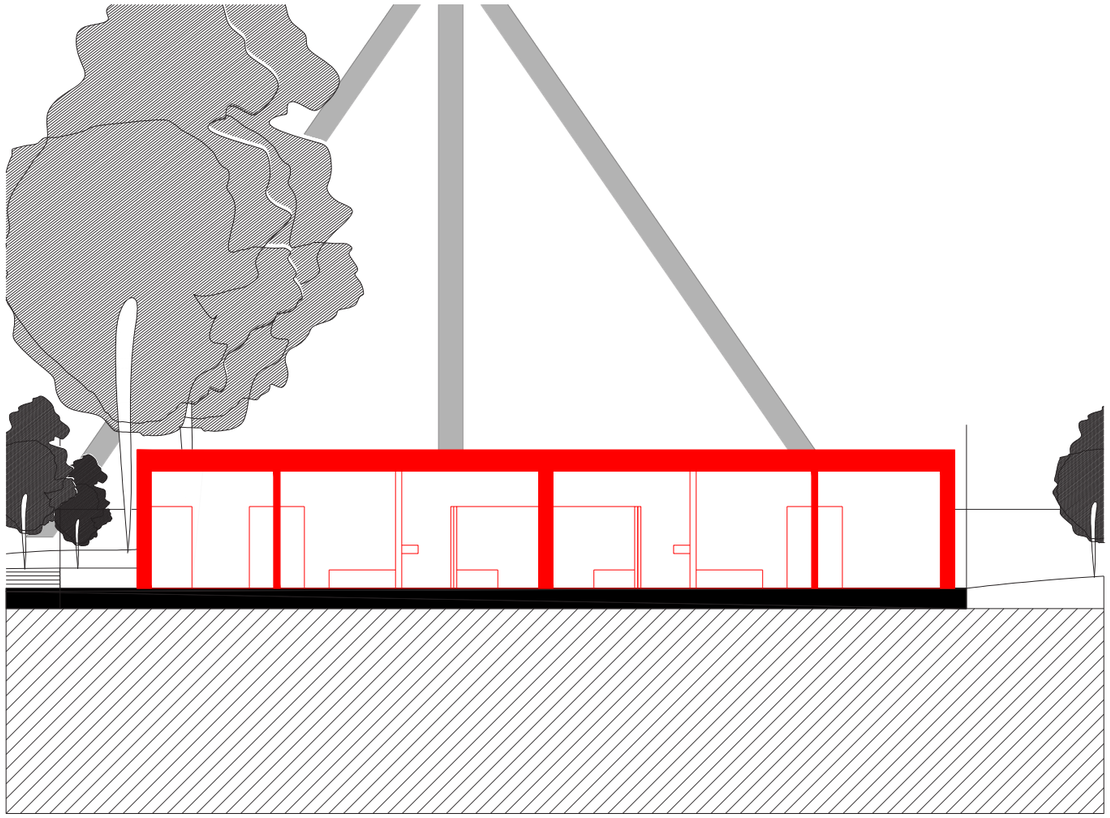


Figura 50: Ampliação de zonas de intervenção: planta de cobertura com mesas de cultivo

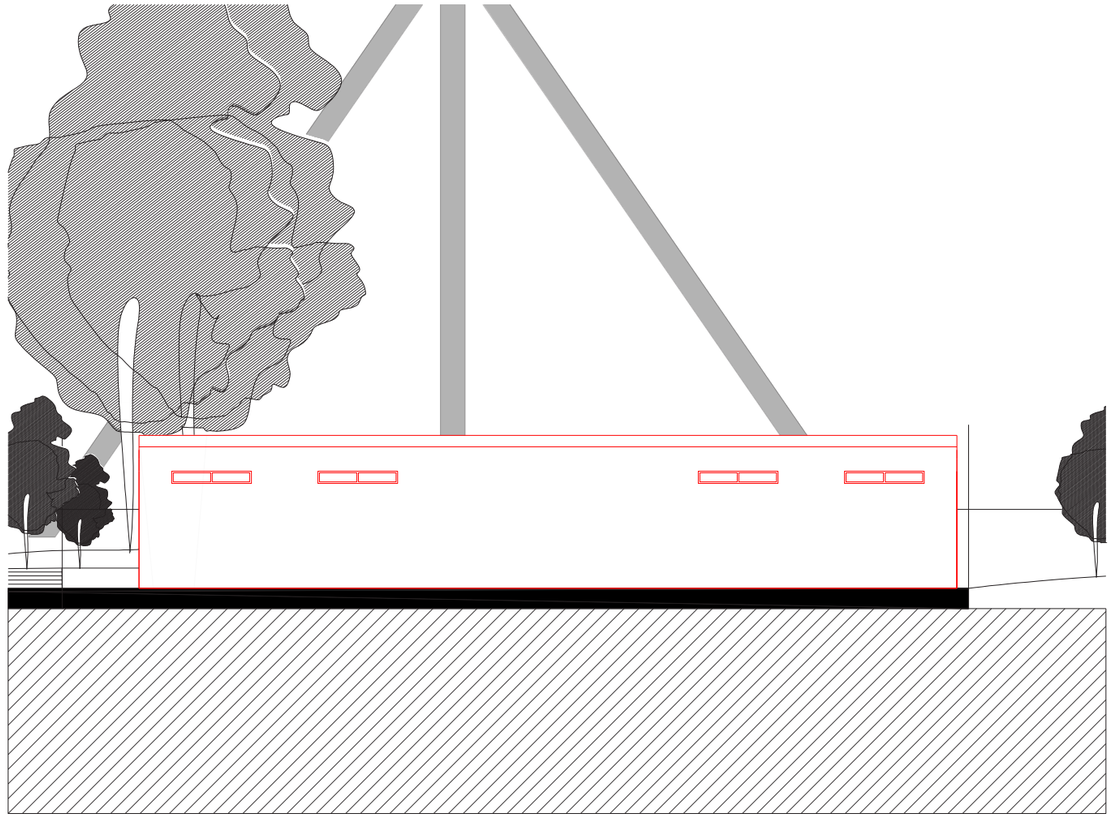


Corte tranversal CC'

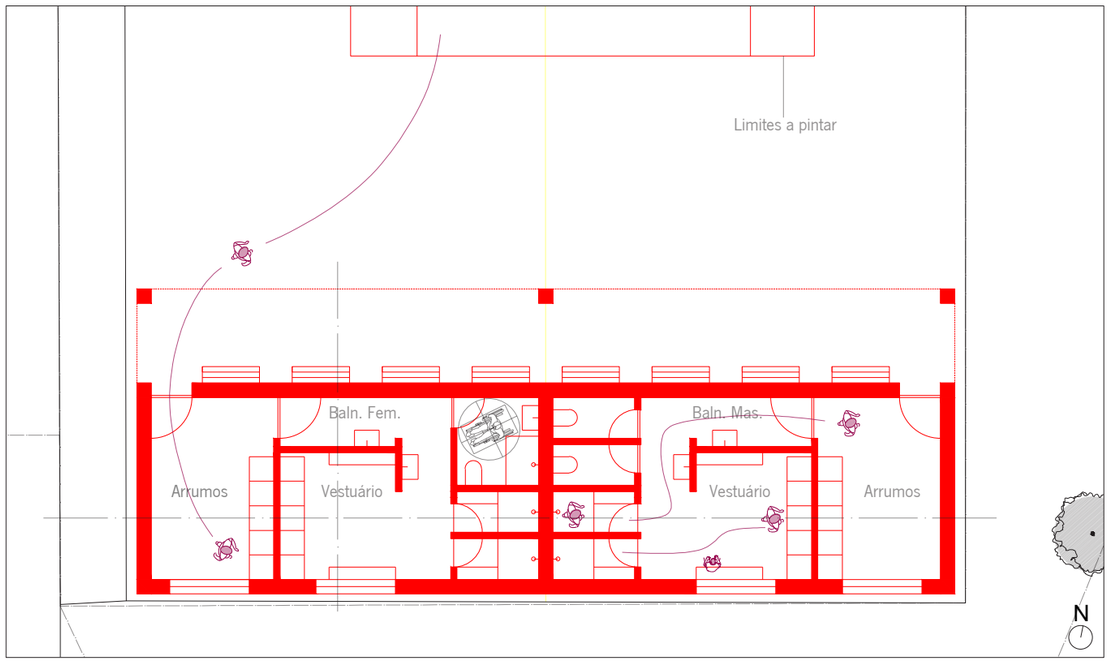
Figura 51: Ampliação de zonas de intervenção: corte transversal CC'



Corte longitudinal



Alçado Sul



Planta do rés do chão

0 1,5 3



Corte tranversal

0 1,5 3

Figura 52: Desenhos técnicos do novo bloco de apoio desportivo: planta, corte transversal, longitudinal e alçado Sul



Figura 53: Foto 3 da C.H.E. Gente do Amanhã

1.2.2. C.H.E. Gente do Amanhã: Reprogramação dos percursos

A intervenção proposta para a C.H.E. Gente do Amanhã (Figura 53) procura reforçar a continuidade entre cooperativas, melhorar a rede pedonal existente e **reativar os espaços coletivos** através de pequenas operações de transformação espacial e **reprogramação dos percursos**. A proposta mantém a estrutura geral do conjunto, valorizando as características existentes e introduzindo intervenções pontuais capazes de reforçar a convivência, a permeabilidade e a utilização quotidiana dos espaços exteriores (Figura 47).

Para facilitar o cruzamento entre moradores, criaram-se 4 pequenas **pontes de atravessamento entre os blocos de cobertura**. Esta solução permite estabelecer percursos mais diretos entre blocos habitacionais, evitando a necessidade de descer ao nível inferior e contornar os edifícios para realizar atravessamentos entre diferentes partes do conjunto. Para isso, foi preciso demolir uma parte dos muretes e construir um novo pavimento (Figura 48).

Viariamente, uma parte da via foi demolida no sentido de a transformar mais permeável e dar espaço ao peão, que o automóvel ocupava informalmente (Figura 48).

Da mesma forma, foram demolidos caminhos secundários e procurou-se **uniformizar espaços mediadores de circulação pedona**l, e reforçar a ligação à C.H.E. Juntos Venceremos, aumentado a leitura contínua do **espaço exterior verde.** Foram adicionados bancos para haver transições de permanência e em zonas de maior convivência, como acessos verticais, foi uniformizado as fragmentações no pavimento, transformando-as zonas de permanência (Figura 49).

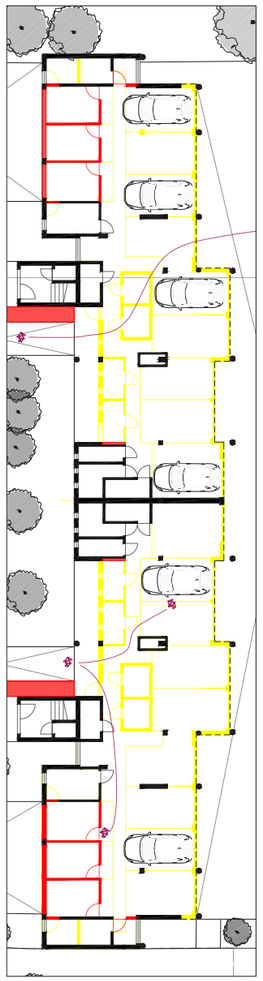
Nas coberturas das garagens, foram adicionadas **mesas de cultivo** (Figura 50), promovendo atividades agrícolas como partilha de conhecimento e convivência entre moradores. A rega, faz-se através da colocação de tubagem vertical nessas zonas, como se vê no respetivo corte (Figura 51).

Programaticamente, adicionou-se uma zona de brincar, e, uma vez que há uma maior procura do campo de ténis, foram introduzidas novas marcações e uma rede adicional no segundo campo desportivo, pouco usado, transformando-o num segundo campo de ténis (Figura 47).

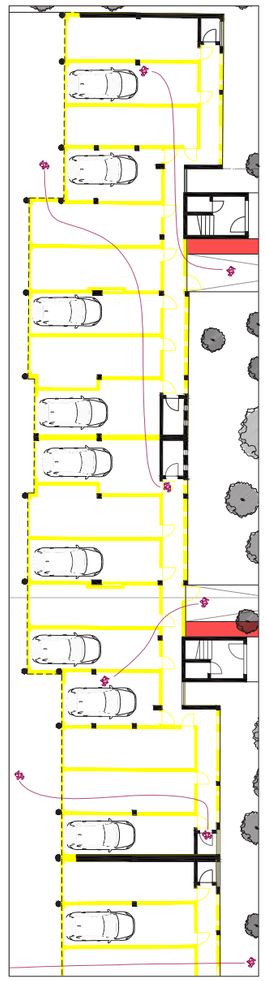
Como suporte a esta nova utilização, foi ainda construído um pequeno **bloco de apoio desportivo** para a arrumos e balneários para os utilizadores dos campos de ténis (Figura 52). A proposta toma como referência os balneários projetados por Fernando Távora para a Quinta da Conceição, em Leça da Palmeira, reinterpretando a ideia de um volume de apoio integrado no espaço verde e articulado com os percursos exteriores do conjunto. Esta construção contém 2 zonas de arrumos, que dão acesso aos balneários, separados por sexo, como se vê no corte longitudinal, com dois chuveiros, instalações sanitárias e vestuário. Os vãos criados foram mínimos, como se vê no alçado, e permitem a ventilação e iluminação do espaço interior. No exterior foram colocados bancos de balneários, que se podem transportar e posicionar mais perto do campo para quem quiser ver os jogos, ou deixar ali como apoio aos jogadores numa zona coberta como se pode ver no corte transversal.



Figura 54: Planta do rés do chão da C.H.E. A Telha com a proposta de intervenção



Planta lote tipo 1
Conjuntos laterais, repete-se 4 vezes



Planta lote tipo 2
Conjuntos centrais, repete-se 6 vezes



Figura 55: Ampliação dos lotes tipo: planta e corte

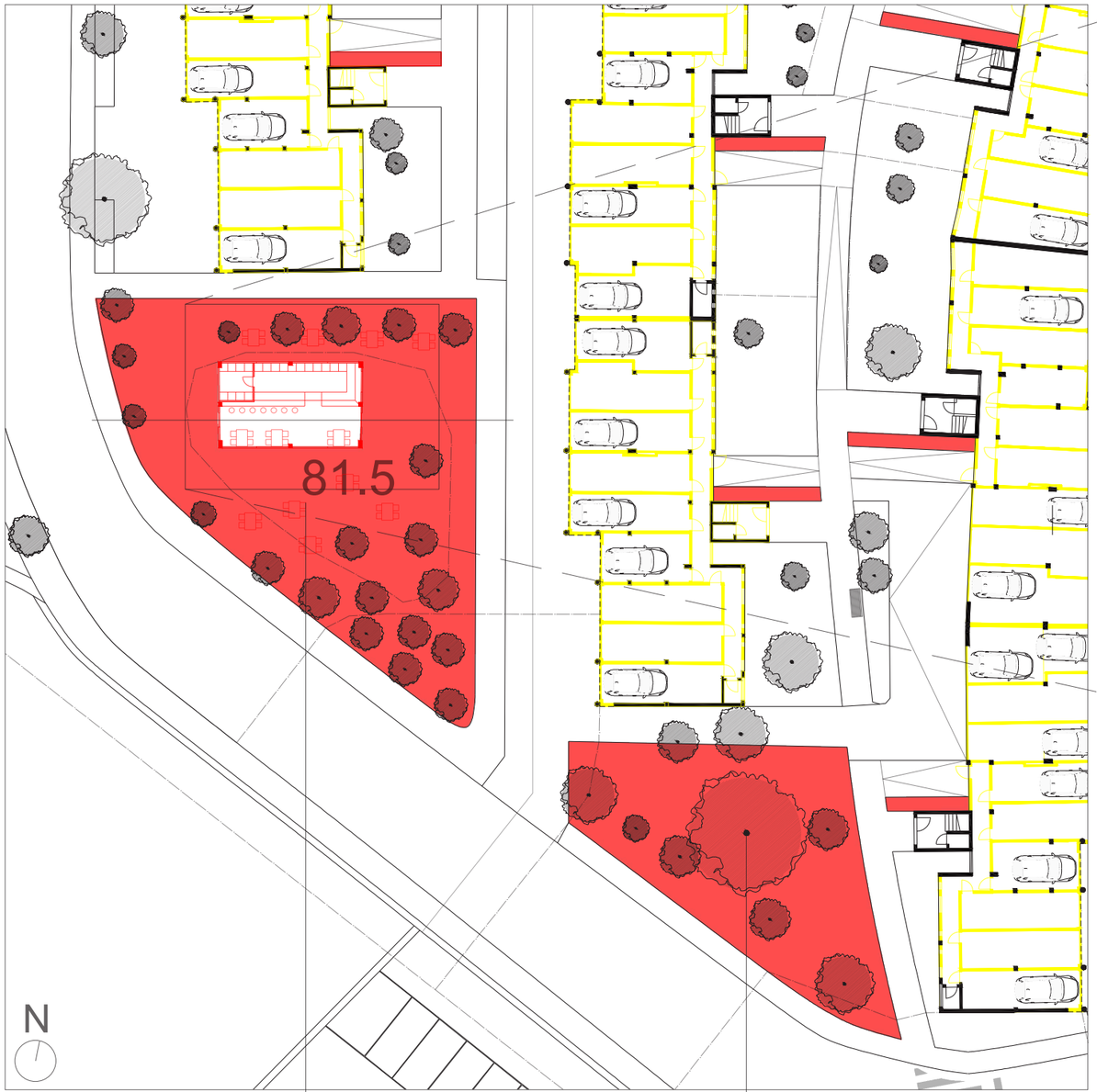
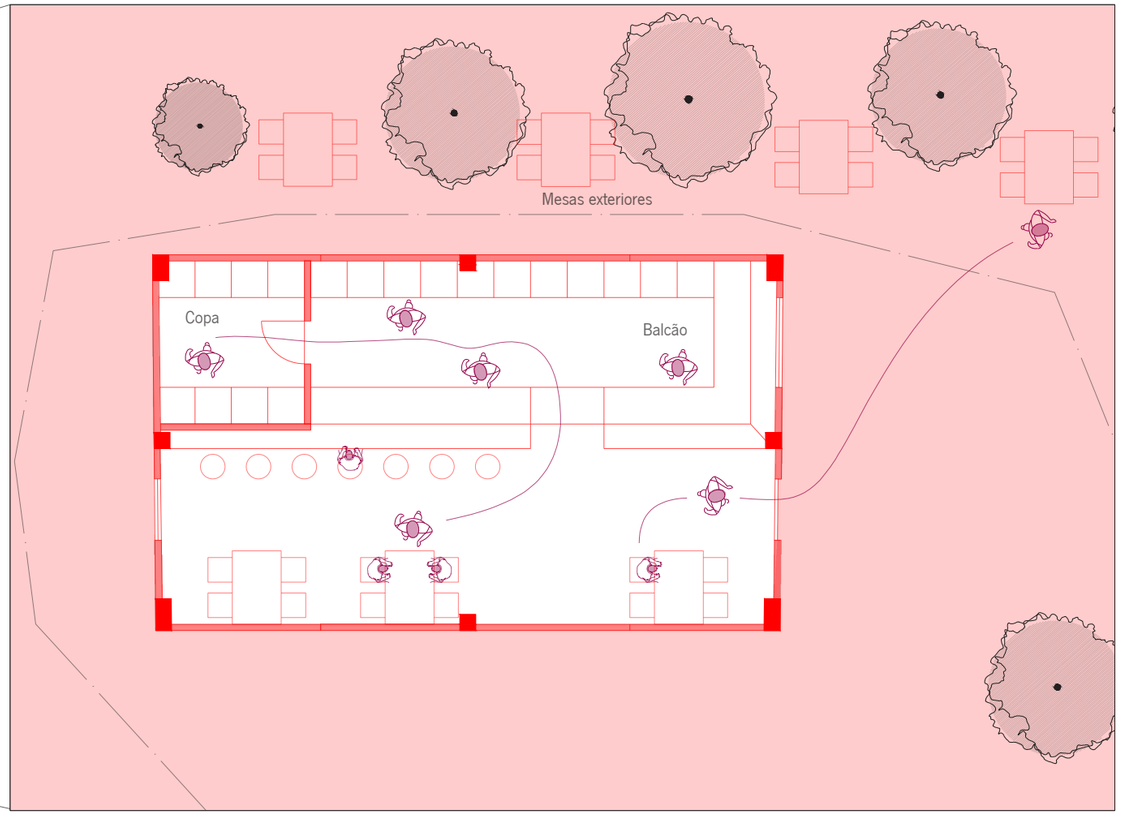


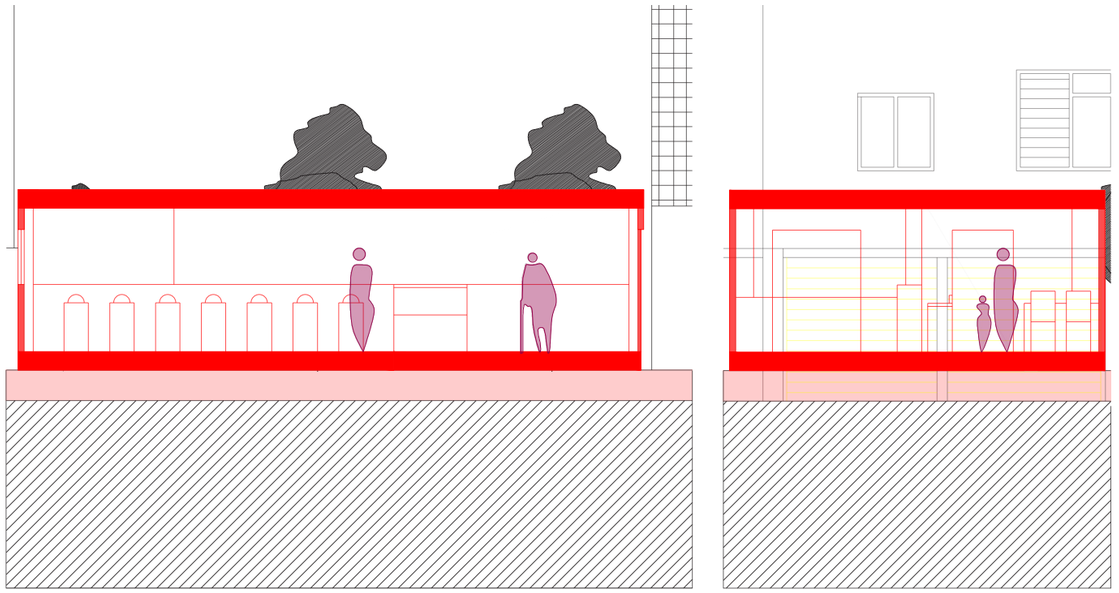
Figura 56: Ampliação da zona de intervenção dos passeios e caminhos

Zonas permeáveis a alargar

Zonas permeáveis a alargar



Planta do rés do chão



Corte longitudinal

Corte tranversal

Figura 57: Desenhos técnicos do novo bloco de cafetaria: planta do rés do chão e corte transversal e longitudinal



Figura 58: Foto 3 da C.H.E. A Telha

1.2.3. A Telha: Libertação do rés do chão

A intervenção proposta para a C.H.E. A Telha (Figura 58), procura recuperar e reinterpretar algumas das qualidades espaciais originalmente previstas no conjunto, reforçando a **libertação do rés do chão** para uma continuidade dos espaços exteriores e a apropriação coletiva do rés do chão. A proposta atua através de operações de demolição seletiva, reorganização dos acessos e qualificação dos espaços comuns, assumindo uma lógica de decrescimento, ao demolir o construído e devolução de espaço ao uso coletivo (Figura 54).

Na composição deste conjunto podem identificar-se duas tipologias de rés do chão (Figura 55). Nos lotes laterais, verifica-se uma organização mais livre em termos de circulação, sem divisórias físicas entre lugares de garagem e com várias zonas de arrumos, apresentando duas fachadas de acesso automóvel através de portões. Já os lotes centrais apresentam uma segunda tipologia, caracterizada pela existência de paredes divisórias entre lugares de garagem, com acesso direto a um corredor e zonas de arrumos adicionais de menor dimensão, e apenas uma fachada de entrada de automóveis.

Desta forma, nos blocos laterais, foram **removidos os portões e demolidas algumas zonas de arrumos,** posteriormente relocalizadas nas extremidades, correspondentes a antigas áreas de garagem, eliminando o acesso automóvel a essas zonas. Esta reorganização reduz a presença do automóvel no interior do conjunto e permite libertar espaço para circulação pedonal e permanência (Figura 55).

Nos blocos centrais, as **divisórias e corredores interiores foram demolidos**, permitindo uma maior **continuidade espacial e uma circulação mais fluida no interior** (Figura 55).

Assim, ainda que estas demolições possam, numa leitura inicial, ser interpretadas como uma alteração negativa no modo de habitar mais individualizado, acabam por potenciar uma maior dinâmica entre os diferentes lotes, que já se encontram dispersos entre si. As relações visuais são reforçadas, tal como se observa no corte transversal, permitindo recuperar parcialmente a condição original de pilotis anteriormente existente. As dinâmicas espaciais passam a evidenciar uma maior abertura do edifício ao espaço exterior, permitindo novas formas de apropriação coletiva.

Além disto, duas zonas permeáveis foram substituídas, construindo e **alargando áreas finais de caminhos**, e foi adicionada uma nova construção com um programa social, uma **cafetaria** (Figura 56), com zona de copa, balão e mesas (Figura 57). Esta construção segue os alinhamentos da C.H.E. e foi pensada de forma a reutilizar alguns materiais removidos dos lotes.

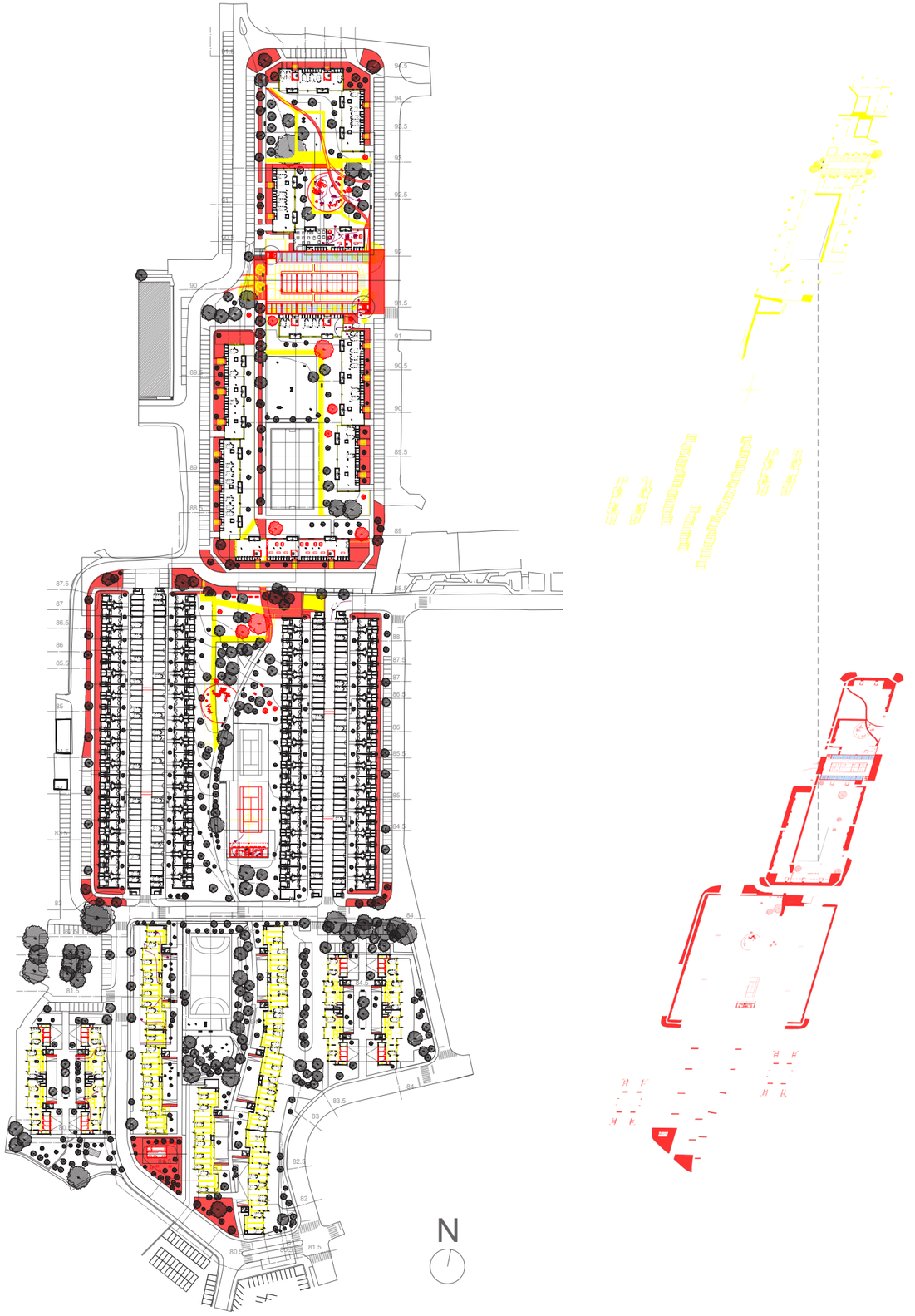


Figura 59: Planta do rés do chão das C.H.E.'s com a proposta de intervenção e esquema axonométrico a demolir e a construir

1.3. Transformação de materiais: Demolição seletiva e reutilização

As intervenções propostas procuram demonstrar que a revitalização das cooperativas habitacionais não depende apenas da requalificação física dos edifícios e dos espaços exteriores (Figura 59), mas sobretudo da capacidade de **reativar e criar novas redes de coabitação** e formas de convivência coletiva que foram sendo enfraquecidas ao longo do tempo. Através da abertura dos rés do chão, da transformação dos percursos, da criação de novos espaços intermédios, reprogramação dos espaços comuns, e novas construções programáticas, o projeto procura devolver centralidade à vida coletiva e ao encontro quotidiano entre moradores, ao criar novas rotinas dentro destas C.H.E.'s.

Os espaços exteriores deixam assim de funcionar apenas como áreas de passagem ou suporte infraestrutural, passando a constituir uma rede contínua de permanência, utilização informal e partilha intergeracional. Pequenas praças, zonas de cultivo, áreas de estudo, oficinas, espaços de brincar e percursos habitados tornam-se **dispositivos de aproximação** entre diferentes moradores e cooperativas, incentivando novas formas de apropriação coletiva e reconstruindo relações de vizinhança.

No entanto, estas transformações levantam também questões relacionadas com os próprios materiais e elementos desmontados durante o processo de intervenção. A **demolição seletiva** de paredes, pavimentos, divisórias, portões e infraestruturas produz um conjunto de materiais cuja reutilização passa a integrar a própria lógica do projeto. Se a proposta procura reconstruir redes de coabitação através do espaço, importa igualmente questionar de que forma os materiais removidos podem continuar a participar nessas novas relações.

Desta forma, o projeto propõe uma reflexão não apenas sobre a transformação espacial das cooperativas, mas também sobre os ciclos de vida da matéria construída. Construir passa, assim, **por desmontar, reutilizar e reconfigurar**, prolongando a memória material dos conjuntos e integrando-a nas novas redes de coabitação que o projeto procura estimular.

Assim, contabilizando as demolições e construções em cada C.H.E. (Figura 60), pretende-se transformar elementos previamente existentes, como lajetas de betão, asfalto, paredes e escadas, em agregados a incorporar nas novas construções, nomeadamente na laje do parque de estacionamento subterrâneo e nas novas lajetas de betão dos percursos pedonais. Os paralelos de granito são reutilizados de forma direta, sendo reaplicados no novo acesso viário de entrada ao estacionamento. No caso das grelhas de betão para enrelvamento, utilizadas para uniformizar zonas pedonais e eliminar canteiros de relva, estas serão de nova produção, uma vez que a sua pré-fabricação se revela mais eficiente e economicamente viável.

Nos espaços comuns, a demolição e remoção de elementos existentes permite introduzir maior variedade material nas novas intervenções, através da reutilização de portas, caixilharias e portões nas diferentes construções propostas (Figura 61).

A demolir

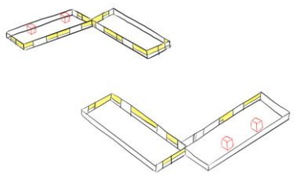
Topografia - **Escadas** ≈ 180 m²

Passeios e caminhos -
Lajetas de betão ≈ 600 m²

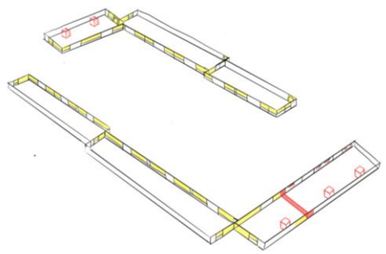
Vias, estacionamento e garagens -
Paralelos de granito ≈ 1243 m²
Zona da praceta

Espaço verde -
18 árvores a replantar

Vias, estacionamento e garagens -
Paredes das garagens ≈ 142 m³



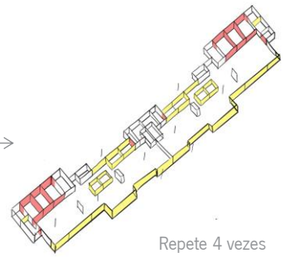
Reutilização direta



Vias, estacionamento e garagens -
Asfalto ≈ 87 m²

Passeios e caminhos -
Lajetas de betão ≈ 273 m²

Vias, estacionamento e garagens -
Paredes das garagens ≈ 735m³



Repete 4 vezes



Repete 6 vezes



No total = 2017 m²
Triturar para agregados,
usar nas novas construções

A construir

Passeios e caminhos -
Grelha de enrelvamento de betão, remates ≈ 2499 m²
Novos – Pré fabricação mais eficiente

Vias, estacionamento e garagens -
Ligação viária, paralelos de granito, ≈ 95 m²

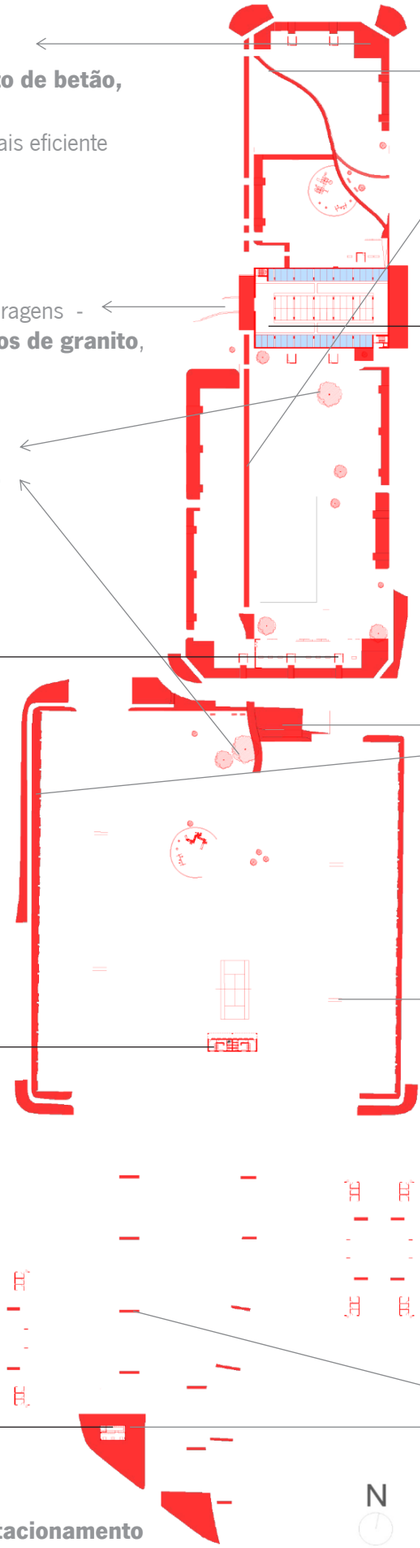
Espaço verde -
18 árvores a replantar

6 Núcleos

Balneários

Cafetaria

Espaços comuns
Núcleos, Parque de Estacionamento Subterrâneo, Balneares, Cafetaria



Passeios e caminhos -
Lajetas de betão ≈ 552 m²

Vias, estacionamento e garagens -
Parque de Estacionamento subterrâneo, betão ≈ 1813 m²

Passeios e caminhos -
Grelha de enrelvamento de betão, remates ≈ 2170 m²
Novos – Pré fabricação mais eficiente

Topografia -
Pontes de atravessamento (4)
≈ 36 m²

Passeios e caminhos -
Grelha de enrelvamento de betão, remates e alargamentos ≈ 968 m²
Novos – Pré fabricação mais eficiente

0 25 50 75

Figura 60: Esquema com as contagens e identificação das áreas a demolir e a construir nas C.H.E.'s

A demolir e remover

C.H.E. Juntos Venceremos

Portões
8

Caixilhos
35

Paredes
142 m³

Portas
1 interior
20 exteriores



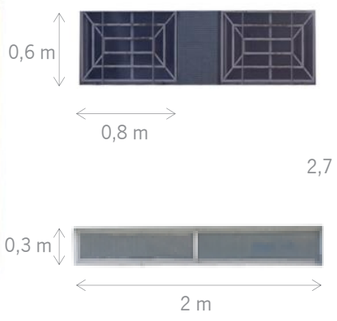




Figura 61.1: Portão
Print do Google Earth

Reinstalação

C.H.E. A Telha

Portões
210

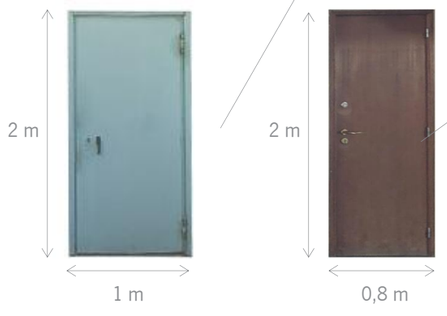
Caixilhos
148

Paredes
735 m³

Portas
157 interiores de madeira
20 exteriores metálicas







Reinstalação

A construir

C.H.E. Juntos Venceremos

Núcleos

Portas
8 exteriores

Paredes
29,3 m³

Reinstalação



16 tiras (x2 metades)
32 pernas - 0,05 m x 1m

Transformação

C.H.E. Gente do Amanhã

Balneários

Caixilhos
4

Paredes
53 m³

Portas
2 exteriores
4 interiores
Novas

Mesas de cultivo
68



Figura 61.2: Mesa de cultivo
Tipo Makro

5 mesas → 6 portas = 68 mesas → 82 portas
5 tampos
1 pernas



C.H.E. A Telha

Arrumos

Paredes
68 m³

Portas
32 interiores

Cafetaria

Portões
10

Pilares
1,7 m³

Reinstalação

Reinstalação

Figura 61: Esquema da identificação e quantidades dos elementos a retirar e a reutilizar nas C.H.E.'s

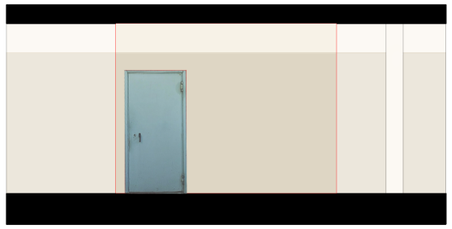


Figura 62: Fotomontagem com a materialidade e elementos a reutilizar na C.H.E. Juntos Vencermos no núcleo a contruir

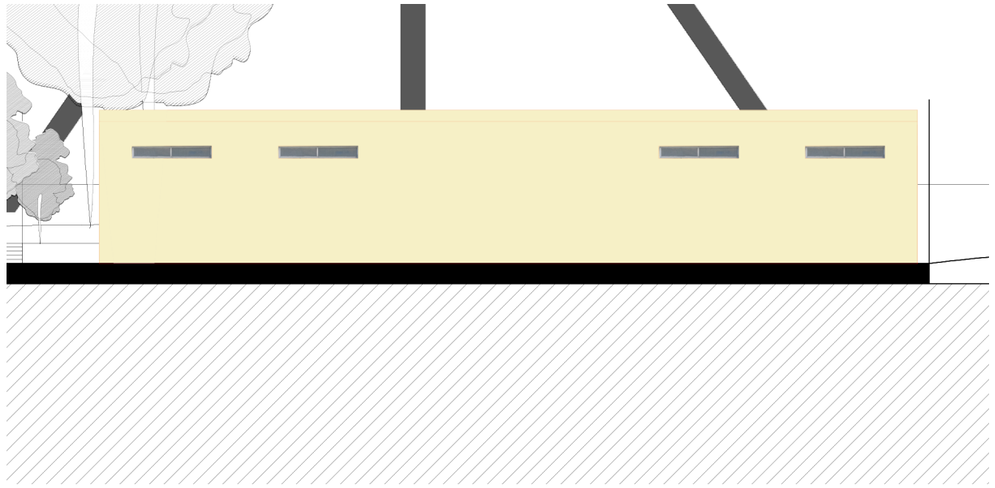


Figura 63: Fotomontagem com a materialidade e elementos a reutilizar na C.H.E. Gente do Amanhã no bloco de apoio desportivo

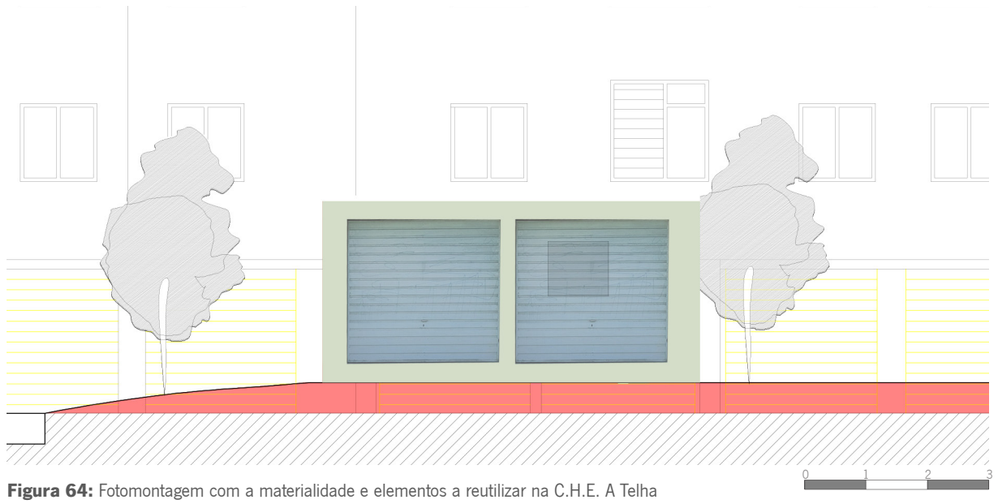


Figura 64: Fotomontagem com a materialidade e elementos a reutilizar na C.H.E. A Telha na cafetaria

Começando pela C.H.E. Juntos Venceremos, os novos núcleos construídos nos blocos transversais reutilizam portas exteriores metálicas retiradas da C.H.E. A Telha (Figura 62).

Na C.H.E. Gente do Amanhã, o novo bloco destinado a balneários e arrumos de apoio reutiliza quatro caixilharias provenientes da C.H.E. Juntos Venceremos (Figura 63). No caso das portas, devido às exigências específicas de climatização e funcionamento destes espaços, opta-se pela aplicação de novos elementos.

Nesta C.H.E. serão instaladas mesas de cultivo construídas a partir da reutilização das portas interiores de madeira removidas da C.H.E. A Telha. Considerando que cada mesa apresenta dimensões aproximadas de 2,00 m x 0,80 m, equivalentes às dimensões das portas existentes, estima-se que nove portas permitam construir oito bases para mesas de cultivo, e mais 6 portas para as respetivas profundidades e limites, após os cortes e adaptações necessários, no total 15 para 9 mesas. Assim, para a instalação de um total de 68 mesas, prevê-se a reutilização de 77 portas (Figura 61), integrando estes elementos numa nova função associada à produção alimentar e à utilização coletiva do espaço exterior.

Já na C.H.E. A Telha, parte das portas removidas dos antigos arrumos será reutilizada nos novos espaços de armazenamento. A cafetaria foi pensada como uma peça móvel, dimensionada a partir das medidas dos portões retirados desta cooperativa. Estes elementos metálicos serão cortados e adaptados para integrar novas aberturas de portas e janelas, enquanto os pilares e lajes estruturam o novo volume arquitetónico (Figura 64).

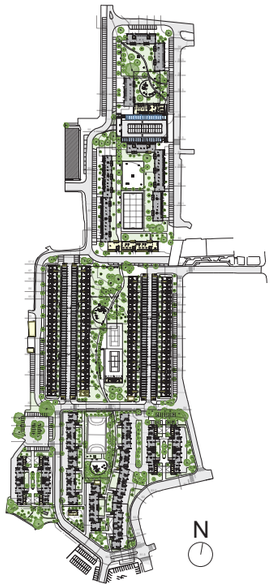






Figura 65: Fotomontagens de uma secção com a demonstração da coabitação na C.H.E. Juntos Venceremos e Gente do Amanhã

Conclusão

O presente trabalho de projeto, procurou compreender de que forma as Cooperativas de Habitação Económica em Senhora da Hora, inicialmente concebidas como modelos de habitação coletiva e comunitária, se transformaram ao longo do tempo perante alterações sociais, territoriais e geracionais. A análise das C.H.E. Juntos Venceremos, Gente do Amanhã e A Telha permitiu identificar não apenas diferentes soluções de implantação e organização espacial, mas também distintas formas de apropriação do espaço coletivo e da relação entre habitação, circulação e território.

Apesar de estas cooperativas manterem ainda muitos dos princípios espaciais associados à coabitação, nomeadamente a valorização do exterior, os percursos pedonais, os espaços verdes e os equipamentos comuns, verifica-se atualmente um enfraquecimento da vivência comunitária que caracterizou a sua origem. O envelhecimento da população residente, a individualização dos modos de vida e a alteração das rotinas quotidianas contribuíram para uma utilização mais funcional e fragmentada dos espaços coletivos, reduzindo a intensidade das relações de proximidade e convivência entre moradores.

Neste contexto, a investigação permitiu refletir sobre o próprio modelo contemporâneo de habitar, marcado por formas cada vez mais individualizadas, privatizadas e dependentes do automóvel, onde os espaços de encontro informal tendem a perder relevância no quotidiano. Em oposição a esta lógica, as cooperativas analisadas demonstram o potencial da habitação coletiva enquanto estrutura capaz de suportar redes de coabitação, entendidas não apenas como partilha física do espaço, mas como sistemas de proximidade, apoio mútuo e convivência quotidiana entre diferentes gerações e modos de vida (Figura 65).

O projeto desenvolvido procurou, assim, reinterpretar criticamente estas redes de coabitação, propondo estratégias espaciais capazes de reativar relações sociais através da reorganização do rés do chão, da redução da presença automóvel, da criação de novos espaços de encontro e da valorização do uso coletivo do exterior. Mais do que reconstruir uma ideia nostálgica de comunidade, a proposta procura criar condições contemporâneas para formas de convivência mais flexíveis, informais e adaptáveis às transformações atuais da sociedade.

Paralelamente, apesar de o trabalho se enquadrar numa lógica de decrescimento e de redução do impacto construtivo, foi necessário admitir a demolição de parte do tecido edificado existente, próprio de uma lógica de crescimento anterior, como forma de possibilitar a reestruturação do conjunto e a implementação das novas estratégias propostas. A intervenção incorpora na mesma princípios de reutilização material, entendendo a arquitetura não apenas como produção de novos volumes, mas como transformação crítica do existente. A reutilização de elementos construtivos provenientes das próprias cooperativas, como portas, caixilharias, portões, betão e pavimentos, procura reduzir o consumo de recursos, prolongar ciclos materiais e reforçar a continuidade física e social do território. Desta forma, a materialidade do projeto torna-se também um instrumento de construção de novas relações entre habitantes, espaço e memória coletiva.



Figura 66: Planta final de rés do chão da intervenção proposta

Assim, o projeto propõe uma abordagem onde habitação, território, materialidade e redes de coabitação se tornam dimensões interdependentes. Mais do que concluir uma solução totalmente fechada, o projeto pretende estabelecer um sistema aberto de possibilidades para a transformação progressiva destas cooperativas. Nesse sentido, algumas das novas construções e soluções materiais poderiam ser aprofundadas posteriormente ao nível do pormenor construtivo e técnico, sobretudo no que diz respeito aos processos de reutilização e adaptação material. Contudo, entende-se que o principal contributo do trabalho de projeto reside na reflexão crítica sobre os modos de habitar contemporâneos e na capacidade do projeto em reativar redes de coabitação através da transformação do território existente.



© C.H.E. Gente do Amanhã

Créditos de Figuras

Figura 1: Foto retirada do artigo, *Cooperativas de habitação: não deixar sem chão quem precisa de tecto*, publicado em 2023, no Coimbra Coolectiva

https://coimbracoolectiva.pt/historias/comunidade/cooperativas-de-habitacao-nao-deixar-sem-chao--quem-precisa-de-tecto/

Figura 2: Foto de Sérgio Fernandez, arquivo pessoal A. Alves Costa, mas retirada do site Technoscience of Slum Intervention

https://www.technosciencesluminterventi on.org/interventions-i-participatory-architecture-the-saal

Figura 3: Foto retirada da Wikipédia.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Servi%C3%A7o_de_Apoio_Ambulat%C3%B3rio_Local

Figura 4: Foto retirada do do Boletim *Cooperativa de Habitação Económica. Gente do Amanhã, CRL, 25 anos*, não publicado, mas editada com AI (aumento de resolução).

Figura 5: Base ortofotmapa de 2023, da SMOS, Direção Geral do Território

Figura 6: Localização das C.H.E.'s em Senhora da Hora. Fonte: Vista 3D Google Earth

Figura 16: Autoria própria e editada com AI (remoção de reflexo)

Figura 23: Fotos retiradas do livro *Habitação Cooperativa em Portugal (1974-1991)*,pp 120 e pp 121

Figura 28: Base da SMOS, Direção Geral do Território

Figura 30: Conjunto de fotos retiradas das atividades feitas nas cooperativas documentadas até 2003, retiradas do Boletim *Cooperativa de Habitação Económica. Gente do Amanhã, CRL, 25 anos*, não publicado, mas disponibilizado pelo Senhor Vitorino Oliveira da C.H.E. Gente do Amanhã.

Figura 33: Foto retirada do do Boletim *Cooperativa de Habitação Económica. Gente do Amanhã, CRL, 25 anos*, não publicado, mas editada com AI (aumento de resolução).

Figura 61.1: Portão. Fonte: Print do Google Earth

Figura 61.2: Mesa de cultivo tipo Makro. Fonte: Site Makro

Figura 7–15; 17-22; 24-27; 36-61;62-64;66: Autoria própria

Figura 29; 31-33:34-35;65: Autoria própria e grupo de Atelier Integrado: Clara Silva, Anabela Couto e Maria Gomes

Bibliografia

Decrescimento

Nelson, A., & Schneider, F. (Eds.). (2019). *Housing for degrowth: Principles, models, challenges and opportunities*. Routledge., pp. 138-158

Baker-Brown, D. & Brooker, G. (2024). *The pedagogies of re-use: The International School of Re-Construction.* Routledge., pp. 162-173

Kohei, S. (2024). *Slow Down:The Degrowth Manifesto* (Bergstrom, B. Trad)., Astra House., pp. 59-84

Degrowth. info. (s.d.). *What is degrowth?.* Degrowth. info. https://degrowth.info/degrowth

Cooperativas de Habitação

Matos, F.L. (1994). Habitação cooperativa no Grande Porto (1974/94). *Revista da Faculdade de Letras--Geografia, nº95,* pp. 45-60,

Pedrosa, P.S. (2018). As cooperativas de habitação portuguesa: o jogo dos possíveis. In A. Agarez (Ed.), *Habitação:100 anos de políticas públicas em Portugal, 1918-2018* (pp.280-315). Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, pp. 280-315

FENACHE. (1992). *Habitação cooperativa em Portugal (1974-1991).* Federação Nacional de Cooperativas de Habitação Económica.

INSCOOP - Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo. (1997). *As cooperativas de habitação em Portugal*. INSCOOP - Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo

Moreira, J.A.R.P. (2016). Projeto de Reformulação da Estrutura Verde dos Espaços Exteriores da Cidade Cooperativa da Prelada. (Tese de Mestrado em Arquitetura Paisagista). FCUP, Universidade do Porto.

Santos e Silva, V.M. (2011). *O Papel das Cooperativas na Construção de Habitação no Porto entre 1933 e 1956.* (Dissertação de Mestrado em Arquitetura). FAUP, Universidade do Porto

Portal da Habitação, (s.d.). *Cooperativas de Habitação.* Portal da Habitação. https://www.portaldahabitacao.pt/cooperat-de-habitacao

Nunes, J. (s.d.). *Nação Cooperativa – Identidade e História do Cooperativismo em Portugal.* OUTRAS ECONOMIAS

a Voz do Operário. (2024, 7 de fevereiro). *O direito à habitação – Conquista da revolução de Abril.* a Voz do Operário. https://vozoperario.pt/jornal/2024/02/07/o-direito-a-habitacao-conquista-da-revolucao-de-abril/

RTP. (1985, 9 de dezembro). *Federação Nacional de Cooperativas de Habitação.* [Vídeo]. RTP Arquivo. https://arquivos.rtp.pt/conteudos/federacao-nacional-de-cooperativas-de-habitacao/

RTP. (1994, 8 de março). *Tragédia na Senhora da Hora.* [Vídeo]. RTP Arquivo. https://arquivos.rtp.pt/conteudos/tragedia-na-senhora-da-hora/

Titan o renascer. (2020, 26 de novembro). *Breve história do Titan 2 – O início da construção do porto..* Titan o renascer. https://titan-apdl.pt/pedreiras-de-s-gens/

SAAL

Santos, R. (s.d.). *O SAAL e a Arquitectura; Projecto Editorial Operações SAAL.* Ricardo Santos Arquitectura, WorldPress. https://ricardosantos.net/investigacao/74-14-o-saal-e-a-arquitectura/

Mota, N. (2015, 21 de maio). *SAAL, SWEAT AND TEARS*. ARCHIS. https://archis.org/volume/saal-sweat-and-tears/

CCAchannel. (2015, 21 de agosto). *The SAAL Process / Le processus du SAAL: Nuno Portas.* [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=NPQ7b8fUbqY

Universidade de Coimbra. (s.d.). *Processo SAAL. Centro de Documentação 25 de Abril.* CDA25. https://cd25a.uc.pt/pt/page/1439

Serviço de Apoio Ambulatório Local, (s.d.) *In Wikipédia*. https://pt.wikipedia.org/wiki/Servi%C3%A7o_de_Apoio_Ambulat%C3%B3rio_Local

CSustentável. (s.d.). *Cobertura ajardinada: isolamento em agregado ecológico.* CSustentável https://csustentavel.com/cobertura-ajardinada-isolamento-em-agregado-ecologico/

Play Planet. (s.d.). *Banco Floreira Lido 4500S.* Play Planet. https://chatgpt.com/c/6a185179-fb00-83eb-9df4-2075851223a2

ArchEyes. (2025, July 10). *Quinta da Conceição Park by Fernando Távora: Landscape architecture in Matosinhos.* ArchEyes | Timeless Architecture. https://archeyes.com/quinta-da-conceicao-park-by-fernando-tavora-landscape-architecture-in-matosinhos/

REVISITAR FERNANDO TÁVORA. (n.d.). *Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição (1956–1960).* https://revisitavora.wordpress.com/pavilhao-de-tenis/

Portuguese Architecture. (n.d.). *1956-60 – Parque Municipal Quinta da Conceição / Fernando Távora*. https://portuguesearchitectures.wordpress.com/2014/06/20/1956-60-parque-municipal-quinta-da-conceicao-fernando-tavora/

Balters, S. (2011, August 18). *AD Classics: Robin Hood Gardens / Alison and Peter Smithson*. ArchDaily. https://www.archdaily.com/150629/ad-classics-robin-hood-gardens-alison-and-peter-smithson

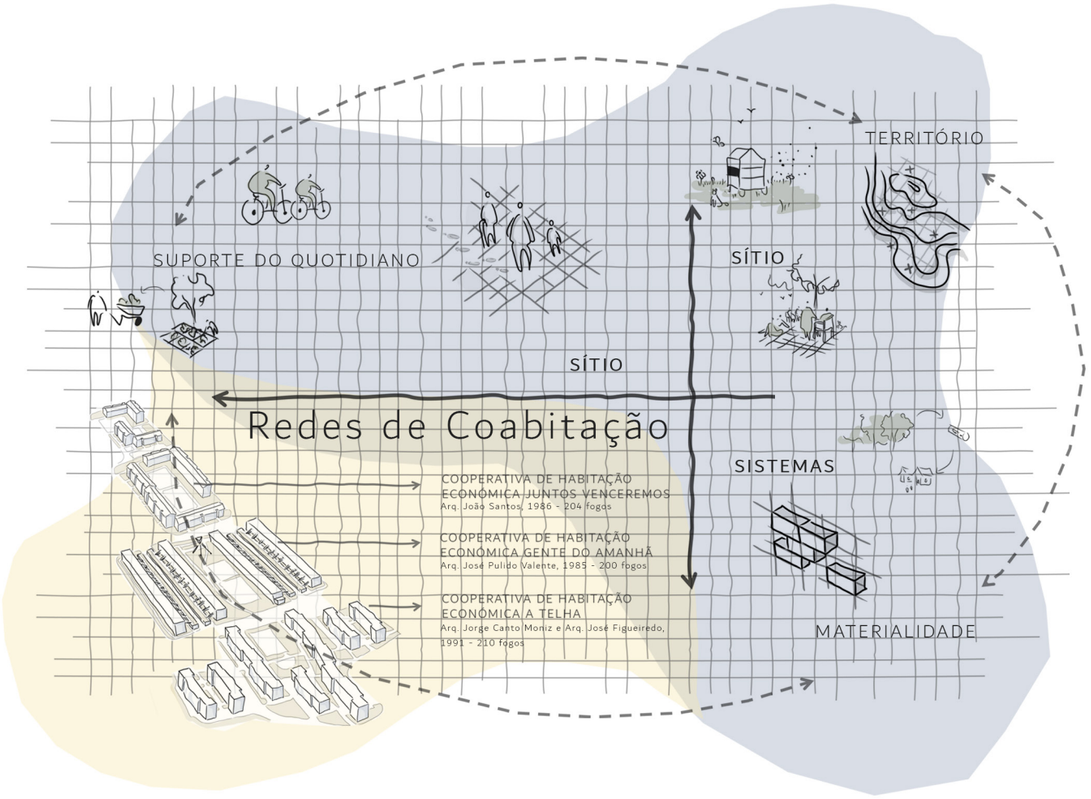
Monteys, X. (2010). *Rehabitar la calle (3)*. In X. Monteys, Editorial Gustavo Gili.

Makro. (s.d.), *HORTALIA Mesa de cultivo Gardenbrico XXL80 em madeira tratada para exterior - 200x80x80 cm*. https://www.makro.pt/marketplace/product/50103c29-1d6d-4ff4-83a7-ef10e882171f

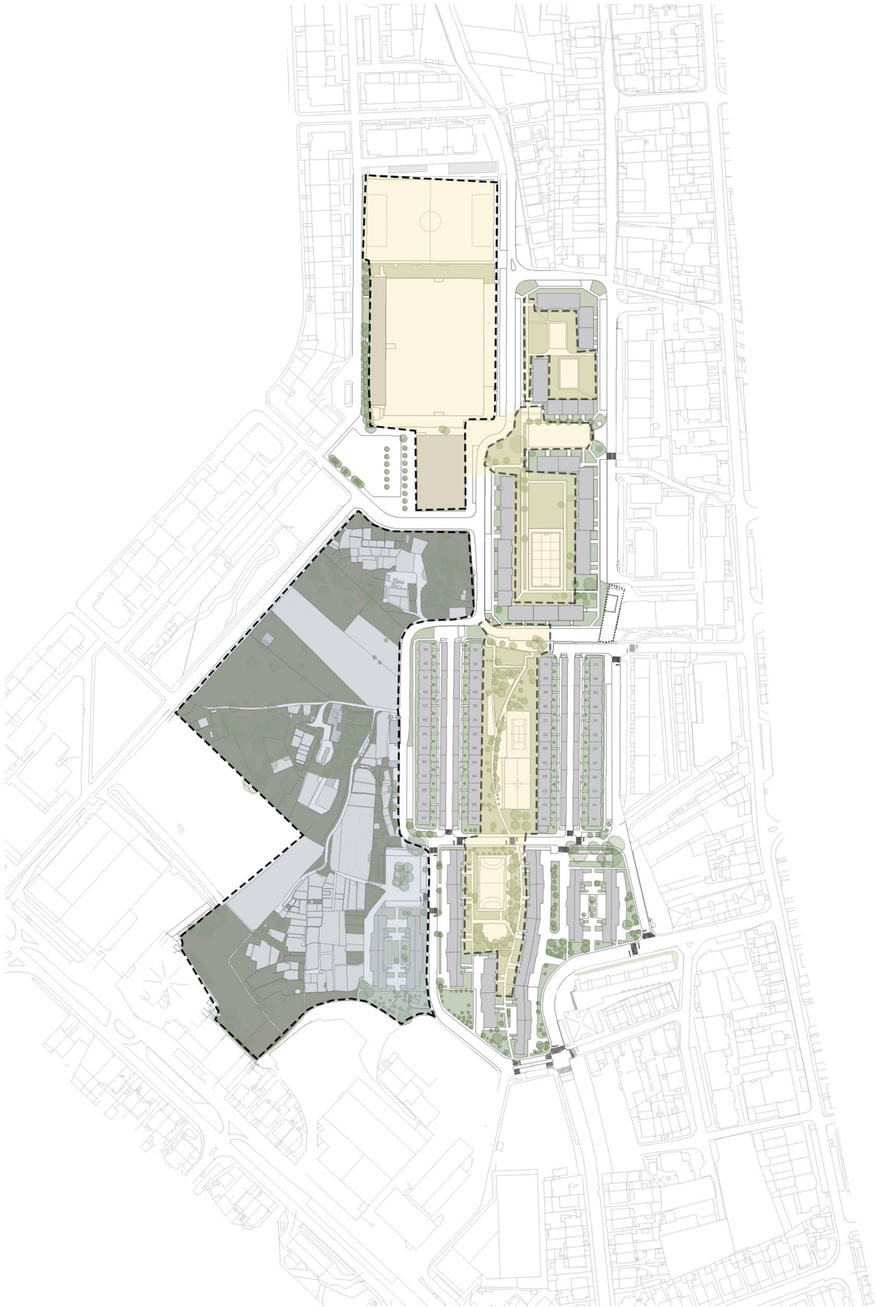
Topludi (s.d.), *Mesa de xadrez de exterior MASGAMES DAMA*. https://www.topludi.pt/mesa-xadrez-madeira-exterior-masgames

Anexos

ANEXOS I
Investigação de grupo de Atelier Integrado



Esquema grupo sobre o tema da investigação: Redes de Coabitação
© Grupo de Atelier Integrado: Anabela Couto, Clara Silva e Maria Gomes



Esquemas de grupo de estratégia e divisão em 3 âmbitos
© Grupo de Atelier Integrado: Anabela Couto, Clara Silva e Maria Gomes

Percursos Coletivos

- Eixo no terreno, marcado por um percurso pedonal e por alguns pontos sociais e de encontro; Resolver diferença de nível, entre a cooperativa Gente do Amanhã e a Cooperativa Juntos Venceremos, que interrompe continuidade e não permite um trajeto de fácil acesso, entre as três áreas; Criar elevadores de apoio e acessos fáceis e inclusivos.

Equipamentos Desportivos:

- Valorizar relação entre a atividade desportiva e o espaço de convívio que o café possibilita.

Café

- Requalificar o café da Cooperativa Juntos Venceremos e a zona exterior de esplanada;
- Resolver a diferença de nível e melhorar os acessos; Requalificar a praceta.

Estacionamento

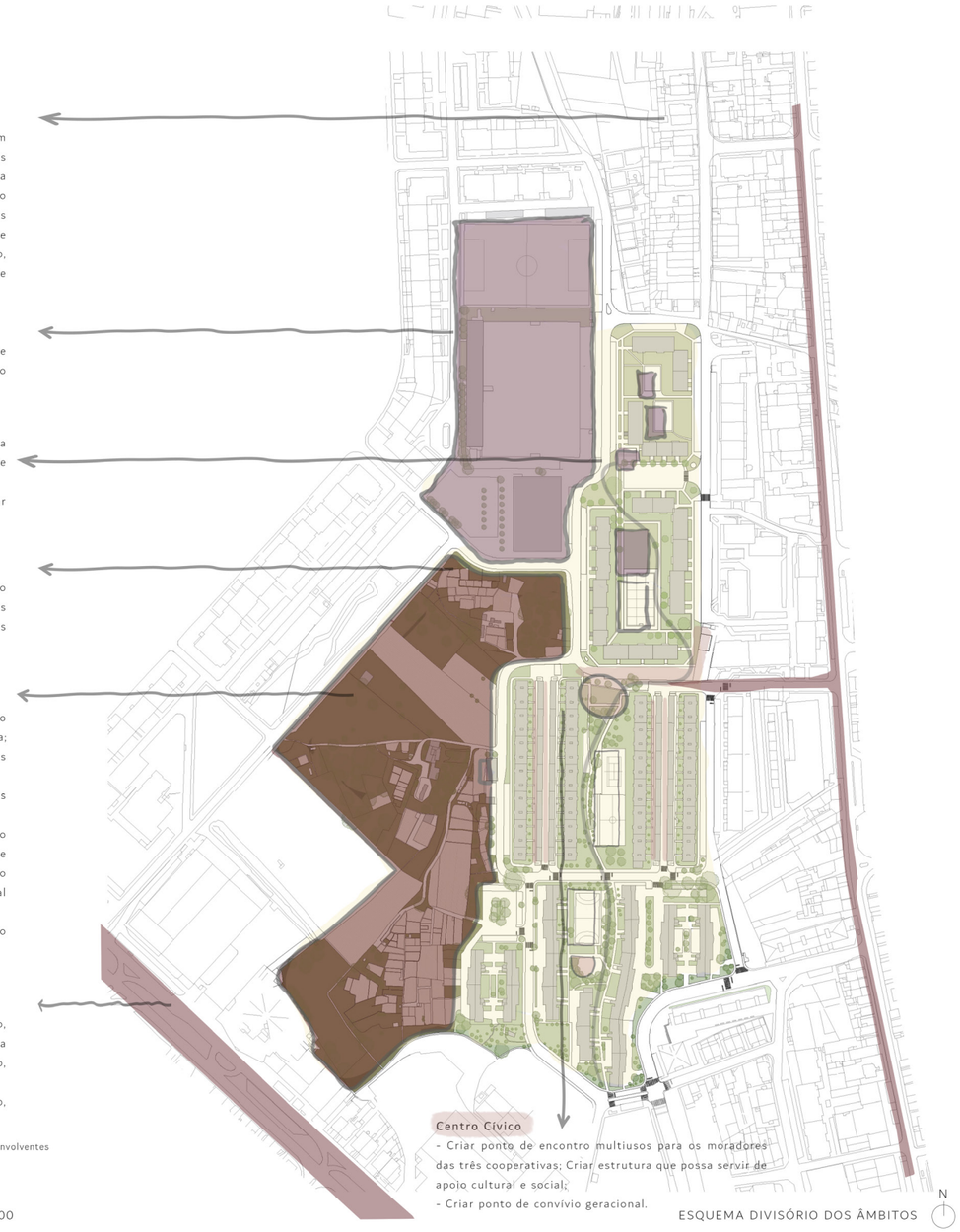
- Criar um parque de estacionamento (desenvolvido na vertical) para veículos ligeiros, com postos de carregamentos elétricos.

Hortas

- Criar talhões flexíveis, permitindo adicionar ou reduzir a área a cada pessoa;
- Inventariar os materiais reutilizados para reusar no novo desenho;
- Criar um sistema de rega ligado aos poços;
- Criar novas infraestruturas de apoio para armazenamento de utensílios e reutilizar a Sede da C.H.E Gente do Amanhã criando um espaço multifuncional e com diferentes coabitações;
- Adicionar mobília de estar, fortalecendo o convívio.

Transportes Públicos

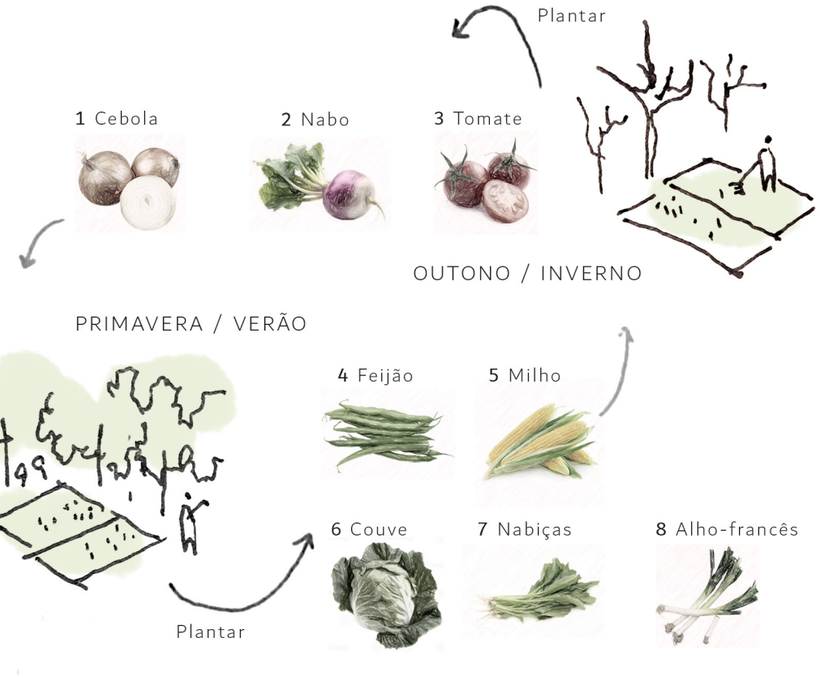
- Requalificar a Circunvalação, convertendo-a numa Avenida mais segura e que priorize as linhas de autocarro, criando um novo perfil urbano.
- Requalificar a Rua Nova do Seixo, criando um novo perfil urbano.



Esquemas de grupo de estratégia e divisão em 3 âmbitos
© Grupo de Atelier Integrado: Anabela Couto, Clara Silva e Maria Gomes

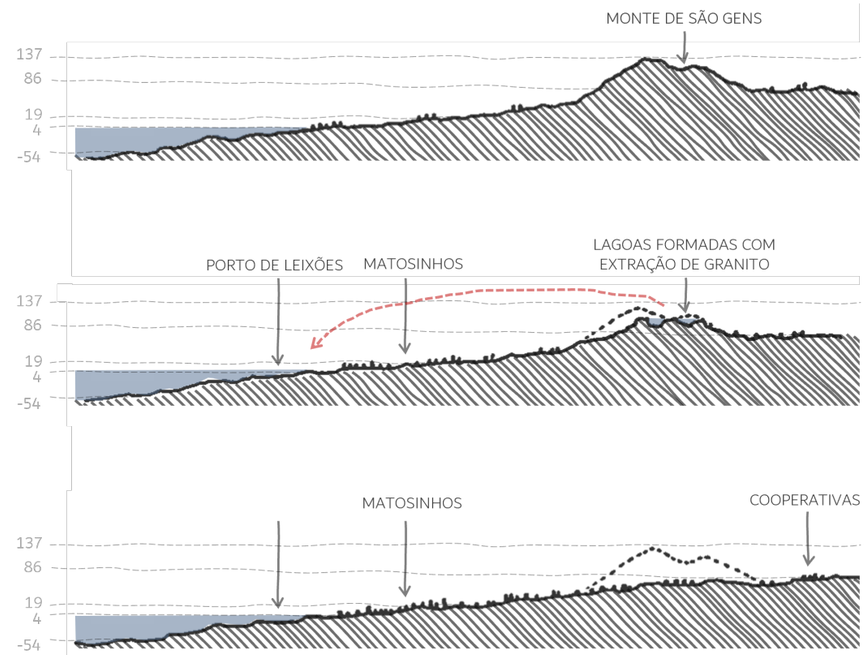


Estudo das hortas camarárias: o que se cultiva.
© Grupo de Atelier Integrado: Anabela Couto, Clara Silva e Maria Gomes



Este estudo foi feito para saber o que os moradores cultivavam e de que forma se podia trazer as hortas para o interior da C.H.E.'s.

Assim, foi decidido colocar mesas de cultivo uma vez que os produtos agrícolas são de pequeno porte, à excessão do milho.



Cortes esquemáticos da evolução topográfica



Fotomontagem com cartogrfia e fotos aéreas da zona do monte de São Gens

© Grupo de Atelier Integrado: Anabela Couto, Clara Silva e Maria Gomes



1957



1965



1979-83



2025



2015

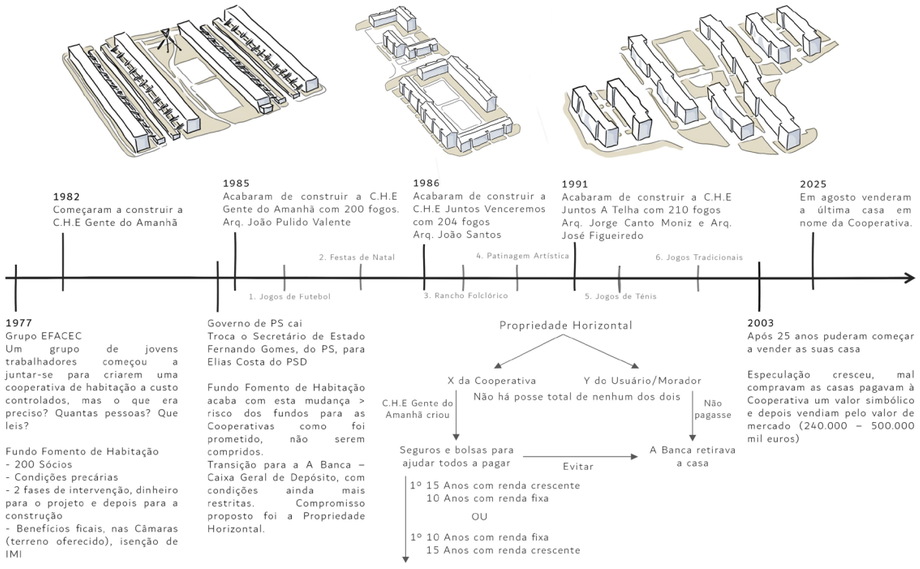


2003

Evolução topografica - envolvente das C.H.E.'s
Fonte cartográfica: SIG Matosinhos

© Grupo de Atelier Integrado: Anabela Couto, Clara Silva e Maria Gomes

Linha Cronológica das C.H.E



Esquema linha cronológica das C.H.E.'s com o processo da criação da C.H.E. Gente do Amanhã
© Grupo de Atelier Integrado: Anabela Couto, Clara Silva e Maria Gomes

Como nasceu uma cooperativa

Entrevista a Vitorino Oliveira

Síntese da entrevista realizada a Vitorino Oliveira, no dia 18 de novembro de 2025, no âmbito do estudo sobre a C.H.E. Gente do Amanhã. A informação foi organizada e parafraseada de acordo com os tópicos mais relevantes para a investigação.

Vitorino Oliveira, sócio número 1 e Presidente da Direção da C.H.E. Gente do Amanhã durante 6 anos e Presidente da mesa da Assembleia Geral durante 24 anos, conta que esta C.H.E. foi fundada em 1978, por um grupo de jovens trabalhadores da EFACEC, Empresa Fabril de Máquinas Elétricas em Matosinhos, que se juntou para criar uma cooperativa de habitação, pois viam neste movimento resposta aos seus problemas, falta de habitação digna.

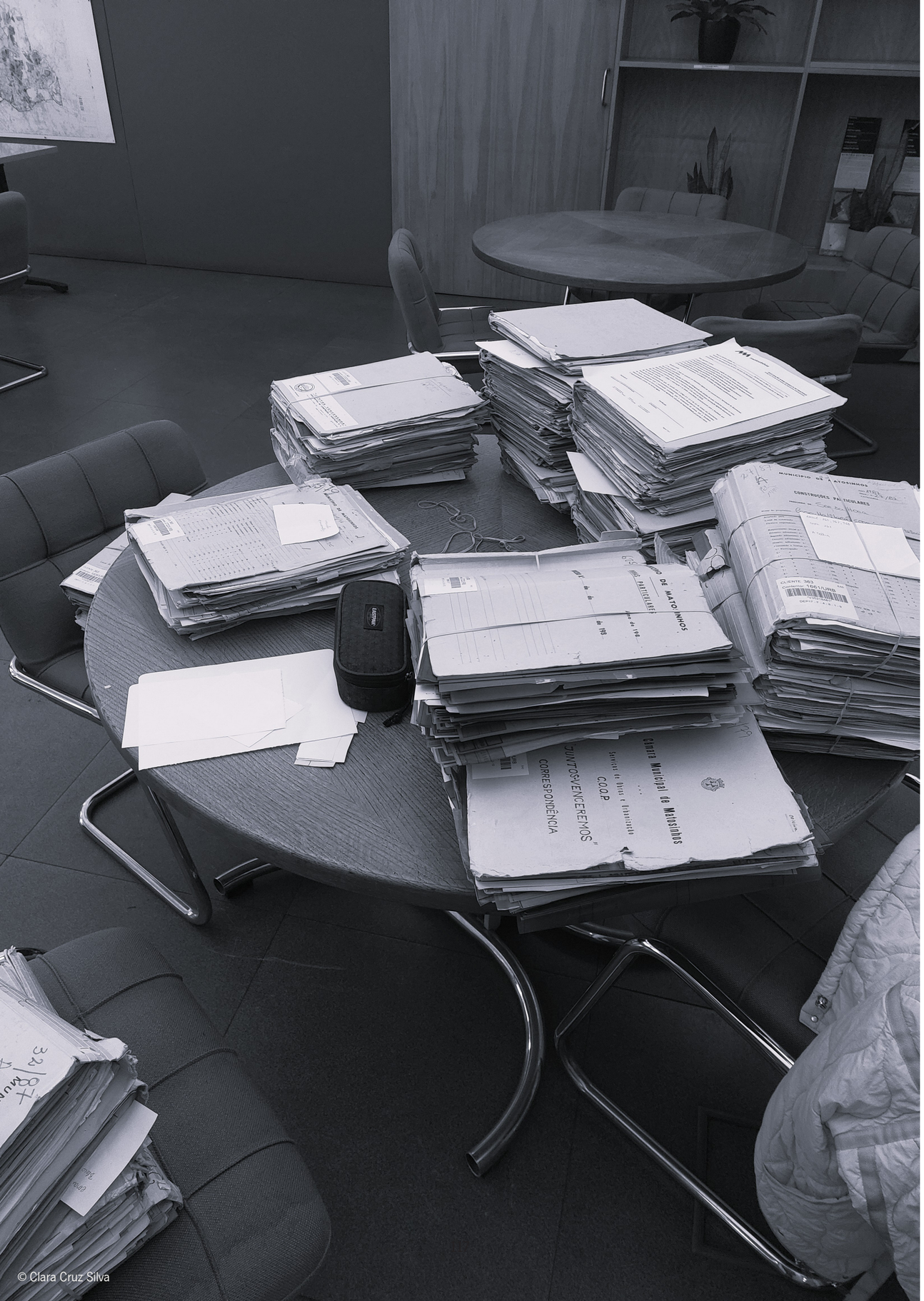
Para este início, o Fundo Fomento de Habitação era bastante importante, mas continha algumas regras, tal como: haver no mínimo 200 sócios, daí muitas cooperativas terem por volta de 200 fogos, cada sócio ficava com um dos apartamentos e tinham de provar que viviam em condições precárias, para poderem beneficiar dos apoios nestes movimentos cooperativistas.

O entrevistado explica que tinham a vontade de construir com um Regime de Propriedade Coletiva, porque era a única forma de todos usufruírem da habitação construída. Assim, o conjunto habitacional pertencia à cooperativa, e cada morador comprava a sua quota e o direito de morar ali.

Mas, quando já estavam a construir, os fundos para a construção tiveram de ser aprovados pela Caixa Geral de Depósitos. A cooperativa apresentou assim uma proposta de Regime de Propriedade Horizontal, pois era das únicas formas que estes eram aprovados, e assim durante 25 anos, até 2003, uma percentagem pertencia à cooperativa e outra ao morador.

Caso o morador não pagasse mensalmente a sua 'renda', a Banca retirava-lhe a habitação. Então a C.H.E. Gente do Amanhã criou seguros e bolsa para ajudar todos a pagar a sua parte. Isso podia acontecer de duas formas, quem tinha mais possibilidades financeiras, nos primeiros 15 a renda era crescente, e nos últimos 10 anos estagnava. Quem não tinha esta possibilidade, acontecia o contrário, nos primeiros 10 anos com renda fixa e nos últimos 15 com renda crescente. Esta solução demostra o espírito cooperativista da cooperativa, no entanto, a partir de 2003, depois de estar tudo pago, já podiam vender o fogo, primeiro comprando à cooperativa por um valor simbólico, e depois vendendo pelo valor do mercado, não dando lucro à cooperativa. Ou seja, não houve boa vontade de retribuir toda a ajuda que esta deu aos cooperadores/locatários, causando frustração e revolta a quem durante anos esteve na direção a resolver todos os problemas, incluindo o Senhor Vitorino Oliveira.

Só em agosto de 2025 é que foi vendido o último fogo que ainda pertencia totalmente à cooperativa, alguns moradores estendiam este processo, porque assim estavam isentos de pagar IMI, tinham benefícios fiscais e, também por vezes, para fugir ao fisco. Não se pode retirar algo que não está no nome do morador, mas sim da cooperativa.



© Clara Cruz Silva

Anexos II
Base documental

A documentação de arquivo presente foi primeiro, consultada no Departamento de Urbanismo da Câmara Municipal de Matosinhos, onde foi selecionado o material considerado relevante para o desenvolvimento do trabalho e posteriormente enviado.

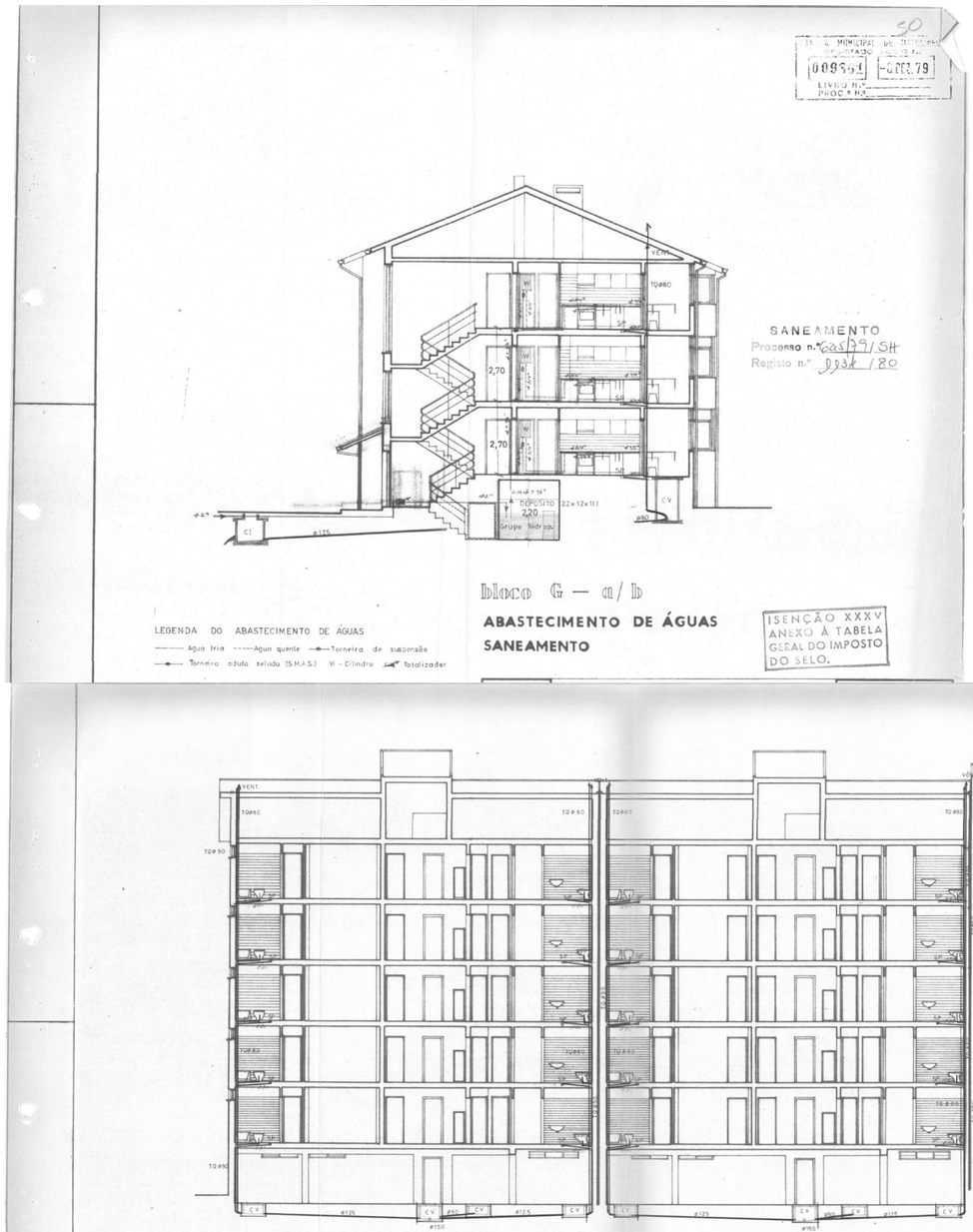
Esta documentação foi fundamental para a compreensão e desenvolvimento do estudo do rés do chão e, funcionando como base de apoio à análise espacial e à **elaboração** dos desenhos apresentados durante o trabalho. A consulta de desenhos técnicos, plantas antigas, fotografias e outros registos documentais permitiu identificar a organização original dos espaços, os elementos construtivos existentes e as sucessivas transformações sofridas ao longo do tempo. Estes materiais possibilitaram uma leitura mais rigorosa dos edifícios, contribuindo para a interpretação das suas características formais e funcionais.

Paralelamente, a investigação arquivística constituiu um instrumento essencial para o desenvolvimento do estudo projetual, permitindo estabelecer relações entre o estado atual e a configuração original do espaço. A informação recolhida serviu de suporte à elaboração das plantas do rés do chão, ajudando na definição de proporções, circulação, compartimentação e elementos arquitetónicos relevantes. Desta forma, os documentos de arquivo não foram apenas referências históricas, mas também ferramentas de análise e construção crítica do projeto, que levou à intervenção proposta.

Anexos II

Base documental - C.H.E. Juntos Venceremos

© Arquivo do Departamento de Urbanismos da Câmara Municipal de Matosinhos



CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
REGISTADO SOB O Nº
009954
- 6 DEZ. 79
LIVRO Nº
PROCESSO Nº

SANEAMENTO
Processo nº 685/79/SH
Registo nº 1934/80

LEGENDA
1—ascensor. 10—garagem colectiva. 11—arrumos. 12—bombagem da água.

LEGENDA DO SANEAMENTO
SB-Sifão de pavimento CV-Caixa de visita CI-Caixa interseptora TQ-Tubo de queda

LEGENDA DO ABASTECIMENTO DE ÁGUAS
Água fria C.M. Coluna montante —●— Torneira de suspensão

bloco F—cave

ABASTECIMENTO DE ÁGUAS
SANEAMENTO

ISENÇÃO XXXV
ANEXO À TABELA
GERAL DO IMPOSTO
DO SELO.

COOPERATIVA DE HABITAÇÃO ECONÓMICA
JUNTOS VENCEREMOS, S.C.A.R.L.
MATOSINHOS

planta — esc. 1/100 — 91

os arquitectos

CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
REGISTADO SOB O Nº
009954
- 6 DEZ. 79
LIVRO Nº
PROCESSO Nº

SANEAMENTO
Processo nº 685/79/SH
Registo nº 1934/80

LEGENDA
1—ascensor. 2—vestíbulo. 3—despensa. 4—cozinha. 5—sala comum. 6—quarto.
7—quarto de banho. 8—instalação sanitaria. 9—varanda envidraçada.

LEGENDA DO SANEAMENTO
SB-sifão de banheira. SP-sifão de pavimento. SG—Sifão de gordura TQ-Tubo de queda

LEGENDA DO ABAST. DE ÁGUAS
Água fria Água quente Contador CM-Coluna montante —○— Cilindro —●— Torneiro de suspensão
Torneiro adulto selada (S.M.A.S.)

bloco F—rés do chão

ABASTECIMENTO DE ÁGUAS
SANEAMENTO

ISENÇÃO XXXV
ANEXO À TABELA
GERAL DO IMPOSTO
DO SELO.

COOPERATIVA DE HABITAÇÃO ECONÓMICA
JUNTOS VENCEREMOS, S.C.A.R.L.
MATOSINHOS

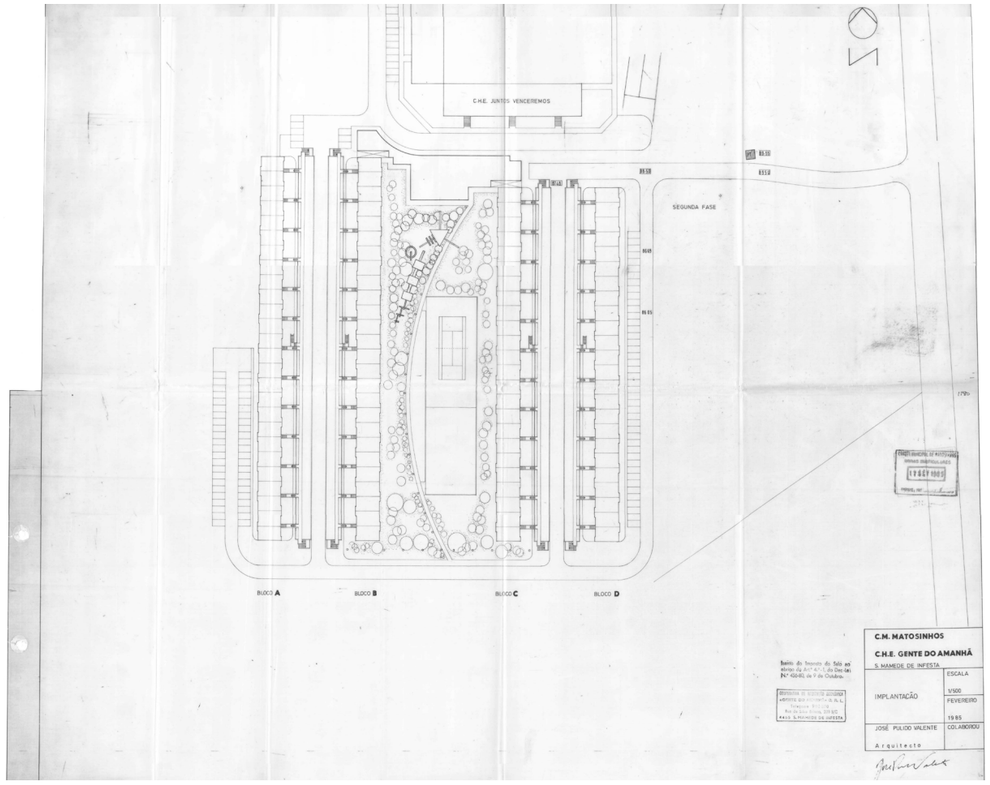
planta — esc. 1/100 — 92

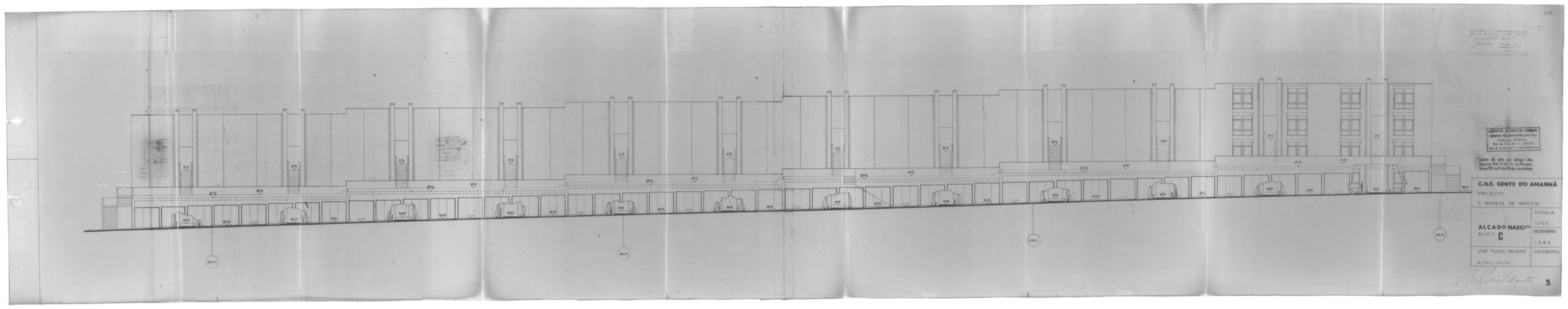
os arquitectos

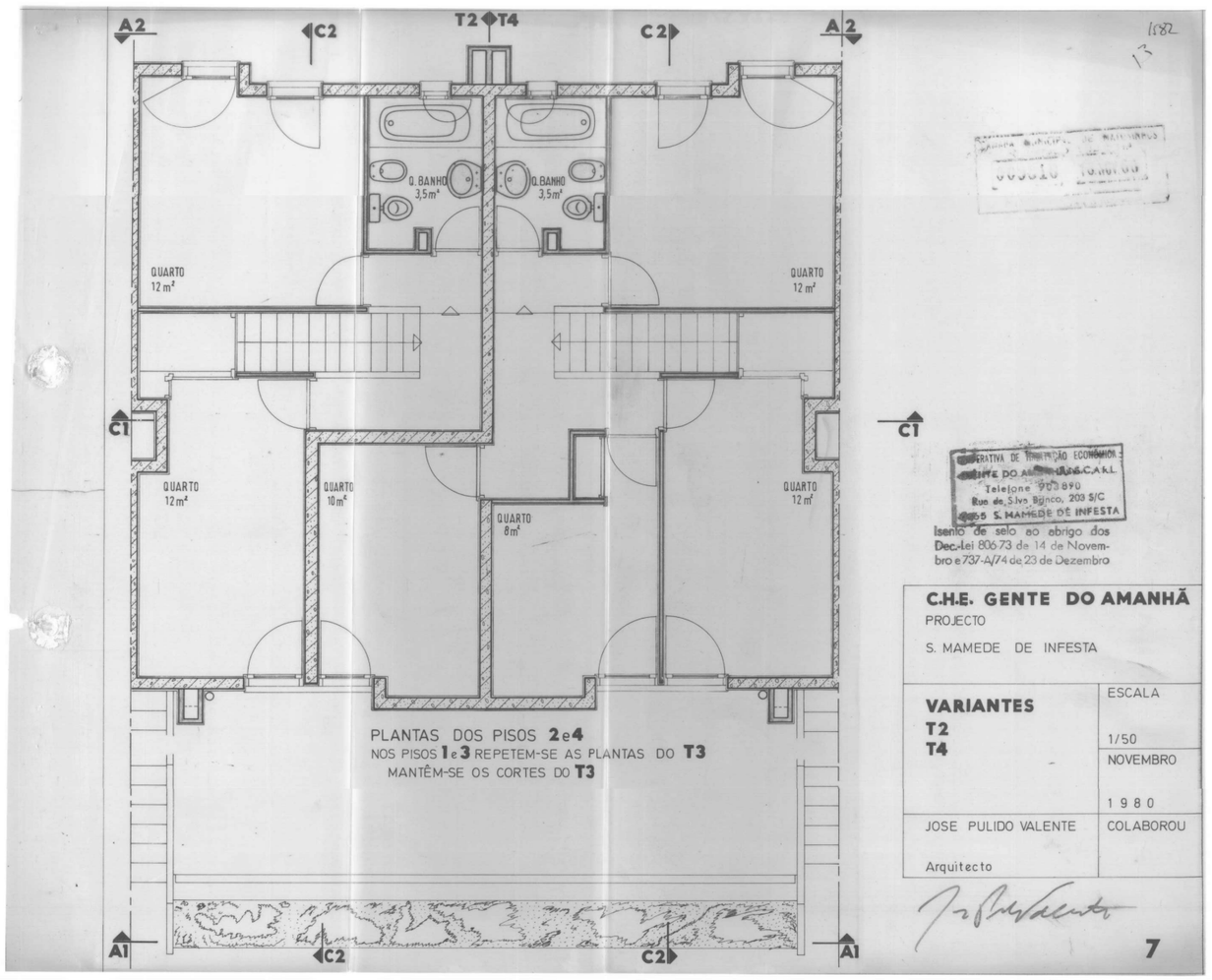
ANEXOS II

Base documental - C.H.E. Gente do Amanhã

© Arquivo do Departamento de Urbanismos da Câmara Municipal de Matosinhos







1582

13

COOPERATIVA DE HABITAÇÃO ECONÓMICA «GENTE DO AMANHÃ» S.C.A.R.L. Telefone 903 890 Rua de S.Ivo Branco, 203 S/C 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

Isento de selo ao abrigo dos Dec.-Lei 806/73 de 14 de Novembro e 737-A/74 de 23 de Dezembro

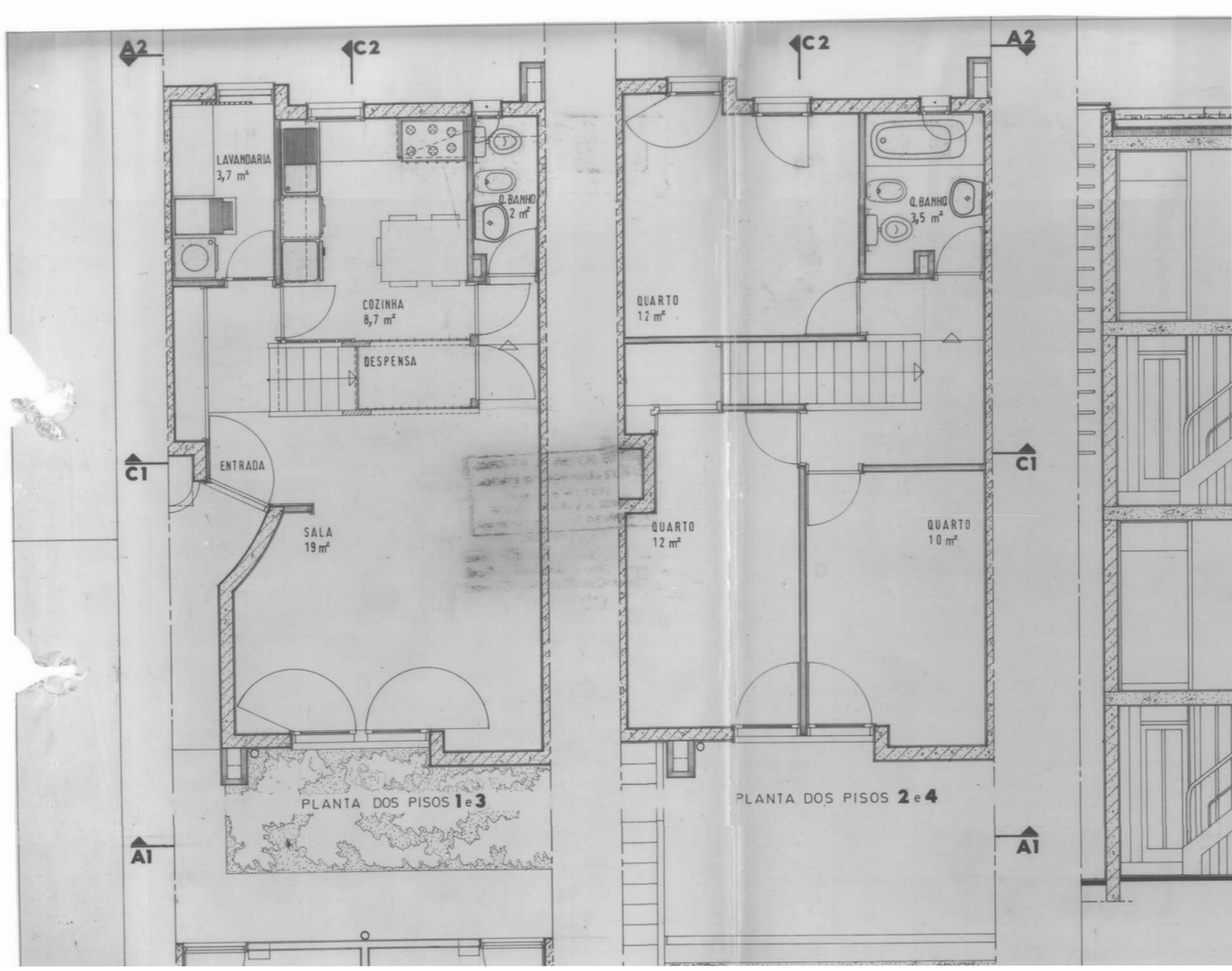
C.H.E. GENTE DO AMANHÃ

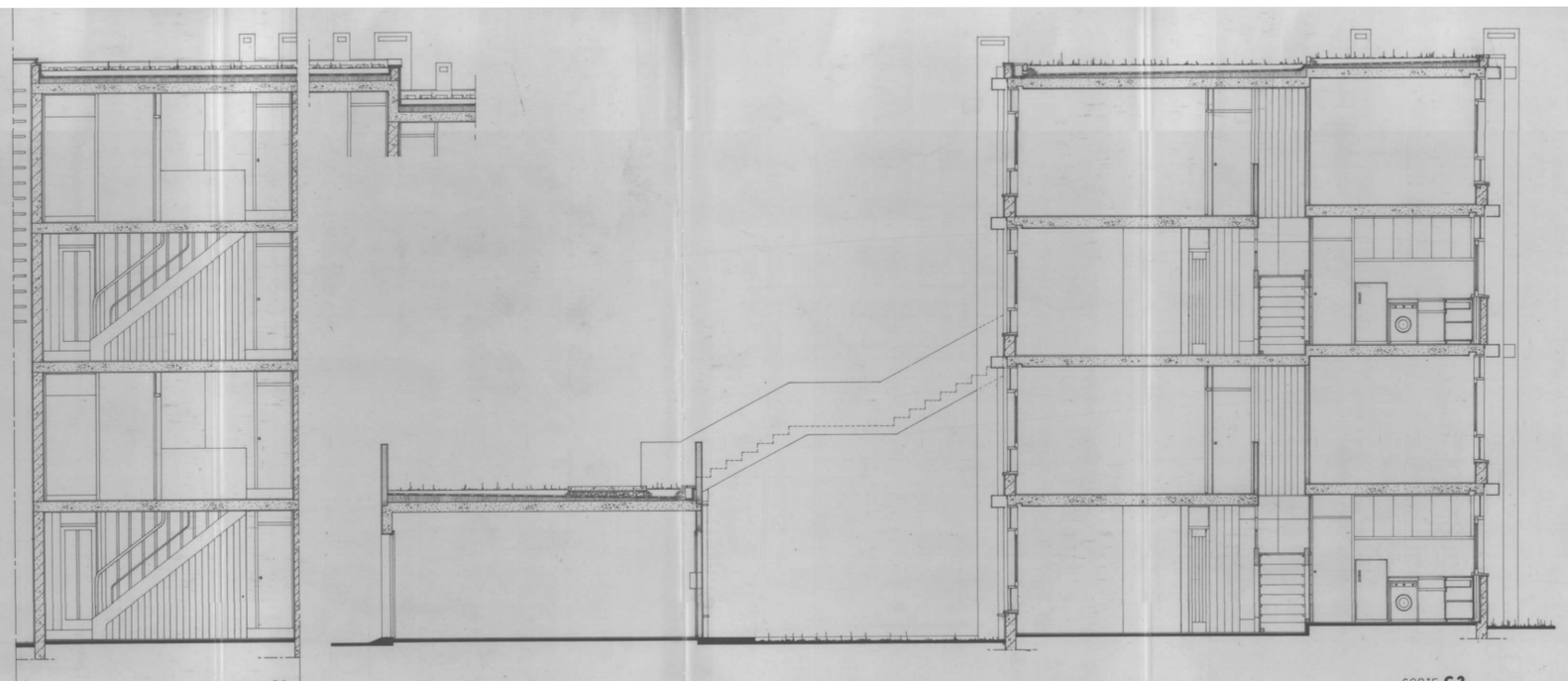
PROJECTO

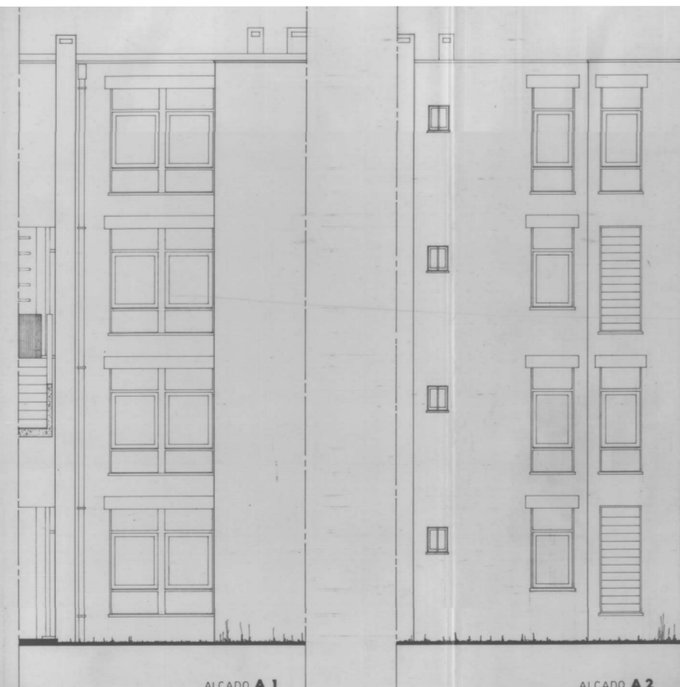
S. MAMEDE DE INFESTA

VARIANTES **T2** **T4**	ESCALA 1/50
	NOVEMBRO 1980
JOSE PULIDO VALENTE Arquitecto	COLABOROU

7







7

Isento de selo ao abrigo dos Dec.-lei 806/73 de 14 de Novembro e 737-A/74 de 23 de Dezembro

COOPERATIVA DE HABITAÇÃO ECONÓMICA «GENTE DO AMANHÃ» S.C.A.R.L. Telefone 903890 Rua de São Ivo Branco, 203 S/C 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

C.H.E. GENTE DO AMANHÃ

PROJECTO

S. MAMEDE DE INFESTA

T 3	ESCALA 1/50
	JUNHO 1980
JOSE PULIDO VALENTE Arquitecto	COLABOROU

COOPERATIVA DE HABITAÇÃO ECONÓMICA «GENTE DO AMANHÃ» S.C.A.R.L. Telefone 903890 Rua de São Ivo Branco, 203 S/C 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

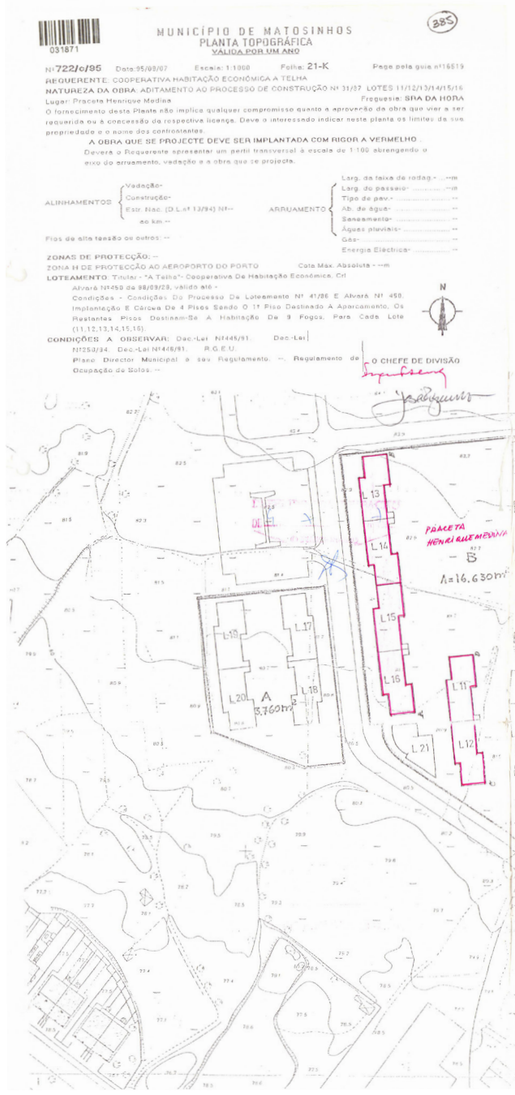
2

Anexos II

Base documental - C.H.E. A Telha

© Arquivo do Departamento de Urbanismos da Câmara Municipal de Matosinhos







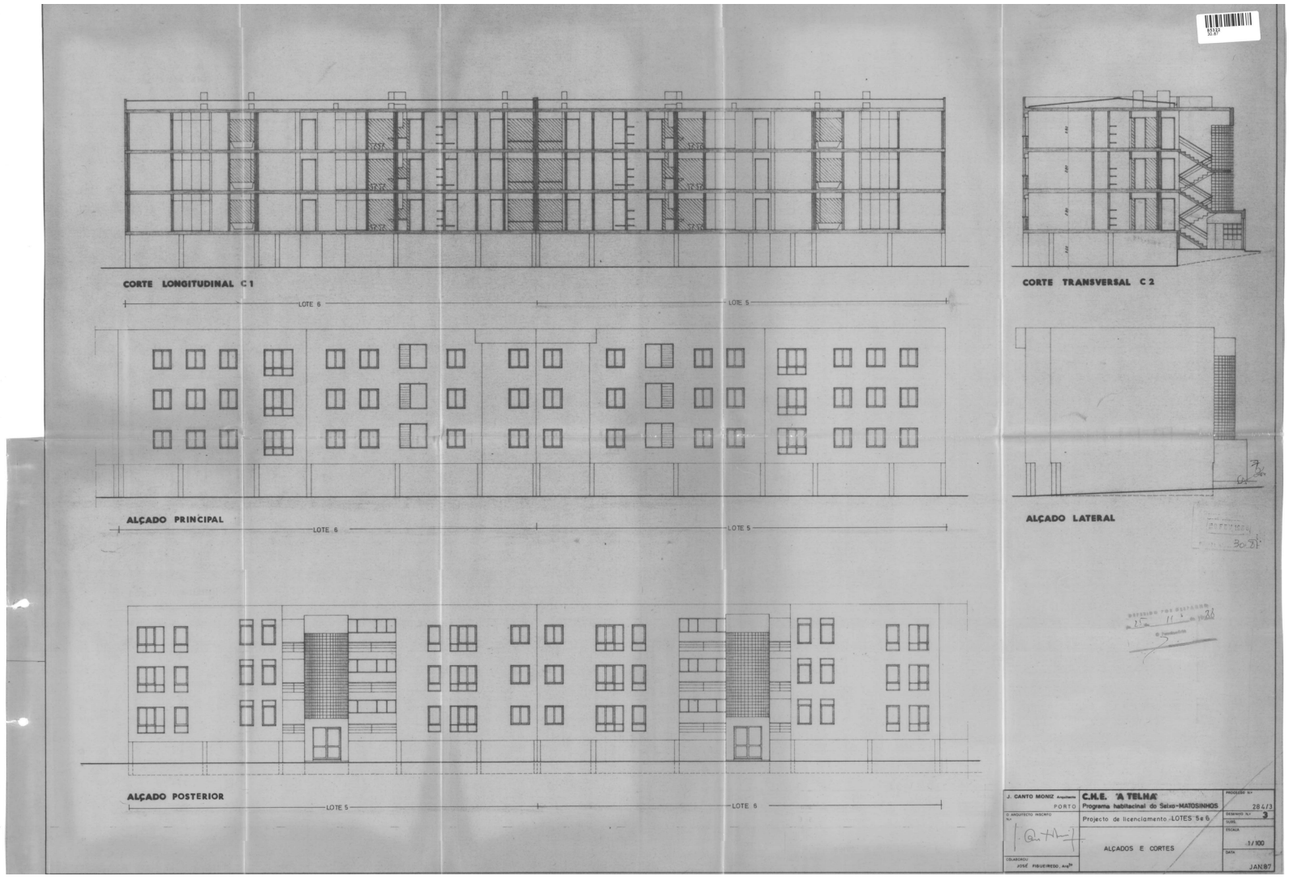


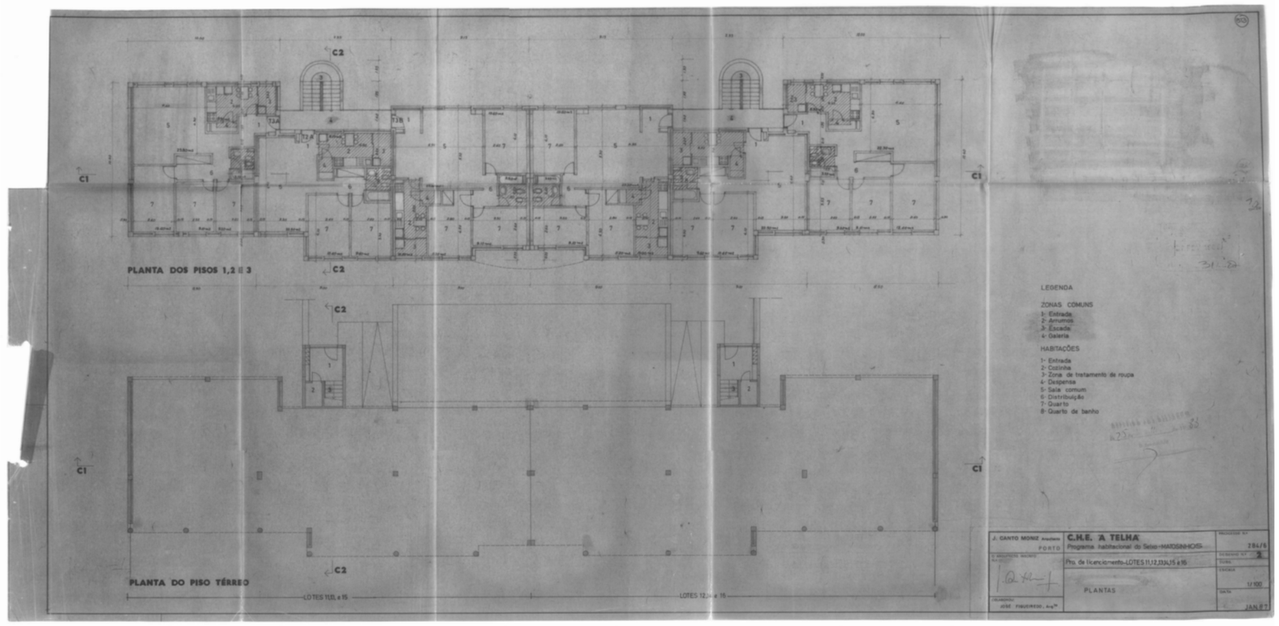


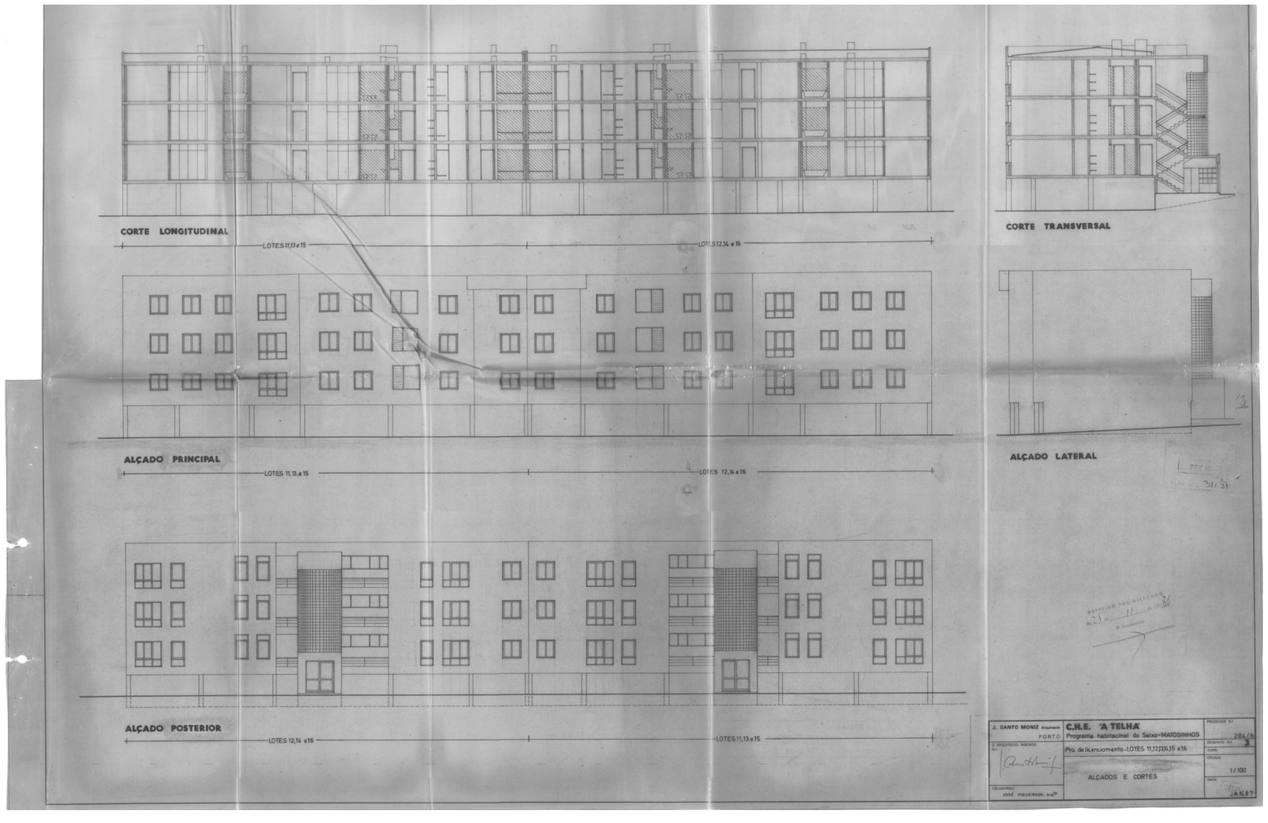
Estes desenhos com as transformações a construir, permitiram afirmar que a C.H.E. A Telha teve duas fases de construção.

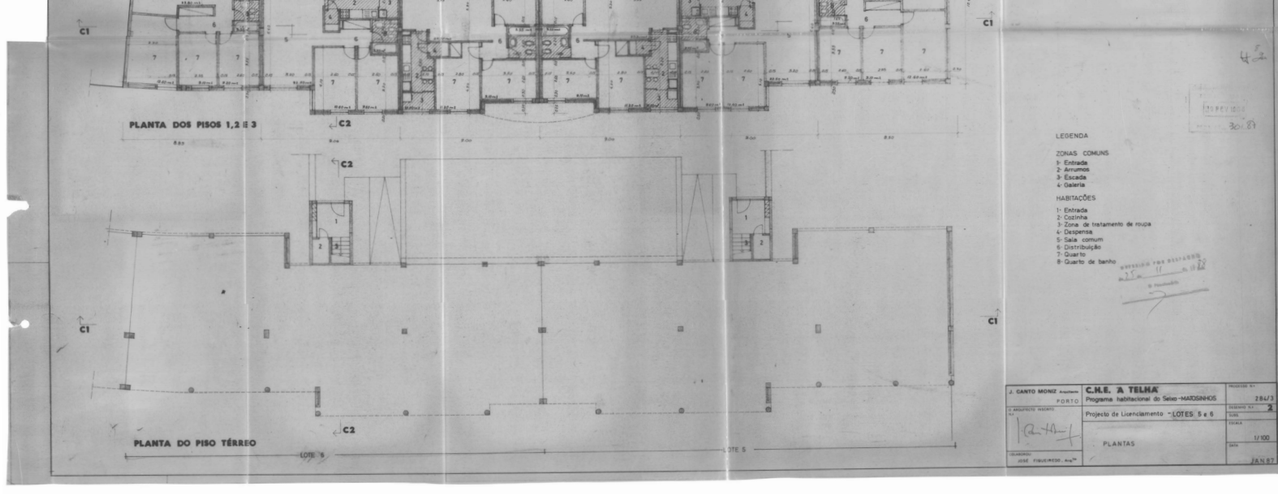
Antes elevada em pilotis, como se via em algumas fotos antigas. Mas, posteriormente, em 2005, foi feito um projeto que delimitou os lotes, fechando o rés do chão e colocando portões de garagens. No interior foram criados zonas de arrumos e paredes divisórias entre lugares de estacionamento.

Com esta documentação, foi possível redesenhar esta segunda fase e perceber as transformações não apenas fisicas, mas também sociais.









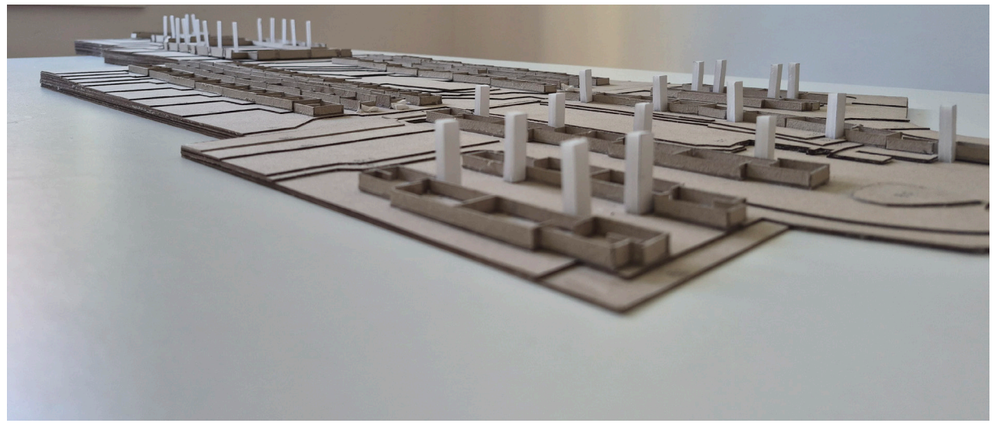
Desenhos do Arquivo do Departamento de Urbanismos da Câmara Municipal de Matosinhos:
Alçados e cortes originais iniciais

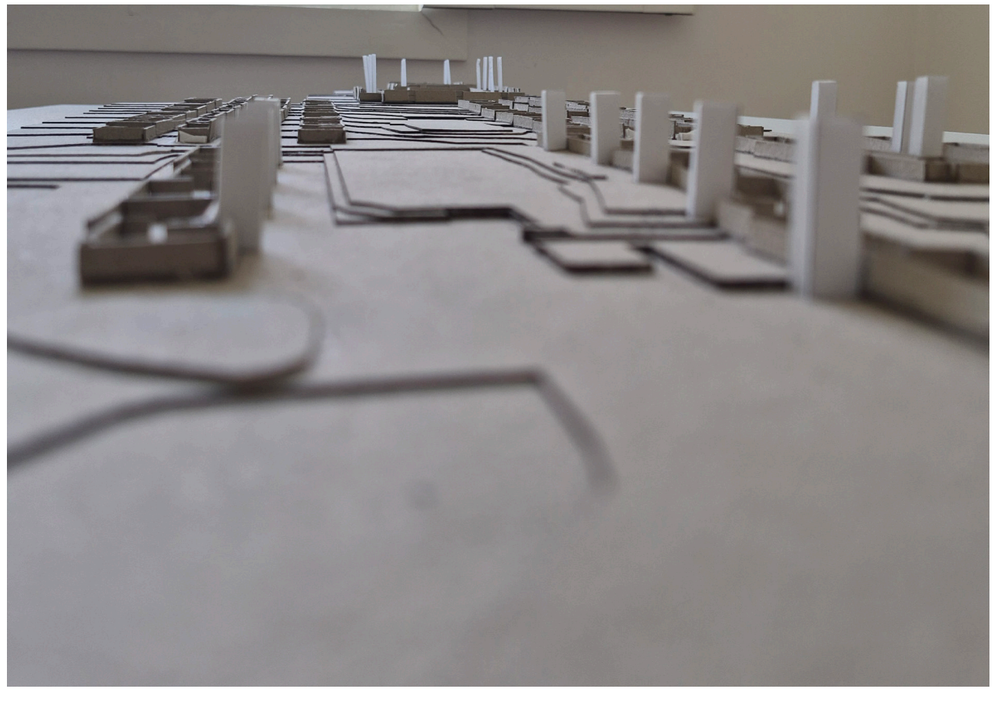


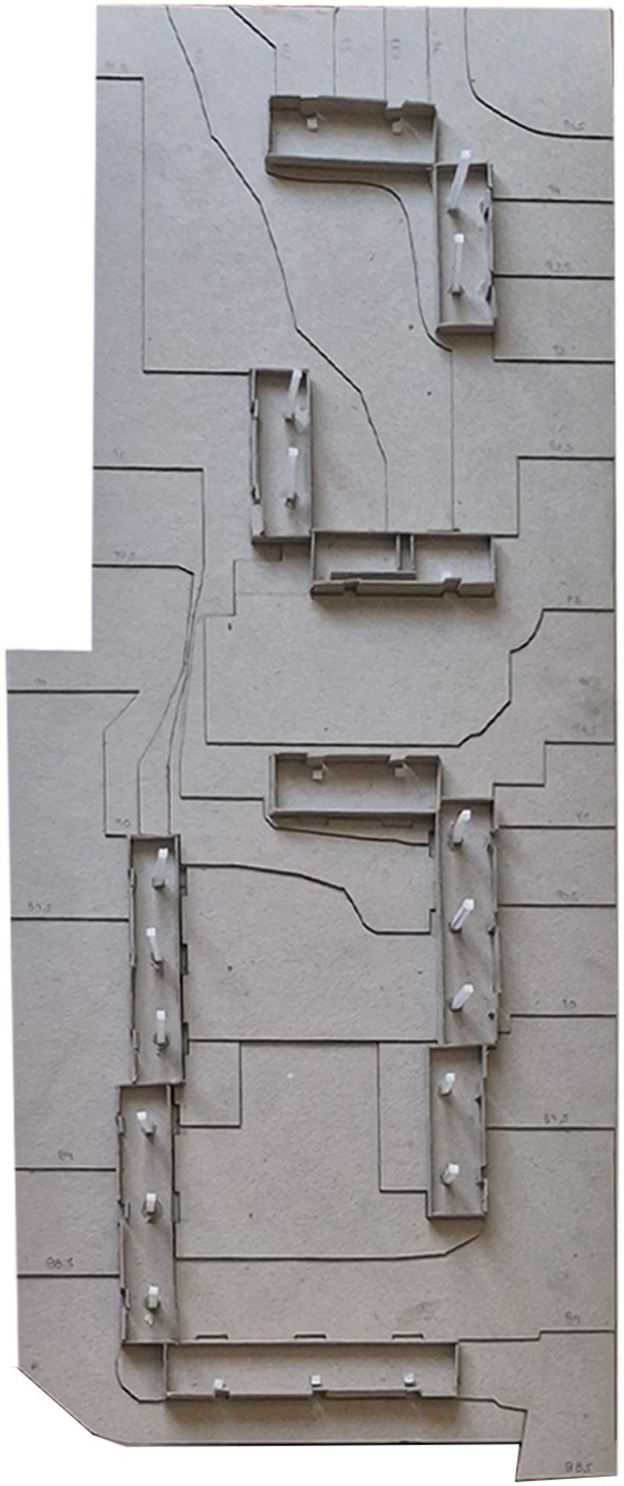
Anexos III

Maquete

Realizada pela autora





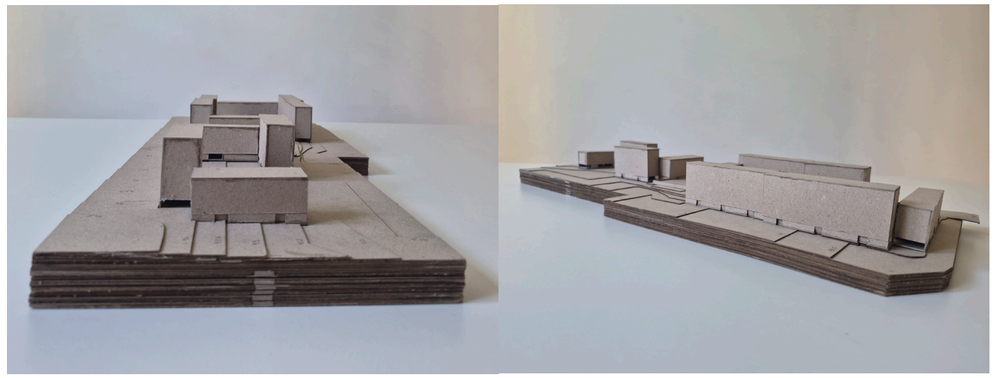


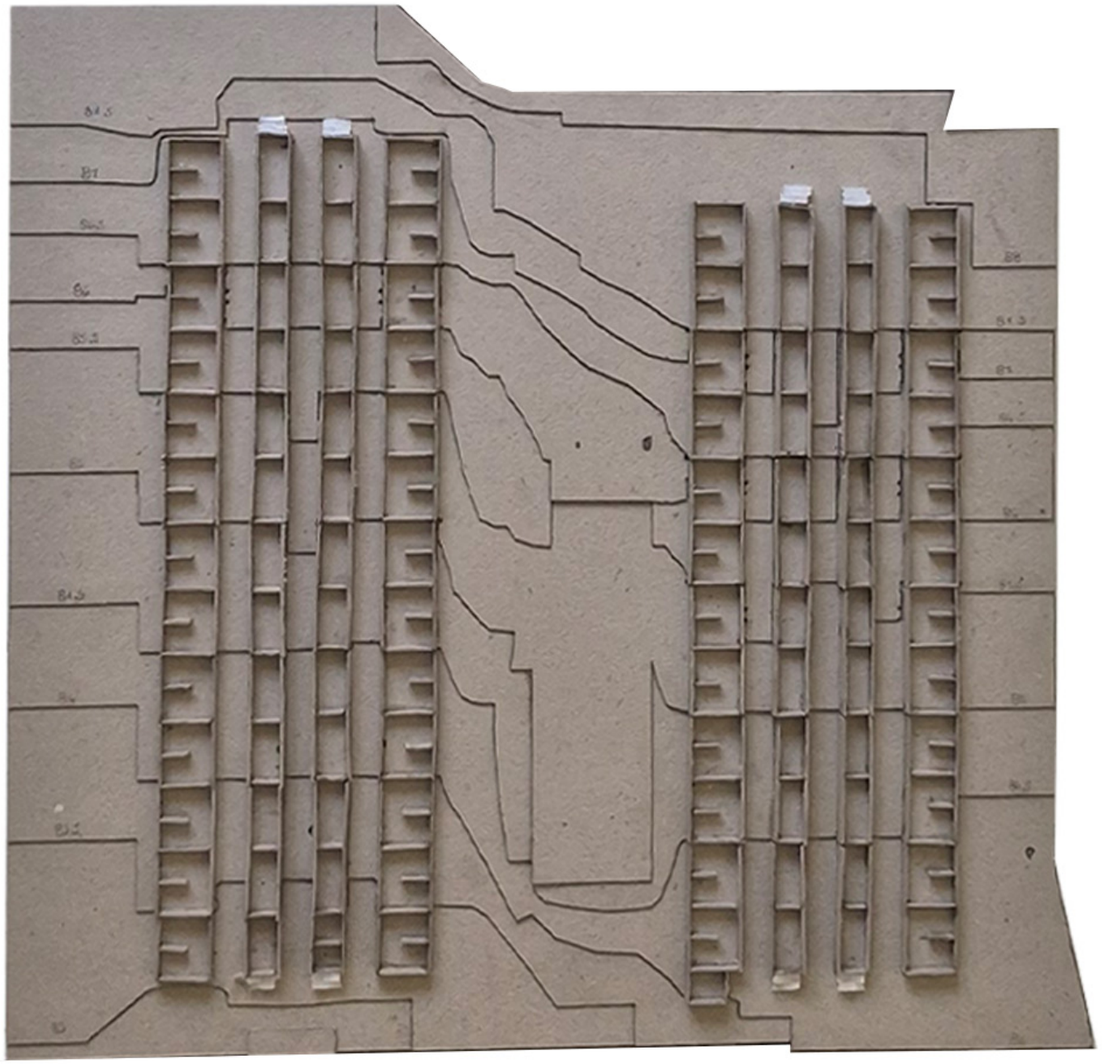
ANEXOS III

Maquete - C.H.E. Juntos Venceremos

Realizada pela autora





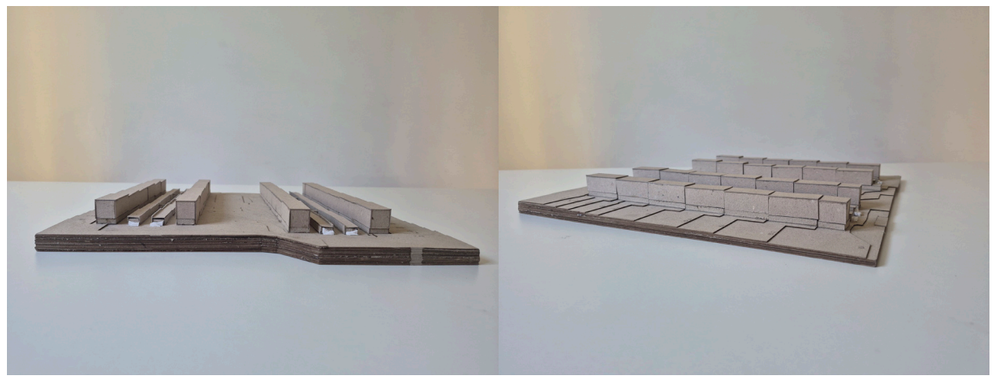


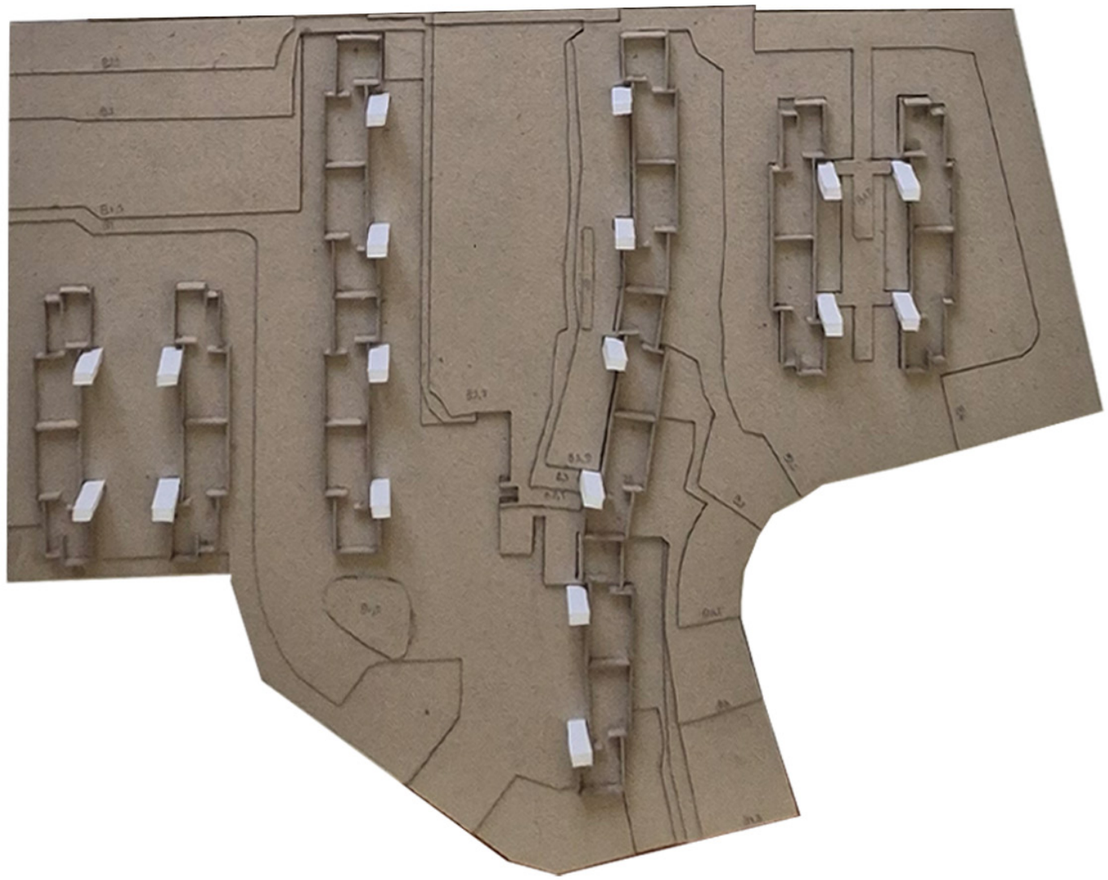
ANEXOS III

Maquete - C.H.E. Gente do Amanhã

Realizada pela autora







Anexos III

Maquete - C.H.E. A Telha

Realizada pela autora

